



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

MARIA GRAÇA MANOELA PESSOA DOS SANTOS

ATIVIDADES DE RETEXTUALIZAÇÃO ENTRE ORALIDADE E
ESCRITURALIDADE, UM PROJETO PARA O 7º ANO A PARTIR DE O PEQUENO
PRÍNCIPE

NATAL

2019

MARIA GRAÇA MANOELA PESSOA DOS SANTOS

**ATIVIDADES DE RETEXTUALIZAÇÃO ENTRE ORALIDADE E
ESCRITURALIDADE, UM PROJETO PARA O 7º ANO A PARTIR DE O PEQUENO
PRÍNCIPE**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – Proletras- como requisito para a obtenção do título de mestre, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Área de Concentração: Linguística e Letramento

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

NATAL

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes - CCHLA

Santos, Maria Graça Manoela Pessoa dos.

Atividades de retextualização entre oralidade e escrituralidade, um projeto para o 7º ano a partir de O Pequeno Príncipe / Maria Graça Manoela Pessoa dos Santos. - 2019.

215f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Mestrado Profissional em Letras. Natal, RN, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

1. O Pequeno Príncipe - Dissertação. 2. Sequência didática - Dissertação. 3. Oralidade e escrituralidade - Dissertação. 4. Tradições discursivas - Dissertação. I. Costa, Alessandra Castilho Ferreira da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 808

MARIA GRAÇA MANOELA PESSOA DOS SANTOS

**ATIVIDADES DE RETEXTUALIZAÇÃO ENTRE ORALIDADE E
ESCRITURALIDADE, UM PROJETO PARA O 7º ANO A PARTIR DE O PEQUENO
PRÍNCIPE**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito para obtenção do título de mestre no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Castilho Ferreira da Costa – Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^ª. Dr^ª. Maria das Graças Soares Rodrigues – Membro interno
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^ª. Dr^ª. Kazue Saito Monteiro de Barros – Membro externo
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a minha mãe que, usada por Deus, aplainou os meus caminhos para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me guiou durante todo o curso.

A minha mãe por ser meu braço forte.

Aos meus irmãos Ana Graça e Esdra e ao meu padrasto, José da Silva pelo apoio tão precioso.

À Fernanda, Maysa, Dione e Leividânia pela amizade e parceria nos momentos bons e difíceis durante esses dois anos de curso.

Aos meus alunos que se engajaram nesse projeto.

À todos que fazem parte da Escola Estadual Demétrio Urbano pelo apoio.

Às professoras doutoras Kazuê Saito Monteiro de Barros, da UFPE e Maria das Graças Soares Rodrigues, da UFRN, pelas relevantes contribuições na defesa desse estudo.

À professora doutora Alessandra Castilho da Costa , pelo apoio, paciência e ensinamentos valiosos.

A Kaio, Lidiana e Ruteana por todo auxílio que me deram.

À CAPES pela concessão da bolsa que viabilizou esta pesquisa.

RESUMO

O presente estudo fundamenta-se nos instrumentos teórico-metodológicos do modelo de Tradições Discursivas (Coseriu 1955/56; Koch 1997; Koch/Oesterreicher 1990; Kabatek 2006; Raible, entre outros). Nessa perspectiva teórica, todo discurso, seja ele veiculado fônica ou graficamente, localiza-se num espaço do contínuo de oralidade e escrituralidade (Koch/Oesterreicher 1990), que diz respeito não ao meio de veiculação dos textos, mas à sua concepção discursiva, isto é, à sua configuração linguística. De caráter interventivo e interpretativo, este trabalho busca, de um lado, desenvolver uma sequência didática (cf. Dolz e Schneuwly 2004; Lopes-Rossi 2006) para a aquisição da escrituralidade (cf. Koch/Oesterreicher 1990) no 7º. Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Santa Maria (RN), a partir da elaboração e aplicação de um guia de leitura e produção de textos sobre a obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry, com atividades de retextualização (cf. Marcuschi 2005), que promovam o deslocamento dos textos no contínuo de oralidade e escrituralidade. De outro lado, busca-se verificar o impacto dessa intervenção por meio da análise do deslocamento das produções dos diferentes grupos do *corpus* (Diagnóstico, Primeira Reescrita, Versão Final) em tal contínuo. A análise centra-se nas técnicas de junção, entendida como a expressão de relações semânticas (Raible 1992; Kabatek 2006; Castilho da Costa 2015). Na fase interventiva do projeto, as atividades de retextualização promoveram o contato dos alunos com variedades linguísticas e TD da esfera literária, que culminaram com a produção dum capítulo suplementar à obra literária em tela. Na fase de análise, verificou-se a distribuição quantitativa e qualitativa dos recursos de junção nas narrativas do *corpus*, isto é, com relação à sua frequência e ao tipo de relação semântica e grau de integração sintática, utilizando-se, para tanto, o programa Tradisc. Como resultado, a análise demonstrou um deslocamento das produções dos alunos em direção à escrituralidade, comprovando o impacto da intervenção para a aquisição e aprendizagem dos recursos linguísticos e tradicionalidades da escrituralidade, em específico, da esfera literária.

Palavras-chave: O Pequeno Príncipe; Sequência Didática; contínuo de oralidade e escrituralidade; junção; tradições discursivas (TD).

ABSTRACT

The present study is based on the theoretical-methodological tools of the Discursive Traditions model (Cosériu 1955/56, Koch 1997, Koch / Oesterreicher 1990, Kabatek 2006, Raible, among others). In this theoretical perspective, all discourse, whether it is transmitted phonic or graphically, is located in a space of the continuum of orality and scripturality (Koch / Oesterreicher 1990), which concerns not the medium of the texts, but to its discursive conception, this is, to its linguistic configuration. On the one hand, this work seeks to develop a didactic sequence (Dolz and Schneuwly 2004; Lopes-Rossi 2006) for the acquisition of scripturality (see Koch / Oesterreicher 1990) in the 7th. Year of Primary Education of a public school in Santa Maria (RN), based on the preparation and application of a guide for reading and producing texts on the work *The Little Prince* of Antoine de Saint Exupéry, with activities of re-contextualization (see Marcuschi 2005), which promote the displacement of texts in the continuity of orality and scripturality. On the other hand, it is sought to verify the impact of this intervention by analyzing the displacement of the productions of the different corpus groups (Diagnosis, First Rewriting, Final Version) in such a continuum. The analysis focuses on the junction techniques, understood as the expression of semantic relations (Raible 1992; Kabatek 2006; Castilho da Costa 2015). In the intervention phase of the project, the activities of retextualization promoted the students' contact with linguistic and TD varieties of the literary sphere, culminating in the production of a supplementary chapter to the literary work on canvas. In the analysis phase, we verified the quantitative and qualitative distribution of the join resources in the narratives of the corpus, that is, in relation to its frequency and the type of semantic relation and degree of syntactic integration. program Tradisc. As a result, the analysis showed a displacement of students' productions towards scripturality, proving the impact of the intervention for the acquisition and learning of the linguistic resources and traditionalities of the specific literariness of the literary sphere.

Keywords: *The Little Prince*; Following teaching; continuity of orality and scripturality; junction; discursive traditions (TD).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Análise global das relações semânticas em relação ao total de palavras no corpus (autoria própria)	61
Gráfico 2: Análise global dos graus de integração sintática em relação ao total de palavras no corpus (autoria própria)	61
Gráfico 3-Relações semânticas no Diagnóstico (autoria própria).....	62
Gráfico 4-Relações semânticas na Primeira Versão (autoria própria)	65
Gráfico 5- Relações semânticas na Versão Final (autoria própria).....	67
Gráfico 6- Graus de integração sintática no Diagnóstico (autoria própria)	70
Gráfico 7-Graus de integração sintática na Primeira Versão (autoria própria)....	73
Gráfico 8- Graus de Integração sintática na Versão Final (autoria própria).....	76
Gráfico 9-Juntograma do Diagnóstico (autoria própria)	79
Gráfico 10- Juntograma da Primeira Versão (autoria própria)	79
Gráfico 11- Juntograma da Versão Final (autoria própria).....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Valores paramétricos comunicativos da carta pessoal (cf. Koch/Oesterreicher 1997, p. 28).....	21
Figura 2: Valores paramétricos comunicativos do <i>Pequeno Príncipe</i> (autoria própria).....	27

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Tradições discursivas (KABATEK, 2006.P.508)	17
Esquema 2: Evocação (KABATEK, 2006.P.511).....	18

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1. Os três níveis do linguístico (Coseriu 1995/56) e o conceito de texto ou discurso	15
2.2. A duplicação do nível histórico e o conceito de tradições discursivas	17
2.3. O contínuo de oralidade e escrituralidade	19
2.4. A junção.....	22
2.5. O romance infanto-juvenil entre oralidade e escrituralidade	24
3 METODOLOGIA E INTERVENÇÃO	28
3.1. Os participantes	28
3.2. Descrição do local da intervenção	28
3.3. Sequência didática	28
3.4. Proposta de intervenção.....	32
Módulo de leitura- Conhecendo a obra O Pequeno Príncipe.....	35
Módulo de escrita- Aplicando os conhecimentos no papel.	52
Avaliação.	56
Módulo de divulgação – Efetivando os capítulos suplementares	57
4 DIGITAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	59
5 ANÁLISE DA JUNÇÃO	60
5.1. Análise global das relações semânticas e dos graus de integração sintática nos diferentes grupos	60
5.2. Análise das Relações semânticas no Diagnóstico, na Primeira Versão e na Versão Final dos alunos	62
5.3. Análise dos graus de integração sintática no Diagnóstico, na Primeira Versão e na Versão Final dos alunos participantes.....	70
5.4. <i>Juntogramas</i> referentes ao Diagnóstico, Primeira Versão e Versão final	78
5.6. Resumo dos resultados.	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	87
ANEXO A- FOLHAS DAS ATIVIDADES DE RETEXTUALIZAÇÃO.	90
ANEXO B- SLIDES DOS PLANOS DE AULA.	94
ANEXO C- ATIVIDADES	98
ANEXO D- GUIA DE LEITURA D’O PEQUENO PRÍNCIPE	99
ANEXO E- DIAGNÓSTICO DOS TEXTOS DOS ALUNOS	126
ANEXO F- PRIMEIRA VERSÃO DOS TEXTOS DOS ALUNOS.	132
ANEXO F- TEXTO DO DIAGNÓSTICO DOS ALUNOS DIGITALIZADO.....	139
ANEXO F- TEXTOS DA PRIMEIRA VERSÃO DOS ALUNOS.....	150
ANEXO G- TEXTOS DAS VERSÕES FINAIS DOS ALUNOS.....	162
ANEXO H- COLETÂNEA DOS CAPÍTULOS SUPLEMENTARES DOS ALUNOS.	171

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os estudos da língua falada no Brasil tem avançado com a intenção de destacar a relevância da oralidade como uma prática social, realizada em contextos formais e informais de interação, presente no cotidiano das pessoas, e como tal, tem muito a revelar acerca dos processos constitutivos da linguagem humana. Por ser uma prática social comum aos indivíduos é possível utilizá-la como ponto de partida para o ensino da escrita e dessa forma, valorizar os conhecimentos linguísticos já disponíveis pelos alunos. Entretanto, elaborar estratégias que contribuam para ensinar a escrita por meio da oralidade tem sido um desafio para alguns professores, uma vez que lhes falta um conhecimento de aporte teórico para a elaboração de procedimentos que contribuam para a superação das dificuldades concernentes à produção de textos orais e escritos. Somado a isso, têm-se o desinteresse escolar, resultado de eventuais constrangimentos por parte dos colegas de sala em relação ao “modo de falar” divergente.

Outro problema que envolve a escrita diz respeito à leitura nas escolas, que embora tenha conquistado mais espaço, sobretudo entre os jovens, sua prática ainda é deficitária, principalmente no que tange à leitura dos gêneros literários. Ao se depararem com eles, muitos alunos sentem-se desconfortáveis em virtude da dificuldade em compreender a variante linguística predominante nas obras e acabam declinando desta prática. Como consequência disso, ocorre a dificuldade de produzir textos, visto que é por meio da leitura que eles adquirem informações, conhecem as variedades linguísticas, as estruturas composicionais dos gêneros, bem como as tradicionalidades que os atravessam.

Esses fatores, vêm colaborando para os prejuízos ao desenvolvimento das competências comunicativas dos discentes. Conforme a última avaliação do PISA¹, o desempenho dos alunos brasileiros em leitura ficou 80 pontos abaixo da média. O Rio Grande

¹ O Pisa, sigla do Programme for International Student Assessment , que em português, foi traduzido como Programa Internacional de Avaliação de Alunos é um programa internacional de avaliação comparada, aplicado a estudantes da 7ª série em diante, na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. As avaliações do Pisa acontecem a cada três anos e abrangem três áreas do conhecimento: Leitura, Matemática e Ciências

Disponível em : <
http://portal.mec.gov.br/component/content/index.php?option=com_content&view=article&id=42761:desempenho-em-leitura-no-pisa-ficou-80-pontos-abaixo-da-media&catid=222&Itemid=86> Acesso em abril de 2018.

do Norte não conseguiu atingir a meta estabelecida: 3,8. O Estado alcançou 3,2 pontos em língua portuguesa na avaliação mais recente do Ideb².

Com respeito às dificuldades que mencionamos, elegemos os pressupostos do modelo de Tradição Discursiva (doravante TD) que preconiza que todos os textos possuem uma tradicionalidade, isto é, “compartilham traços comuns que se tornam convencionais” (CASTILHO DA COSTA, 2015, pág.97). Dessa forma, as produções textuais estão sempre retomando, por evocação ou repetição, uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos significáveis.

Também nos ancoramos nos postulados de Koch/Oesterreicher (1990/2007) acerca da relação oralidade e escrituralidade que difere os textos quanto à concepção discursiva, entendida como a configuração linguística mais ou menos elaborada dos textos e que é determinada por uma série de condições de comunicação que influenciam as escolhas linguísticas. A metodologia desenvolvida por Koch/Oesterreicher revela que o tratamento de tradições discursivas no contínuo de oralidade e escrituralidade possui implicações relevantes para o ensino, pois ao distinguir a oralidade e a escrituralidade concepcional do meio, quer dizer, ao diferenciar entre a configuração linguística de um enunciado e sua veiculação gráfica ou fônica, Koch & Oesterreicher entendem, portanto, que os textos que mais se afastam do *ego-hic-nunc* (o eu-aqui-agora da enunciação) são aqueles que mais se aproximam da escrituralidade. Quanto mais distante do *ego-hic-nunc*, tanto mais o texto tenderá à escrituralidade; quanto mais próximo, mais será inclinado para a oralidade.

Elegemos também o romance infanto-juvenil *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry cuja constituição linguística se aproxima da oralidade. Isso porque é recorrente identificarmos produções textuais com configuração linguística estreitamente relacionada à fala, apesar de pertencer aos gêneros textuais de configuração escrita.

Deste ponto de vista teórico, a tarefa da escola é propiciar a aquisição da escrituralidade por meio do contato com textos que veiculam variedades e tradicionalidades entre oralidade e escrituralidade.

Em face disso, cabe a nossa pergunta de pesquisa: como propiciar a aquisição e aprendizagem da escrituralidade, especificamente, dos recursos linguísticos e tradicionalidades do gênero romance infanto-juvenil, no 7^a ano do Ensino Fundamental?

² Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

Disponível em: < <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/apenas-3-das-escolas-do-rn-conseguem-patamar-minimo-de-qualidade-no-ideb.ghtml>>. Acesso em abril de 2018.

Por meio dessa questão, este trabalho tem como objetivo geral propiciar a aquisição e aprendizagem da escrituralidade, especificamente, das variedades linguísticas e tradições da narrativa literária, a exemplo da obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry.

Como objetivos específicos visamos:

- Ler e compreender a obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry;
- Produzir um capítulo suplementar à obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry.

Como objetivo geral de ensino pretendemos propiciar a aquisição e aprendizagem da escrituralidade, especificamente, das variedades linguísticas e tradições da narrativa literária a exemplo da obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry.

Deste objetivo, desdobram-se os objetivos específicos de ensino:

- Os alunos devem ser capazes de reconhecer variedades e tradições da narrativa literária por meio de atividades de leitura e retextualização da obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry;
- Os alunos devem ser capazes de utilizar tais conhecimentos na execução das atividades e referidas e na produção dum capítulo suplementar.

No que se refere à questão de análise dos dados, baseamo-nos na hipótese levantada por Kabatek (2006) qual seja: os mecanismos de junção são úteis na identificação de sintomas de Tradições Discursivas?

Pretendemos, como objetivo geral, verificar o impacto da intervenção para o possível deslocamento das produções no contínuo da oralidade e escrituralidade a partir da análise da junção.

Objetivos específicos pretendemos:

- Identificar e classificar os recursos de junção nos grupos do corpus segundo relação semântica e grau de integração sintática
- Analisar a distribuição dos esquemas de junção pelo corpus tanto quantitativa quanto qualitativamente, isto é, com relação a sua frequência e ao tipo de relação semântica;
- Identificar continuidades e descontinuidades na distribuição quantitativa e qualitativa dos esquemas de junção pelos cortes diacrônicos;
- Identificar deslocamentos dos textos no contínuo de proximidade e distância comunicativa;

- Interpretar os resultados com relação à aquisição e aprendizagem da escrituralidade.

A presente pesquisa está organizada em seis seções gerais: 2. Fundamentos teóricos; 3. Sequências didáticas; 4. Metodologia e intervenção; 5. Análise da junção e 6. Considerações finais.

Na seção 2, serão apresentados os pressupostos teóricos adotados neste trabalho, a saber: os três níveis do linguístico e o conceito de texto; a duplicação do nível histórico e o conceito de TD(Coseriu 1955/56; Koch 1997; Koch & Oesterreicher 1990 e Kabatek 2006); O contínuo da oralidade e escrituralidade (Koch & Oesterreicher; 1990) a junção como sintoma de TD(Raible 1992; Kabatek 2006; Castilho da Costa 2015) Retextualização na escola: deslocamento entre oralidade e escrituralidade(Marcuschi 2010) e O romance infanto-juvenil entre oralidade e escrituralidade;

Na seção 3, encontra-se a metodologia e intervenção por meio de sequências didáticas (Dolz e Schneuwly 2006; Lopes Rossi 2006).

Na seção 4, trataremos da análise dos dados a partir de um estudo comparativo entre as produções textuais do Diagnóstico, da Primeira Versão e da Versão Final através dos mecanismos de junção.

Por último, a seção das considerações finais retoma os resultados da pesquisa apresentados na análise e reflete acerca da relevância do projeto de intervenção apresentado nesse estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o propósito de apontar as nossas escolhas teóricas, organizamos esta seção através dos seguintes conteúdos nesta ordem: na subseção 2.1 encontram-se os postulados acerca dos três níveis do linguístico e o conceito de texto na perspectiva da linguística textual de Coseriu, na subseção 2.2 encontram-se os pressupostos relativos a duplicação do nível histórico e o conceito de TD, na subseção 2.3, apresentamos o contínuo da oralidade/escrituralidade, na subseção 2.4, esclarecemos a junção como sintoma de TD, na subseção 2.5 explicitamos as atividades de retextualização dentro do contínuo oralidade/escrituralidade e, por fim, na subseção 2.6 tratamos da justificativa para a escolha da obra *O Pequeno Príncipe*.

2.1. Os três níveis do linguístico (Coseriu 1995/56) e o conceito de texto ou discurso

Para formular seu conceito de texto, Coseriu apropria-se do entendimento de Aristóteles de que uma atividade pode ser considerada a) como tal b) como atividade em potência c) como atividade realizada em seus produtos. Tais proposições relacionam-se à três perspectivas de língua defendidas pelo linguista :1) o nível universal ou nível do falar em geral; 2) o nível histórico das línguas; 3) o nível individual dos textos (COSERIU, 1980, 2007). O nível universal aponta para os fenômenos comuns a todas as línguas. A primeira propriedade universal das línguas é seu caráter sógnico, ou seja, a possibilidade de referir-se a algo que não se identifica com ela mesma. A comparação entre as línguas fornece uma evidência para essa propriedade: diferentes línguas correspondem a configurações distintas para uma mesma realidade extralinguística. Algumas atividades relacionadas à linguagem, como a tradução, por exemplo, só são possíveis a partir do pressuposto de que diferentes línguas podem referir-se a uma mesma realidade e o fazem de forma diferenciada. A segunda propriedade que Coseriu atribui ao nível universal da linguagem é a faculdade universal de falar, não determinada historicamente. “Trata-se de um saber falar que não coincide simplesmente com o saber falar alemão, francês etc., mas que vale para toda língua e para todo falar” (COSERIU, 2007, p. 131) 4 . O segundo nível do falar é o nível histórico das línguas. Cada língua particular dispõe de um léxico estruturado de forma diferente, possui sua própria gramática e seu sistema fonológico.

O romeno ainda ressalta que a atividade real do falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes:

- a) Como a própria atividade, como criação do novo que emprega um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é “forma” e “potência” de uma *enérgeia*.
- b) Como *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência*, ou como *dynamis*.
- c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *ergon*: o texto.

Coseriu também propõe que a linguística textual seja uma hermenêutica de sentido, que procura compreender as maneiras e os níveis em que os sentidos do texto são articulados.

Cabe aqui destacar que, para o linguista, a concepção do termo *sentido* se contrapõe a dois outros tipos de conteúdo: à *designação* e ao *significado*. A designação refere-se a expressão linguística comum a todas as línguas e está voltada para a relação entre o signo e a ‘coisa’ denotada, isto é, para a realidade; o significado, por sua vez diz respeito ao conteúdo de uma língua determinada. Neste contexto, as línguas possuem significados diferentes, visto que elegem conteúdos específicos. Por último, o sentido é o conteúdo do discurso ou texto que corresponde à finalidade comunicativa pretendida por tal discurso.

Deste modo, “pergunta”, “resposta”, “ordem”, “súplica”, “convite”, “saudação”, “comprovação” seriam, no entender desse autor, unidades mínimas de *sentido* e a Linguística do Texto, como hermenêutica do sentido, teria por tarefa, a revelação sistemática da maneira como as unidades de sentido se combinam umas com as outras, construindo unidades de nível cada vez superior, até que se chegue ao sentido global do discurso (cf. Coseriu 2006: 57-58). Logo, a identificação da articulação do sentido seria a metodologia hermenêutica da Linguística do Texto e sua heurística residiria em buscar estabelecer os tipos de sentido e os procedimentos utilizados para construí-los.

Nessa perspectiva, o texto – objeto da LT como hermenêutica do sentido – é uma criação, uma atividade que vai além do linguístico e que engloba, além de regras gerais do pensar (nível universal), ideologias, isto é, ideias e crenças que também contribuem para a construção do sentido e que se manifestam tanto no nível dos significados selecionados por uma língua (seus meios linguísticos) quanto no do sentido. Ao conceber a linguagem como atividade e estabelecer o texto no nível individual do linguístico, Coseriu não se refere a qualquer atividade, mas à atividade criadora, como já mencionado, especificamente, no sentido humboldtiano e aos textos como *criações livres* do espírito humano.

2.2. A duplicação do nível histórico e o conceito de tradições discursivas

O modelo de Tradições discursivas sofreu influência marcante dos ensinamentos de Coseriu, bem como das suas reflexões acerca da distinção dos três níveis do falar. Trata-se de distinção entre o nível universal do *falar em geral*, característica comum a todos os seres humanos; nível histórico, que diz respeito à língua particular e o nível individual, que se refere ao discurso (texto).

Alguns anos depois, Koch reduplicou esse edifício coseriano dos três níveis do falar, de modo que, a língua, como sistema gramatical e lexical de uma língua, e as tradições discursivas passaram a ocupar o mesmo espaço no nível histórico:



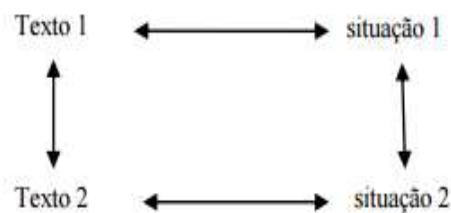
Esquema 1: Tradições discursivas (KABATEK, 2006.P.508)

No esquema proposto por Koch, a tradição discursiva (doravante TD) está relacionada à historicidade dos textos: “quaisquer elementos dos discursos repetidos em constelações discursivas semelhantes que se tornam convencionais”. Tais tradicionalidades não pertencem à gramática de uma língua nem a comunidades linguísticas delimitadas, mas a comunidades culturais que não estão restritas a comunidades linguísticas, embora seja possível que coincidam com elas. Trata-se, portanto, de todo modo particular de dizer pertencente a “âmbitos historicamente determinados da experiência ou da cultura” (Coseriu apud Castilho da Costa 2015). A composição das TD’s extrapola tais âmbitos, por exemplo, desde âmbitos mais gerais como a cultura ocidental, ou mais específicos como alguns grupos profissionais, políticos, literários, etc. Em seu texto, Coseriu explicita que o gênero *soneto* surgiu na Itália e, por muito tempo, permaneceu como um gênero desconhecido em outros lugares. Apesar disso, não se pode dizer que o soneto seja uma forma da língua italiana, já que, posteriormente, passou a ser produzido em outras comunidades linguísticas. Por conseguinte, não é preciso saber escrever um soneto para falar italiano e tampouco falar italiano para poder

escrever um soneto. Essa ilustração permite, pois, concluir que o soneto é uma TD do âmbito da literatura, mas não pertence às regras de uma língua específica.

O autor ainda esclarece que entre os gêneros e as TD's não há uma relação sinonímica, ainda que haja nos gêneros elementos recorrentes como conteúdo e língua e estrutura composicional, o que os enquadra no nível das TD's, entretanto as TD's vão além da noção de gêneros, uma vez que englobam todos os “tipos de tradições de textos”, tais como os atos de fala fundamentais como o “bom dia”. Conforme Kabatek, os elementos caracterizadores das TD's referem-se à repetição e à evocação. A repetição aponta para a relação temporal estabelecida entre os textos. Nesse eixo temporal pode ocorrer a repetição total ou parcial de um texto, ou ainda, a ausência de qualquer repetição concreta. O autor também alerta que a repetição pode se dar com relação a um ou mais elementos da TD.

O romeno afirma também que nem todas as repetições podem ser consideradas como uma TD. Para isso, é necessário que sejam significáveis e históricas. Sendo assim, a repetição de elementos pertencentes ao nível histórico de uma língua particular como “o”, “a”, “é” e “que”, comum em vários textos, por si só, não são suficientes para formar uma TD. Em contrapartida, a repetição de uma palavra como a saudação “oi”, ou o emprego dos verbos no modo imperativo nas receitas culinárias “bata” e “coloque”, podem formar uma TD devido a outra peculiaridade essencial para a caracterização de uma TD: a evocação.



Esquema 2: Evocação (KABATEK, 2006.P.511)

O esquema revela que tanto repetição quanto a evocação, são responsáveis para que uma fórmula seja considerada uma TD:

Para explicitar tal esquema, Kabatek apresenta a fórmula de saudação “bom dia” e demonstra que uma maneira particular de falar estabelece relações de repetição (eixo vertical) com um texto e de evocação com uma situação comunicativa (eixo horizontal).

A saudação evoca uma situação concreta que se repete, de maneira que um encontro evoca outros encontros, nos quais a mesma saudação é repetida. O autor afirma ainda que a

saudação não é apenas uma saudação, mas é também uma referência à tradição concreta “bom dia”.

Com essas ilustrações, podemos constatar que as tradições discursivas vão além dos limites dos gêneros.

O princípio de composicionalidade tradicional

Kabatek explica que o princípio da composicionalidade de uma tradição discursiva é construído por diversos elementos, que se apresentam, regularmente, de forma combinada. Por meio dessa combinação é que os textos se transformam, e, conseqüentemente, as Td's que se formam a partir deles.

O autor também propõe, no âmbito da composicionalidade tradicional, a distinção entre composicionalidade paradigmática e composicionalidade sintagmática das TD. A composicionalidade paradigmática ocorre devido à presença de diferentes TD em um mesmo trecho do texto. Por exemplo, um poema pode pertencer, concomitantemente, à tradição de sonetos, como também à tradição dos poemas de amor.

Já o conceito de composicionalidade sintagmática refere-se à sequenciação de elementos em um texto. Como ilustração, têm-se o emprego de diferentes partes composicionais como data, vocativo, *narratio* e assinatura na carta pessoal. Cada uma dessas partes pode ser delimitada das demais, entretanto, todas elas ocorrem em combinação, seguindo uma ordem determinada (Castilho da Costa, 2015).

Este caráter composicional, tanto sintagmático quanto paradigmático, possibilita a transformação de tradições discursivas, de modo que ao final de uma filiação de textos possamos encontrar uma configuração bastante diferente da tradição inicial.

2.3. O contínuo de oralidade e escrituralidade

Durante muito tempo, pensou-se fala e escrita em uma relação dicotômica, em que a fala apontava para o meio de veiculação fônico e a escrita, para o meio gráfico. Ocorre que essa relação fundamentada no meio de veiculação não era suficiente para explicar textos veiculados fonicamente que eram bem elaborados, reverentes e formais, como o pronunciamento oficial de uma autoridade ou textos veiculados graficamente que expressavam informalidade e intimidade a exemplo de um bilhete.

Frente à essa problemática, Koch e Oesterreicher (1997/2007) propuseram a substituição dos conceitos fala e escrita, baseados nos meios de veiculação de textos, por oralidade e escrituralidade, que dizem respeito à sua concepção discursiva, entendida como a configuração linguística mais ou menos elaborada dos textos e que é determinada por uma série de condições de comunicação que influenciam as escolhas linguísticas. Com os termos “oralidade” e “escrituralidade”, os autores fazem referência a dois extremos de um contínuo: a imediatez comunicativa, típica de comunicações marcadas por proximidade entre os interlocutores e mais características da esfera privada, e a distância comunicativa, em que os interlocutores expressam afastamento em diversos sentidos, e que está ligada a comunicações da esfera pública. Esses autores distinguem os 10 seguintes parâmetros comunicativos que determinam o espaço de um texto no contínuo de variações entre oralidade e escrituralidade:

- a) o grau de publicidade: considera-se o número de coenunciadores e a existência (ou não) e o tamanho do público;
- b) o grau de intimidade entre enunciador e coenunciador: leva-se em conta a experiência comunicativa, o conhecimento partilhado entre os interactantes e grau de institucionalização em que se insere a situação de comunicação;
- c) o grau de emocionalidade: pode ser uma relação de afetividade quando se dirige a parceiros de comunicação ou uma relação de expressividade ao se dirigir a objetos;
- d) o grau de dependência do contexto situacional dos atos de comunicação;
- e) o ponto de referência da situação de comunicação: o falante aponta o ponto de referência e a caracterização de pessoas ou objetos como próximos ou distantes se dará a partir dessa referência;
- f) a proximidade física entre os parceiros da comunicação: tem-se proximidade física em situações de face a face, e distância física e temporal em comunicações escritas;
- g) o grau de cooperação: pode-se medir a partir das condições possíveis de influência direta dos coenunciadores de discurso;
- h) o grau de dialogicidade: é importante conhecer a possibilidade de fazer uso do papel de enunciador na comunicação e a frequência com que isso ocorre;
- i) o grau de espontaneidade da comunicação;
- j) o grau de fixação temática;

Como exemplificação desses parâmetros, Koch e Oesterreicher (p.27) caracterizam a carta pessoal prototípica da seguinte forma:

- a) privacidade;
- b) familiaridade entre os interlocutores;

- c) alta emocionalidade;
- d) dependência contextual restrita;
- e) referência ao origo apresenta limitações;
- f) distância física;
- g) sem possibilidades de cooperação durante a produção;
- h) dialogicidade rigidamente regrada (troca de correspondência);
- i) espontaneidade relativa;
- j) desenvolvimento temático livre.

Koch e Oesterreicher ainda representam esses valores paramétricos da seguinte forma:

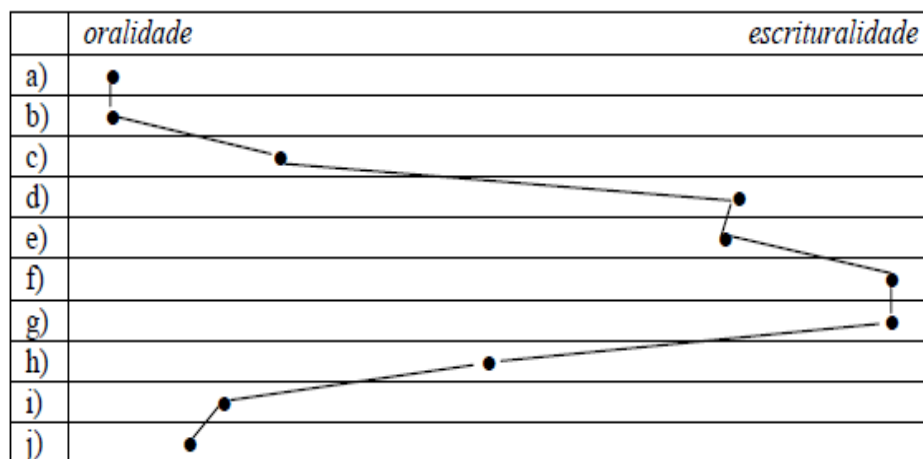


Figura 1: Valores paramétricos comunicativos da carta pessoal (cf. Koch/Oesterreicher 1997, p. 28)

Pode-se observar, por meio do gráfico acima, que a carta pessoal é um gênero influenciado pela oralidade, ainda que possua aspectos relativos à escrituralidade. Desta feita, podemos afirmar que este gênero é marcado por uma linguagem menos elaborada e mais informal; no entanto, ler ou escrever uma carta não é o mesmo que interagir espontaneamente face a face.

Esta concepção global de oralidade e escrituralidade possibilita a caracterização de todos os textos não somente segundo seu perfil medial, mas também concepcional. Dependendo da localização da tradição discursiva no contínuo de oralidade e escrituralidade, o texto apresentará maior ou menor afinidade com determinadas variedades linguísticas.

2.4.A junção

A proposta de Kabatek (2006) relativa à hipótese de que os juntores são sintomas de TD teve seu germen nos estudos de Biber (*apud* Kabatek, 2006) acerca da análise multidimensional, que defende a possibilidade de identificação de uma TD por meio de uma combinação particular de elementos em um texto. Em sua proposta, Biber considera a análise de 67 elementos de 16 classes diversas como tempo e aspecto, advérbios de tempo e de lugar, pronomes, perguntas, subordinação, preposição etc. A partir disso, os dados eram analisados fatorialmente a fim de determinar os elementos que podiam correlacionar-se. Desse modo, tendo a metodologia resumida de forma extremamente simplista, verificava-se a evolução dos diferentes fatores ao longo da história em relação às diferentes TDs.

Para Kabatek (2006), o tratamento dos juntores deve considerar um esquema cognitivo e sintático que reduz a quantidade dos elementos analisados. Tal método surgiu a partir da teoria de Raible (1992, 2001, *apud* KABATEK, 2006) cuja análise recai sobre elementos que relacionam os componentes proposicionais em um texto. A diferença do trabalho realizado por Kabatek (2006) em relação ao método de Biber é que Kabatek parte de um esquema cognitivo e sintático que reduz a quantidade de elementos analisados. “Raible chama ‘junktion’ uma dimensão universal da linguagem segundo a qual os diferentes elementos e as diferentes técnicas podem ser sistematizados para juntar ou combinar elementos” (KABATEK, 2006, p. 165-166).

Conforme Kabatek (2006) e Vincis (2009, *apud* LONGHIN-TOMAZI, 2011), os tipos de juntores empregados e suas frequências determinam a TD que se apresenta nos textos. Dessa forma, os juntores tornam-se mecanismos sintomáticos de TDs. LonghinTomazi (2011) acrescenta que a complexidade das construções de junção, também são relevantes para a determinação de TD. Tal relação pode ser avaliada conform o nível de dependência/integração, quanto o nível da complexidade cognitiva das relações semânticas.complementa, apontando que, além da frequência e do tipo de juntor serem importantes para esboçar a TD, também o é a complexidade das construções de junção, que pode ser avaliada tanto segundo o nível de dependência/integração, quanto segundo o nível de complexidade cognitiva das relações de sentido.

No tocante a isso, Raible (*apud* KABATEK, 2006) elabora um esquema em que dois parâmetros se cruzam: um eixo sintático vertical, que expõe diferentes níveis de integração (ou seja, desde uma simples justaposição até formas mais extremas como os casos de subordinação), e um eixo horizontal referente às relações semânticas reveladas através dos

juntores, numa escala cognitiva de complexidade crescente (começando, assim, por uma simples adição neutra até formas mais complexas como concessividade etc).

Além de conviver com uma rede de tradições, conforme aludido na subseção anterior (2.1), uma TD pode compreender o emprego de construções linguísticas particulares, que se modificam a depender do propósito na comunicação. Nessa perspectiva, as TDs divergem umas das outras não só pelos distintos modos de dizer que abarcam, mas também pelos tipos específicos de construções empregadas, dois parâmetros característicos da composicionalidade das tradições, sendo que este último, de acordo com Longhin (2014, p. 31),

Trata-se, em âmbito mais local, dos arranjos linguísticos nas combinações sintagmáticas, na linearidade da linguagem, e nas escolhas paradigmáticas ou associativas, que juntas estão a serviço de uma finalidade de dizer e constituem traço caracterizador de TD.

Por meio desse caráter composicional das TDs, que possibilita uma mescla de tradições em um mesmo texto, bem como a mobilização de diferentes arranjos linguísticos, Kabatek (2006) reconhece a possibilidade de distinguir diferentes TDs complexas, fundamentada uma metodologia estatística de base textual, fundada na abordagem quantitativa e computacional desenvolvida por Biber (1988).

Em sua asserção, Biber (1988, *apud* Kabatek, 2006) advogou acerca da estreita relação entre diferentes traços linguístico-situacionais e dados gêneros textuais, ou seja, o autor propôs distinguir uma diversidade de gêneros, a partir da análise de um conjunto muito grande de parâmetros linguísticos e situacionais, dentre eles, por exemplo, advérbios de tempo e lugar, pronomes, perguntas, formas nominalizadas, preposições, classes lexicais e classes verbais, todos analisados com base em uma abordagem quantitativa e computacional, denominada de “Análise Multidimensional”. Nesse trabalho, Biber *apud* Kabatek (2006) pôde distinguir diversos gêneros textuais, partindo de uma combinação particular de elementos de um texto, reconhecendo traços partilhados e não partilhados por determinados gêneros, que foram distribuídos em um contínuo. Vale ressaltar que a proposta de Biber *apud* Kabatek (2006;1988) verificou que alguns traços são reconhecidos em textos que estão em posições distantes desse contínuo, o que prova a proximidade existente entre os gêneros textuais.

Como aludido anteriormente, inspirado na pesquisa de Biber , mas de uma perspectiva que redutora o grupo de parâmetros linguísticos elencados pelo autor inglês, Kabatek (2006) elege como o elemento definidor de TD, a junção definida por Raible (*apud*

Castilho da Costa, 2015) como sendo “uma representação de um estado de coisas” ,um fenômeno universal da linguagem que envolve todos os níveis de análise – sintático, semântico e pragmático. Para tanto, Kabatek (2006) adota uma abordagem quantitativa e qualitativa, aliando tipos de juntores, frequência relativa, distribuição no texto e grau de complexidade morfossintática e semântico-cognitiva dos processos de junção.

A fim de alcançar seus objetivos, Kabatek (2006) tomou por base de sua pesquisa o modelo de junção proposto por Raible (*apud* Castilho da Costa,2015), em que a concepção de junção reside em dois eixos de análise: um eixo sintático e um eixo semântico. No que concerne ao eixo semântico, o estudioso alemão postula a existência de um contínuo de complexidade crescente de relações semânticas, que demandam maior ou menor esforço cognitivo.

Na esteira das relações semânticas baseadas na oposição, a concessividade e a adversatividade possuem um traço em comum: ambas são definidas na literatura especializada como relações que exprimem uma quebra de expectativa. Nesse sentido, Raible (1992) entende que não há distinção entre adversatividade e concessividade, englobando as duas relações em uma única: a contra-causa. Esta é considerada pelo autor como uma das relações semânticas mais complexas, ao passo que a condicionalidade é considerada como uma relação que exige menor esforço cognitivo.

Com relação ao seu comportamento sintático, os recursos linguísticos que servem à junção podem ser classificados em diversos níveis de integração sintática. Raible *apud* Castilho da Costa (2015) destaca 8 principais técnicas: justaposição (I), advérbios juntivos (II), coordenação (III), subordinação (IV), formas nominais de verbo (V), grupos preposicionais (VI), preposições simples (VII) e papéis actanciais (VIII).

Para este trabalho selecionamos as relações semânticas de adição, espaço, tempo, causa, finalidade e contra causa. Quanto aos graus de integração sintática, elegemos os advérbios juntivos (II), a coordenação (III), a subordinação (IV), os grupos preposicionais (VI) e as preposições simples (VII).

2.5.O romance infanto-juvenil entre oralidade e escrituralidade

O romance *O Pequeno Príncipe* é considerado um clássico da literatura mundial. Publicado e ilustrado por Antoine de Saint Exupéry em 1943, esta obra é direcionada para crianças e adolescentes, porém, ao apresentar pensamentos bem organizados, e ao tratar de questões que evidenciam muitos ensinamentos e conflitos filosóficos da humanidade,

conquistou um público de todas as idades e ganhou o mundo. A história que traz um príncipezinho, habitante de um pequeno asteroide cuja população é constituída por uma rosa e três vulcões, já foi adaptada para o cinema, bem como traduzida para mais de 160 idiomas.

Por tratar de questões que envolvem situações reais experimentadas pelos personagens, o leitor pode encontrar, neste livro, respostas para a própria vida e pode encontrar respostas para entender o mundo

Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém, em outro contexto e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. Essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e, paralelamente, nos propiciar uma intensa vivência enriquecedora é a garantia de um dos grandes prazeres da boa leitura. (MACHADO, 2009, p. 20).

Outro fator que contribui para a empatia com esta obra, é sua configuração linguística próxima à imediatez comunicativa. Ao lerem o livro, os indivíduos identificam uma linguagem que eles já conhecem, o que torna a leitura mais prazerosa.

Partindo do entendimento de que todos os textos ocupam um espaço no contínuo oralidade/escrituralidade, Koch/ Oesterreicher (1990), propuseram 10 parâmetros comunicativos, que aqui servirão para determinar o espaço que *O Pequeno Príncipe* ocupa nesta gradação.

Quanto ao grau de publicidade, ao autor utiliza uma variedade linguística culta, uma vez que a situação de comunicação é pública, no entanto, como foi escrito para crianças, Exupéry não abusa desta variedade e opta por uma linguagem simples.

No que concerne ao **grau de familiaridade**, isto é, a intimidade entre os interlocutores, podemos dizer que tal intimidade não existe entre o autor e seus leitores, contudo o texto literário cria o chamado *ego-hic-nunc*, ou seja, o eu-aqui-agora mediante os personagens Pequeno Príncipe e o aviador:

“afrouxei o nó do lenço dourado que ele sempre usava no pescoço. Molhei sua testa. Dei-lhe de beber. E agora não ousava perguntar-lhe mais nada. Olhou-me seriamente e abraçou o meu pescoço. Sentia seu coração bater ao encontro do meu (...)” (EXUPÉRY, pág.84)

Tendo em vista que os interlocutores não são íntimos, não há expressão de **emocionalidade** entre eles, todavia, o mesmo não pode ser dito a respeito do Pequeno Príncipe e a rosa, uma vez que ele cuidava dela com carinho.

Concernente ao **grau de dependência**, o romance *O Pequeno Príncipe* é marcado por uma nova situação de comunicação e com isso, o autor explicita no texto as informações dessas situações a fim de que o leitor tenha condições de imaginá-las.

Já o **ponto de referência** da comunicação é sinalizado pela narração em primeira pessoa, por meio do personagem “aviador”. É ele quem narra sua própria história com o Príncipezinho e as histórias deste com a “rosa” e com os habitantes dos outros sete planetas.

Essa obra não requer de seus interlocutores uma **proximidade física**, ou seja, uma situação em que a comunicação seja face a face. No entanto, nesta obra há a *mimesis* do oral, isto é, há uma imitação da oralidade mediante os diálogos construídos pelo autor e pelos empregos da linguagem direta na obra.

Ainda em virtude dessa separação espacial e temporal, as **possibilidades de cooperação** são restritas, uma vez que não é possível interromper o turno de fala do interlocutor, algo comum em conversações face a face.

em decorrência disso, a **dialogicidade**, no sentido de que permite a troca de turnos entre os coenunciadores, revela igualmente restrições nesse tipo de interação.

Enquanto em conversações espontâneas praticadas em encontros casuais predomina o pouco tempo de planejamento, em *O pequeno Príncipe* tal prática não ocorre, pois requer maior tempo de planejamento e reflexão acerca do que será comunicado, possibilitando alterações. Por isso, o **grau de espontaneidade** é menor do que em conversações prototípicas.

No que se refere ao **grau de fixação temática**, este romance compreende aspectos prototípicos da narrativa, tais como: uma situação inicial, um nó, um clímax, uma situação final e uma avaliação.

Esses valores paramétricos da obra *O Pequeno Príncipe* são representados da seguinte maneira:

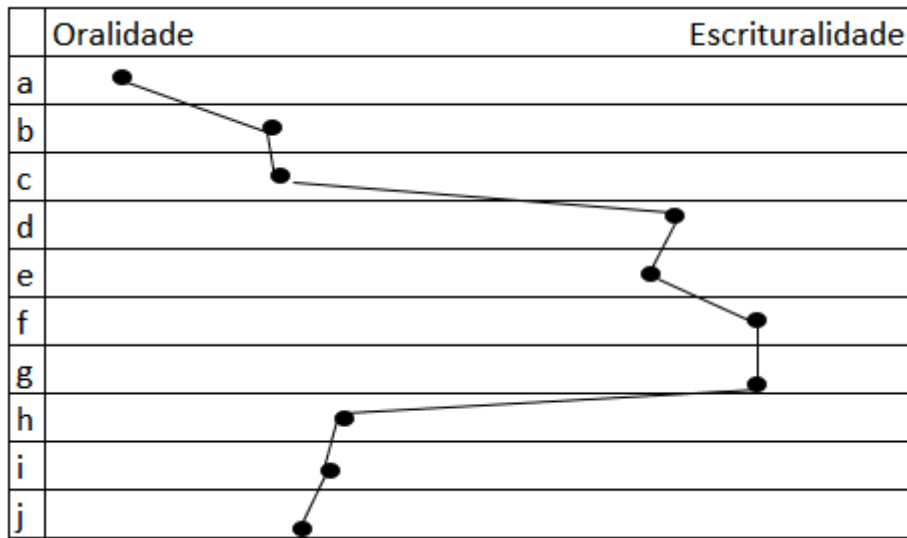


Figura 2: Valores paramétricos comunicativos do *Pequeno Príncipe* (autoria própria)

O gráfico acima permite perceber que *O Pequeno Príncipe* é um livro influenciado pela oralidade, embora possua aspectos relativos à escrituralidade.

Devido à sua relevância enquanto clássico mundial da literatura, seus ensinamentos e por sua configuração linguística é que selecionamos esta obra para fazer parte do nosso projeto de leitura e escrita.

3 METODOLOGIA E INTERVENÇÃO

Os procedimentos metodológicos organizam-se das seguintes formas: 3.1, Os participantes, 3.2, descrição do local da intervenção 3.3, Sequência didática, 3.4, descrição da sequência didática.

3.1. Os participantes

O conjunto de atividades foi aplicado no 7º ano do ensino fundamental II, do turno vespertino da Escola Estadual Demétrio Urbano, situada em Santa Maria- RN. A turma é formada por 26 alunos, sendo 10 meninas e 16 meninos. A faixa etária varia entre 12 e 14 anos.

3.2. Descrição do local da intervenção

Esta intervenção ocorreu na Escola Estadual Demétrio Urbano está situada no município de Santa Maria-RN. A escola oferece ensino do 1º ano do ensino fundamental I ao 3º ano do ensino médio.

Funciona nos turnos vespertino e noturno, oferecendo atividades integrais no contraturno para alunos do Ensino Fundamental através do Programa Mais Educação.

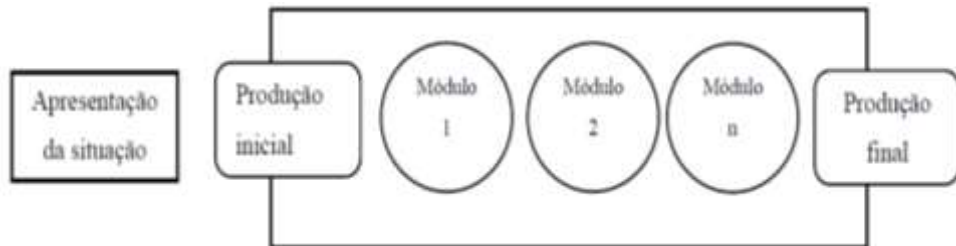
Sua estrutura é composta por 9 salas de aula, 1 sala de vídeo climatizada, 1 laboratório de informática com 15 computadores, entretanto, 9 funcionam, 2 banheiros, 1 cozinha, 1 sala de professores, 1 refeitório pequeno, 1 secretaria, 1 sala da direção, 2 salas de coordenação e 1 biblioteca com um acervo é reduzido e pouco frequentada, por ainda estar em processo de organização.

3.3. Sequência didática

Ao elaborar uma sequência didática, precisamos levar em conta alguns critérios, tais como: o programa de cada série, o grau de dificuldade da sequência de cada aluno e a produção de uma variedade de atividades que condizem com a realidade da turma, ao fazer o levantamento dos principais problemas levantados pelos alunos, será possível começar a elaborar uma sequência de atividades que os auxiliem a superar as dificuldades.

Dolz e Schneuwly (2004) definem uma sequência didática como um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito. Ela tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero textual, permitindo-lhe escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Para esses autores, a sequência didática apresenta a seguinte estrutura:



Esquema 4: Sequência didática
Fonte: Dolz e Schneuwly (2004, p. 83)

No que se refere à **apresentação da situação**, o professor deve ter em mente a preparação dos alunos para a produção inicial e a exposição do projeto de comunicação que se concretizará na produção final. Tal iniciativa permite aos estudantes visualizar a situação comunicativa em que deverão interagir e a atividade de linguagem que irão realizar. Nesta etapa, é de total importância estabelecer o gênero textual a ser trabalhado, a quem ele se destina, que forma assumirá a produção e quem participará dela. É necessário também preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos, para que os educandos percebam sua importância e estejam cientes dos temas que irão trabalhar.

Em seguida à essa etapa, uma **produção inicial** é solicitada aos discentes, a fim de que o professor possa avaliar quais são os conhecimentos que o aluno possui sobre o gênero proposto e o assunto a ser discutido, bem como lhe fornece elementos para definir quais as atividades que serão apresentadas nos módulos. Também serve para o estudante tomar consciência das representações que possui da atividade de linguagem a ser executada.

Por sua vez, os **módulos** desenvolvem habilidades importantes para o domínio do gênero textual e possibilitam sua apropriação por parte do aluno, preparando-o para a produção final. Fornecem os instrumentos necessários para que o aluno supere as dificuldades constatadas na primeira produção. Nesta etapa, a atividade de produção textual é decomposta, a fim de que seus diversos elementos sejam explorados isoladamente. No que diz respeito aos módulos, os autores apresentam as seguintes sugestões: a) trabalhar problemas de níveis diferentes – a representação da situação comunicativa, a pesquisa, organização ou criação dos

conteúdos, o planejamento do gênero e sua produção; b) diversificar as atividades – observação e análise de textos e tarefas simplificadas de produção textual; c) capitalizar as aquisições – ao final dos módulos, é organizada uma síntese dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero textual.

Posteriormente aos módulos, a **produção final** está voltada para o momento em que o aluno se vale da síntese dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero textual e dos instrumentos organizados nos módulos para nortear a produção, a revisão e a reescrita de seu texto. Essa síntese poderá servir também para o professor efetuar uma avaliação somativa.

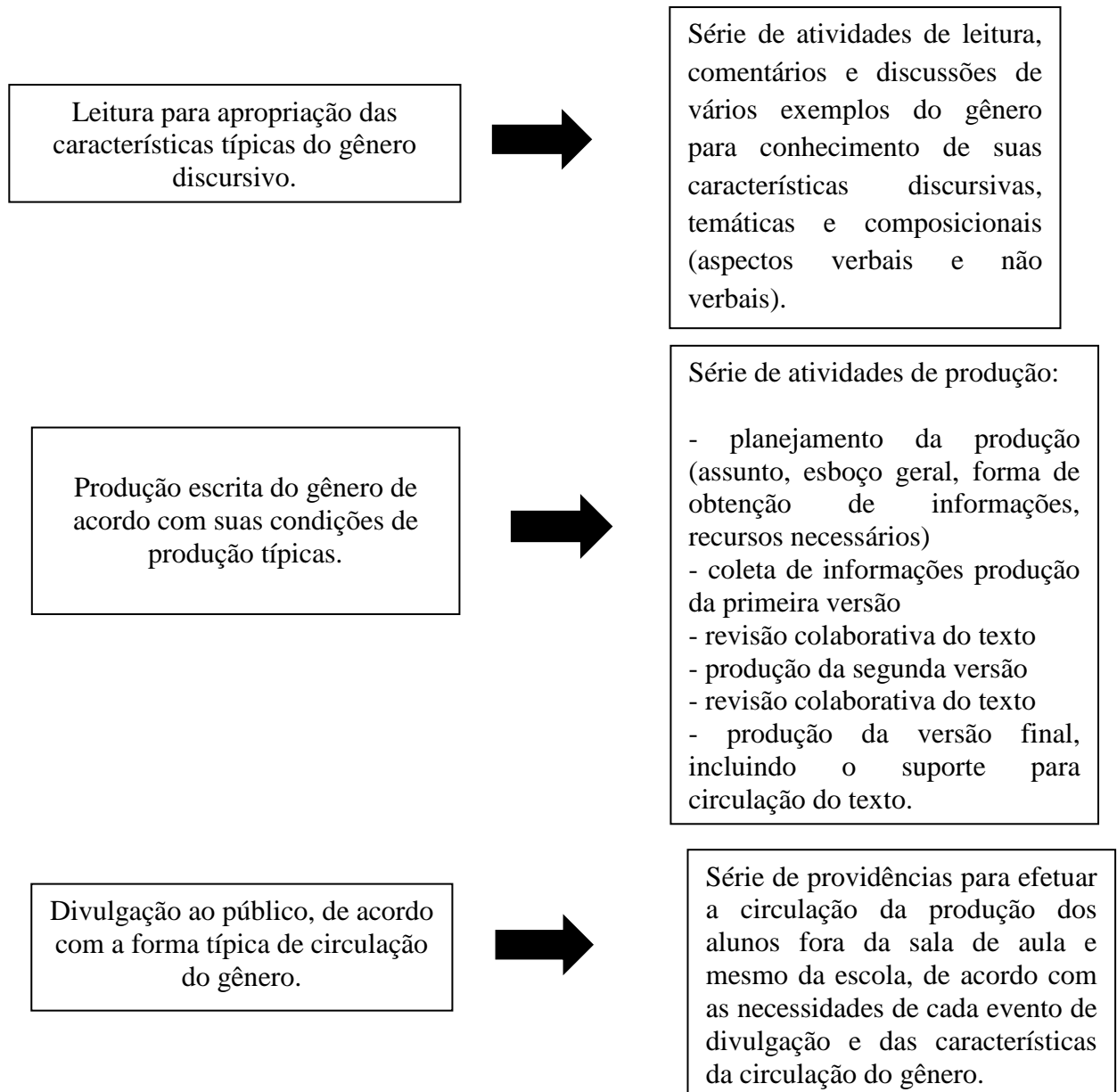
Para desenvolver atividades que resultem em uma aprendizagem significativa e pertinente, as sequências devem ser trabalhadas, dentro das possibilidades, em forma de projetos de classe (cf. DOLZ; SCHNEUWLY, 2004 p. 85).

Corroborando a abordagem de sequências didáticas por meio de projetos, Lopes-Rossi (2006) elabora, a partir dos pressupostos relativos à sequência didática do grupo de Genebra, *projetos pedagógicos de leitura e produção de gêneros discursivos*.

Sobre a importância de se trabalhar a partir de tais projetos, a autora explica que:

Cabe ao professor [...] criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social.
(LOPES - ROSSI, 2006, p. 62).

A partir desse princípio, a autora distribuía forma de projetos trabalho por projetos em três módulos, conforme a seguir:

Módulos didáticos**Sequências didáticas**

O Módulo de leitura corresponde a uma série de atividades de leitura de exemplares do gênero a fim de que o aluno tenha a compreensão dos aspectos estruturais, linguísticos e temáticos do gênero abordado e aplique esses conhecimentos na primeira versão.

Por seu turno, **o Módulo de escrita** aponta para a elaboração da primeira versão e planejamento de atividades que abordem aspectos discursivos e linguísticos para auxiliar os alunos na adequação do texto à situação de produção. Depois disso, os participantes produzirão outras versões e junto com o professor e demais colegas de sala observarão o que ainda precisa ser aperfeiçoado para a produção final.

Por fim, a **Divulgação ao público** refere-se à efetivação do gênero trabalhado em sala de aula. Para tanto, providências precisarão ser tomadas.

Tomando por base tais conceitos, nos propomos a desenvolver uma intervenção com vistas à promoção do deslocamento dos textos dos alunos em direção à escrituralidade.

3.4. Proposta de intervenção

Antes de apresentar a sequência didática planejada para o sétimo ano do ensino fundamental II, destacaremos o quadro sinóptico a fim de explicitar a sequência didática distribuída em módulos como propostos por Dolz e Schneuwly (2004) e Lopes-Rossi (2006).

Quadro sinóptico das aulas

Módulos	Objetivos	Atividades	Material	Duração
Apresentação da situação inicial e produção da primeira versão do capítulo suplementar à obra <i>O Pequeno Príncipe</i>	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a proposta de produção de um capítulo suplementar à obra <i>O Pequeno Príncipe</i> Escrever a produção inicial 	Apresentação da situação de produção. Produção inicial.	Projetor multimídia Folhas pautadas	2 aulas de 45 minutos
Módulo 1: leitura da obra <i>O Pequeno Príncipe</i>	<ul style="list-style-type: none"> Ler por fruição Adquirir conhecimentos acerca dos aspectos discursivos relativos a autoria do livro e ao público-alvo. 	Leitura colaborativa da obra <i>O Pequeno Príncipe</i> ; Resolução de questões de compreensão dos textos em seus aspectos relevantes	Projetor Livro Caderno Caneta	21 aulas de 45 minutos

	<ul style="list-style-type: none"> • Selecionar informações a partir da leitura dos capítulos do livro. • Empregar os tempos pretéritos, os aspectos descritivos, os tipos de discurso, os elementos anafóricos e a paragrafação em suas produções textuais. 	<p>Síntese dos aspectos abordados na aula de leitura e compreensão de textos.</p> <p>Resolução de atividades que contemplam o tempo pretérito, aspectos descritivos na narrativa, tipos de discurso, elementos anafóricos e paragrafação.</p>		
Módulo 2: Revisão e produção dos textos	<ul style="list-style-type: none"> • Adequar a produção inicial à situação de comunicação • Produzir a primeira versão do capítulo suplementar 	<p>Observar os aspectos composicionais presentes ou não na produção inicial</p> <p>Produção da primeira versão do capítulo suplementar à obra <i>O Pequeno</i></p>	Cópia dos exemplares dos textos dos alunos	6 aulas de 45 minutos

	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar os conhecimentos adquiridos através de uma primeira versão; • Revisar aspectos composicionais, discursivos e linguísticos pertinentes ao gênero e à situação de produção 	<i>Príncipe</i> Revisão colaborativa por meio do texto dos alunos Reescrita dos textos. Versão final		
Módulo 3: Divulgação ao público	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar as produções dos alunos 	Confecção de lembrancinhas e concites para o evento Apresentação do livro à comunidade	Exemplares do livro Caixas de som Microfone	4 aulas de 45 minutos

Quadro 1: Quadro sinóptico das aulas (autoria própria)

No quadro sinóptico é possível observar as diferentes fases da sequência didática, distribuídas por módulos, cujo ponto de partida compreende as atividades de apresentação da situação inicial de produção e a produção inicial, o primeiro módulo, contempla atividades de leitura do livro para a compreensão dos seus principais aspectos, o segundo refere-se à produção da segunda e terceira versões dos capítulos suplementares e às atividades de revisão colaborativa para adequar o gênero à situação comunicativa, enquanto o terceiro aponta para a

circulação do gênero na comunidade com vistas a tornar os textos em uma atividade real de comunicação.

Por conseguinte, apresentamos a descrição da sequência didática, através de quadros sinóticos dos planos de aula que englobam as atividades.

Módulo de leitura- Conhecendo a obra O Pequeno Príncipe

Este módulo compreende 12 planos de aula, nele utilizamos algumas estratégias de leitura, tais como: leitura silenciosa, compartilhada, pelo professor, por fruição. Também elaboramos um guia de leitura do livro que compreende um conjunto de atividades que contempla questões concernentes aos aspectos composicionais da narrativa, às questões linguísticas predominantes na obra lida, à temática dos capítulos lidos e questões de posicionamento crítico. Todas as questões planejadas foram distribuídas em perguntas de múltipla escolha, discursivas, de preenchimento de tabela, de elaboração de resumos e de histórias em quadrinhos.

Primeira etapa.

O primeiro momento desta intervenção refere-se à apresentação da situação de produção e a produção inicial. O quadro a seguir, apresenta as atividades desenvolvidas para o plano de aula que contempla esses aspectos.

Plano de aula 1:

Objetivos:

Compreender a situação de comunicação;

Produzir a primeira versão de um texto acerca de uma viagem interplanetária.

Tempo: duas aulas de 45 minutos

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Apresentação da situação inicial de produção: produção inicial do capítulo suplementar	Projektor	20 min
2(oral)	Leitura do capítulo 11 do livro O Pequeno Príncipe	Cópia do capítulo	25 min
3(escrita)	Produção inicial	Folha pautada	45 min

Quadro 2: Plano de aula 1-Produção inicial (autoria própria)

Para esta primeira fase da atividade é importante situar o aluno quanto às circunstâncias de comunicação e a atividade de linguagem a serem realizadas no decorrer do projeto pedagógico de maneira clara.

Isto posto, indiquei qual gênero textual seria abordado, a quem se dirigiria a produção, que forma assumiria a produção e quem participaria dela (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004). Para tanto, a apresentação consistiu em comunicar à turma que produziriam, individualmente, um capítulo suplementar, com ilustração, à obra O Pequeno Príncipe. Como base para essa produção, leriam o livro citado. Em seguida, esses textos seriam aperfeiçoados para que fossem compilados e integrassem o cerco da biblioteca da escola.

Na segunda fase, entreguei aos alunos o capítulo 11 do livro O Pequeno Príncipe que serviu como impulso e referência para a produção inicial. Além disso, também foi projetado na lousa um guia contendo as seguintes orientações³:

- Seu capítulo deve conter no mínimo três parágrafos;
- O planeta a ser criado deve ter ao menos 1 (um) habitante com quem o Pequeno Príncipe deve estabelecer um diálogo;
- O Pequeno Príncipe deve refletir sobre esse encontro e tirar uma lição dele.

Em seguida, solicitei a produção inicial.

Segunda etapa

Conforme Lopes-Rossi (2006), o módulo de leitura permite levar o aluno a compreender melhor as propriedades composicionais, temáticas e discursivas do gênero.

Para essa primeira atividade de leitura, nosso enfoque voltou-se às características discursivas e composicionais do gênero escolhido.

Plano de aula 2:

Objetivos:

Ler por fruição;

Adquirir conhecimentos acerca dos aspectos discursivos da novela.

Tempo: 2 aulas de 45 minutos.

³ LANCASTER SCHOOL, 2017, adaptação nossa

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1(oral)	Entrega dos livros e do guia de leitura do Pequeno Príncipe	Livros e guia de leitura	05 min
2 (oral)	Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos e dos aspectos discursivos acerca da obra O Pequeno Príncipe	Livro	05 min
3(oral)	Leitura da biografia de Antoine de Saint Exupéry	Folha	05 min
4(oral)	Leitura colaborativa dos capítulos 1, 2 e 3	Livro	20 min
5(oral)	Questões discursivas e de múltipla escolha acerca dos aspectos composicionais, interpretação dos capítulos lidos e de vocabulário	Livro	10 min
6(escrita)	Resolução das atividades propostas no guia de leitura (vide folha de atividade 1)	Guia de leitura	35 min
7 (oral)	Correção das atividades	Guia de leitura	10 min

Quadro 3: Plano de aula 2-Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos e dos aspectos discursivos acerca da obra O Pequeno Príncipe.

Na primeira fase, os alunos tiveram o primeiro contato com o livro e com o guia de leitura.

Em seguida (2ª fase), foram levantadas as seguintes proposições: a) Vocês conhecem essa obra? b) Observem a capa do livro. Para quem vocês acham que ele foi escrito? Como vocês chegaram à essa conclusão? c) Quem é o autor do livro? d) Quando essa obra foi escrita? e) Onde podemos encontrá-la?

A primeira pergunta diz respeito ao levantamento dos conhecimentos prévios cuja relevância recai na observação, pelo professor, do que os alunos conhecem acerca da obra.

As questões seguintes (“b”, “c”, “d” e “e”) referem-se o que Lopes – Rossi (2006) denomina de “aspectos discursivos”.

Na terceira fase, os participantes receberam e leram uma folha contendo a biografia de Antoine de Saint Exupéry com o propósito de que, após a leitura dos capítulos propostos, eles observassem a conexão entre as experiências pessoais do autor e a narrativa.

Na quarta fase, os capítulos 1, 2 e 3 foram lidos oralmente pelo professor. A escolha por esta estratégia motivou-se pela possibilidade de oferecer ao aluno um modelo de leitura oral, além de envolvê-lo na leitura e de facilitar o entendimento do texto (Lojolo, 2005.pág 29). Cabe ressaltar ainda a importância de praticar esta leitura de forma desenvolta, visto que, ao ler um texto de forma mecânica ou desestimulante, é possível despertar nos alunos uma certa resistência à leitura e conseqüentemente dificultar o cumprimento do papel desta na vida dos discentes.

Posteriormente (quinta fase), questionei-os acerca do que eles consideraram interessante na leitura e os motivos para considerarem-na como tal; que temas poderiam ser identificados nos textos e que vínculos havia entre a biografia do autor e os capítulos lidos.

Na sexta fase, os alunos foram orientados para a realização de atividades inseridas no guia de leitura que contemplam questões de inferência, de compreensão do sentido global dos textos, de compreensão da estrutura narrativa e de vocabulário, distribuídos em perguntas de múltipla escolha, discursivas, de preenchimento de tabela e de relacionar colunas da direita com a esquerda.

Na sétima fase, realizou-se a correção dialógica das atividades.

Segundo Lopes-Rossi (2006), “esse nível de conhecimento do gênero discursivo, permite uma série de conclusões para a escolha vocabular, o uso de recursos linguísticos e não – linguísticos, a seleção de informações presentes no texto, a omissão de informações, o tom e o estilo, entre outros.”

Terceira etapa

A atividade proposta para esses capítulos recai sobre compreensão de textos e de aspectos composicionais relevantes na sequência narrativa, tais como: personagem, espaço e lugar.

Plano de aula 3:

Objetivos:

Ler por fruição;

Selecionar informações a partir da leitura dos capítulos.

Tempo: 2 aulas de 45 minutos

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Recapitulação dos capítulos 1 a 3	Livro	10 min
2(oral)	Leitura colaborativa dos capítulos 4 e 5	Livro	20 min
3(oral)	Proposições a fim de promover a fruição e a compreensão dos capítulos lidos	Caderno e caneta	15 min
4(escrita)	Atividades para extrair informação diretamente do texto, para refletir sobre a amizade (vide folhas de atividades 2)	Guia de leitura	35 min
5 (escrita)	Correção do guia de leitura	Guia de leitura	10 min

Quadro 4: Plano de aula 3-leitura por fruição. (autoria própria)

Na primeira fase, foram lembrados, oralmente pelos alunos, os capítulos 1 a 3.

Em seguida (segunda fase) foi iniciada a leitura, colaborativa, dos capítulos propostos.

Durante a leitura do capítulo 5, fiz uma interferência:

“Não entendi imediatamente por que era tão importante que os carneiros comessem arbustos. Mas o pequeno príncipe acrescentou:

- Então eles comem também os baobás?” (pág. 21 e 22)

A fim de observar se a palavra baobá estava inserida no acervo lexical dos alunos, questionei-os sobre o significado dela ao que todos responderam não conhecer. Para ajudá-los a compreender seu sentido, propus que retornássemos a leitura da página 21 e observássemos o diálogo do príncipezinho com o piloto no trecho:

-É verdade que os carneiros comem arbustos?

-Sim. É verdade.

- Ah! Que bom!

Após lermos o trecho, alguns dos participantes responderam tratar-se de um arbusto, ao passo que outros afirmaram referir-se a uma espécie de árvore. Prosseguiu-se a leitura colaborativa até que na página 22 o significado da palavra foi revelado.

Na terceira fase, estimei os alunos a comentarem sobre os trechos que mais gostaram e suas razões para tal. De acordo com Lajolo(2005.pág.33) o exercício de tecer comentários permite ao leitor construir sentido “do que lê ou do que ouve ler”. “Ler e ouvir *entendendo* ensina que leitura não é mera sucessão de sons ou de letras”. Também nessa fase foram levantadas proposições voltadas para a função das aquarelas presentes nos capítulos lidos, tais como: as imagens presentes nesses textos contribuem para a compreensão do texto? Como?

Na quarta fase, solicitei a execução das atividades propostas no guia de leitura a fim de observar o nível de compreensão dos participantes sobre os capítulos selecionados. Para tanto, elaboramos questões de inferência, de compreensão do sentido global dos textos, distribuídos em perguntas de múltipla escolha, discursivas e de resumos dos capítulos.

Na quinta fase, prossegui com a correção de forma dialógica.

Quarta etapa

A atividade planejada para essa aula propõe a discussão sobre o valor da amizade, bem como trata da compreensão da leitura dos capítulos.

Plano de aula 4:

Objetivo:

Refletir sobre o valor da amizade.

Tempo: duas aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura silenciosa dos capítulos 6 e 7	Livro	30 min
2 (oral)	Discussão sobre o valor da amizade	Livro	15 min
3 (escrita)	Resolução das atividades inseridas no guia de leitura (vide folhas de atividades 3)	Guia de leitura	35 min
4 (oral)	Correção das atividades	Guia de leitura	10 min

Quadro 5: Plano de aula 4-A amizade do Príncipezinho e a rosa.

Na primeira fase, foi realizada a leitura silenciosa, dos capítulos 6 e 7. A escolha por esse procedimento de leitura ancora-se na propiciação, pelo leitor, de praticar o que aprendeu, fazer previsões e recapitulações a respeito do texto (Solé,1998, pág.127)

Em seguida (segunda fase), os participantes foram questionados acerca do tema que predominava nesses capítulos e alguns responderam “amizade”. Com o propósito de estimulá-los a refletirem sobre esse assunto, foram levantadas proposições relativas ao entendimento deles sobre amizade, da relevância de cuidar do amigo e de se colocar no lugar dele em alguns momentos.

Finalizada a reflexão, iniciou-se a terceira fase em que os alunos foram orientados para a resolução das questões propostas no guia de leitura relativas aos capítulos 6 e 7. Observei, durante a execução desses exercícios, uma certa insegurança deles para responderem, por

completo, à questão 5 do guia de leitura, entretanto, esclareci a questão e muitos dos alunos a responderam.

Posteriormente, promoveu-se, dialogicamente, a correção dos exercícios.

Quinta etapa

Essa etapa contempla um aspecto linguístico prototípico das sequências narrativas: os tempos pretéritos. Seu papel é imprescindível em uma narrativa, pois são mecanismos de coesão sequencial cuja função é fazer progredir o texto.

Plano de aula 5:

Objetivos:

Desenvolver a habilidade de leitura;

Reconhecer o uso dos tempos pretéritos na novela;

Analisar os usos do pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Tempo: 2 aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura colaborativa dos capítulos 8 e 9	Livro	15 min
2ª (oral)	Questões relativas à compreensão de leitura	Livro	10 min
3 (oral)	Explicitação dos aspectos concernentes aos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito encontrados nos capítulos lidos	Projetor	20 min
4(escrita)	Resolução das atividades propostas no guia de leitura que contemplam questões subjetivas, objetivas, de preenchimento de tabela. (vide folhas de atividades 4)	Guia de leitura	25 min
5 (oral)	Correção das atividades	Guia de leitura	20 min

Quadro 6: Plano de aula 5- Tempos pretéritos na narrativa.

Na primeira fase, lemos colaborativamente dos capítulos 8 e 9.

Após a leitura colaborativa, foram levantadas questões sobre os personagens que interagiram com o príncipezinho; o sentimento que ele nutria pela rosa; como ela sentiu-se com a partida dele para visitar outros planetas.

Na terceira fase, projetei na lousa um trecho do capítulo 8. Em seguida, solicitei aos alunos que indicassem, oralmente, os verbos que consideraram conjugados no tempo passado.

“Logo aprendi a conhecer melhor aquela flor. Sempre houvera no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, ornadas de uma só fileira de pétalas, e que não ocupavam espaço nem incomodavam ninguém. Apareciam pela manhã, na relva, e à tarde já murchavam. Mas aquela brotara um dia de uma semente trazida não se sabe de onde, e o príncipezinho resolvera vigiar de perto o pequeno broto, que era tão diferente dos outros. Podia ser uma nova espécie de baobá.”(p.30.)

À medida que os verbos foram sendo indicados pelos participantes, os mesmos foram registrados em uma tabela exposta no quadro.

Mais-que-perfeito	Imperfeito	Pretérito perfeito do indicativo
Houvera	Ocupavam	Aprendi
Brotara	Incomodavam	
Resolvera	Apareciam	
	Murchavam	
	Era	

Quadro 7:tabela dos tempos pretéritos na narrativa:(Jolibert, 1994. Pág 150)

Terminada a atividade, houve a explicitação dos aspectos alusivos a esses tempos: Mais-que-perfeito = Retomada de um acontecimento ainda mais anterior aos fatos que narra.

Imperfeito =Pano de fundo, isto é, relativo à descrição de ambientes, espaço, personagens.

Pretérito perfeito = Primeiro plano. Diz respeito as ações dos personagens, a trama.

Nosso esforço em ministrar esse conteúdo aponta para a relevância de expor aos alunos que a utilização dos tempos verbais está vinculada à “atitude comunicativa” (Weinrich *apud* Koch 2012, pág 173). Se um indivíduo pretende narrar acontecimentos, a sua escolha verbal incidirá sobre os tempos pretéritos.

Posteriormente, os participantes responderam, em duplas, as atividades propostas no guia de leitura.

Em seguida, foi realizada a correção das atividades.

Sexta etapa

Nessa atividade, propomos tratar dos aspectos descritivos, uma vez que este é essencial na sequência narrativa, por contribuir para o enriquecimento visual dos personagens e dos ambientes.

Plano de aula 6:

Objetivo:

Refletir e analisar os aspectos descritivos na narrativa.

Tempo: duas aulas de 45 minutos

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1(oral)	Mote para o assunto descrição	Caixa contendo diversos objetos	10 min
2(oral)	Leitura dos capítulos 10 e 11	Livro	15 min
3(oral)	Questões concernentes aos capítulos	Livro	10 min
4 (oral)	Explicação dos tipos de descrição	Projetor	10 min
5 (escrito)	Cópia pelos alunos do conteúdo sobre descrição	Caderno e caneta	10 min
6 (escrito)	Resposta ao guia de leitura (vide folha de atividades 5)	Guia de leitura	25 min
7 (oral)	Correção das atividades	Guia de leitura	10 min

Quadro 8:Plano de aula 6- A aspectos descritivos na narrativa. (autoria própria)

Na primeira fase, o assunto *descrição* foi introduzido por meio de uma brincadeira que consistia em um aluno utilizando o tato e de olhos vendados, colocar a mão dentro de uma caixa, pegar um objeto e revelar para a turma suas características a fim de que esta descubra de que objeto se trata. Ao término do jogo, explicou-se que as características mencionadas pelo aluno também são conhecidas como *descrição* e estão presentes na narrativa para enumerar as propriedades dos objetos, seres e lugares.

Na segunda fase, foram propostas as leituras dos capítulos 10 e 11. Para tanto, dois alunos foram escolhidos para representarem os personagens *Rei* e o *Pequeno Príncipe*, presentes no capítulo 10, e outros dois participantes leram e representaram as personagens *Vaidoso* e o *Pequeno Príncipe*, inseridos no capítulo 11.

Finalizada a leitura, os participantes responderam as seguintes perguntas: Como você descreveria os personagens Rei e Vaidoso? Se você fosse o príncipezinho, aceitaria o convite

do Rei para ficar em seu planeta? Explique. Ao final de suas visitas aos planetas desses dois personagens, o pequeno príncipe concluiu que “As pessoas grandes são muito estranhas”. Você concorda com ele? Justifique.

Na terceira fase, registrei no quadro os trechos do capítulo 10:

“O rei sentava-se vestido de púrpura e arminho, num trono muito simples, embora majestoso.”

“Mas O Pequeno Príncipe estava espantado. O planeta era minúsculo.”

Em seguida perguntei a quem se referiam as palavras púrpura, arminho, simples e majestoso, ao que os alunos responderam “as vestimentas do rei” e ao “planeta” respectivamente.

Optamos por perguntas cujas respostas encontram-se diretamente no texto, para que o aluno compreendesse, de maneira clara, o conteúdo proposto.

Finalizadas as perguntas, copiei na lousa o assunto descrição e tipos de descrição, objetiva e subjetiva. Decidimos tratar desse conteúdo, visto que é recorrente na obra O pequeno príncipe.

Na quarta fase, os alunos responderam as atividades propostas no guia de leitura que engloba questões objetivas, subjetivas, de preenchimento de lacunas, de relacionar a coluna da esquerda com a direita e preenchimento de tabela.

Subsequentemente (quinta fase), a corrigi as atividades.

Sétima etapa

A atividade em torno desses capítulos refere-se à retomada de aspectos composicionais importantes da novela, a saber: personagem e espaço.

Plano de aula 7:

Objetivos:

Desenvolver a habilidade de leitura;

Ler por fruição.

Tempo: duas aulas de 45 minutos

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura dos capítulos 12 a 14	Livro	20 min
2 (oral)	Discussão, por meio de perguntas, sobre os personagens e suas atitudes.	Livro	25 min
4(escrita)	Resolução das atividades propostas no guia de leitura que compreendem questões objetivas, subjetivas e de preenchimento de tabela (folha de atividades 6)	Guia de leitura	35 min
5 (oral)	Correção das atividades	Guia de leitura	10 min

Quadro 9: Plano de aula 7-Leitura por fruição (autoria própria)

Para execução da primeira fase, escolhi seis alunos para lerem e representarem os personagens principais do capítulo 12, o *Bêbado* e o *Pequeno Príncipe*, do capítulo 13, o *Empresário* e o *Pequeno Príncipe*, do capítulo 14, o *Acendedor de lâmpadas* e o *Pequeno Príncipe*. Essa proposta de leitura permitiu um engajamento maior dos alunos com o texto, visto que, tratava-se de uma leitura por fruição

Na segunda fase, houve uma discussão dos textos por meio das seguintes perguntas: Que personagens lhes chamaram atenção? Por quê? Por que o príncipezinho saiu perplexo do encontro com o Bêbado? O que representa o empresário? O empresário considerava importante possuir as estrelas. O pequeno príncipe concordou com ele? Por quê? O que o príncipezinho considerava importante, útil? Explique. Que primeira impressão o pequeno príncipe teve do trabalho do acendedor de lâmpadas? Por que o príncipezinho julgou que o acendedor de lâmpadas era diferente do Rei, do Vaidoso, do Empresário e do Beberão? O acendedor de lâmpadas era um personagem que cumpria ordens sem questioná-las. Vocês também agem assim? Comentem.

Finalizada a leitura, os alunos foram orientados à realização das atividades presentes no guia de leitura.

Em seguida, houve a correção das atividades.

Oitava etapa

A atividade planejada para esses capítulos direciona-se às questões de compreensão dos textos lidos e as questões linguísticas caras à narrativa, a saber, os tipos de discurso.

Plano de aula 8:

Objetivos:

Compreender o texto;

Refletir sobre os valores presentes nos textos;

Adquirir conhecimentos sobre aspectos linguísticos.

Tempo: duas aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura dos capítulos 15 e 16	Livro	15 min
2 (oral)	Perguntas relativas à questão linguística	Livro	10 min
3 (oral)	Explicitação relativas aos tipos de discurso	Lousa	10 min
4 (escrita)	Cópia pelos alunos do conteúdo Tipos de discurso	Caderno e caneta	10 min
5 (escrito)	Resolução das atividades propostas no guia de leitura que contempla questões objetivas, subjetivas e de preenchimento de tabela (vide folhas de atividades 7)	Guia de leitura	30 min
6(oral)	Correção das atividades	Guia de leitura	15 min

Quadro 10: Plano de aula 8-Tipos de discurso na narrativa (autoria própria)

Na primeira fase, foi feita uma leitura colaborativa dos capítulos 15 e 16. Durante a leitura do capítulo 15, foi realizada uma interferência no trecho:

-Porque as flores são efêmeras. (pág.52)

Perguntei aos alunos se algum deles já ouvira a palavra efêmera. Em seguida, levantou-se hipóteses para o seu significado. Como nenhum aluno conseguiu definir o que ela significava, procedeu-se a leitura com o propósito de observar se mais adiante o próprio texto revelaria o seu sentido, o que se confirmou.

Posteriormente, a fim de averiguar o que os alunos compreenderam dos capítulos, perguntei-lhes o que deixou pequeno príncipe decepcionado com o Geógrafo;a quem o príncipezinho se referiu ao dizer: “ Conheço alguém que seria um mal explorador”? Vocês concordam com o narrador quando ele diz que a Terra não é um planeta qualquer? Expliquem.

Em seguida, foi tratado o assunto tipos de discurso. Para tanto, registrei na lousa o trecho:

- (1) - Que é um geógrafo? – perguntou o príncipezinho.
- (2) O príncipezinho perguntou o que é um geógrafo.
- (3) No planeta, os dias do geógrafo eram sempre iguais. Colhia informações dos exploradores e as anotava em seu livro. Ainda não registrei os dados do último explorador que me visitou.

Com o objetivo de impulsionar os alunos a entenderem o conteúdo proposto, foram levantadas questões do tipo :quais são as diferenças que você observa entre os trechos 1 , 2 e 3?Como você chegou a essa conclusão?

Após as respostas dos alunos, foram explicitados, oralmente, os tipos de discurso, direto e indireto.

Na quinta etapa, os participantes responderam o guia de leitura e, ao término (6ª etapa) foi realizada a correção das atividades.

Nona etapa

A atividade planejada para esses capítulos pretende promover a compreensão do capítulo lido e abordar questões concernentes aos elementos anafóricos diretos, importantes recursos de progressão referencial.

Plano de aula 9:

Objetivo:

Desenvolver a habilidade de leitura;
Adquirir conhecimentos linguísticos.

Tempo: duas aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura dos capítulos 17 a 20	Livro	30 min
2 (oral)	Explicitação dos elementos anafóricos diretos	Projektor	15 min
3 (escrito)	Resposta ao guia de leitura que contém questões objetivas, subjetivas e caça-palavras (vide folhas de atividade 8)	Guia de leitura	35 min
4 (oral)	Correção das atividades	Guia de leitura	10 min

Quadro 11: Plano de aula 9- elementos anafóricos diretos. (autoria própria)

Na primeira fase, foi realizada a leitura compartilhada dos capítulos 17 a 20. No decorrer da leitura, feita por mim, do capítulo 17, houve algumas intervenções nos seguintes trechos:

“Entre os homens a gente também se sente só- disse a serpente.” (Pág.60)

Em seguida levantou-se a pergunta:É possível sentir-se só no meio de muita gente? Alguém aqui já se sentiu assim?

Prosseguiu-se a leitura e outra intervenção ocorreu no trecho:“-Eu posso levar-te mais longe que um navio- disse a serpente” (pág.60)

Questionei-os acerca do significado deste trecho, ao que os alunos responderam “a morte”

Após as intervenções, seguiu-se a leitura. Ao terminá-la, houve um resumo oral, pela professora, do capítulo 17.

Subsequentemente, um participante leu o capítulo 18 e fez uma intervenção no trecho:“O pequeno príncipe atravessou o deserto e encontrou apenas uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzinha insignificante...”. (Pág.62)

A pausa ocorreu porque houve dúvida quanto ao significado da palavra “insignificante”. Um outro aluno respondeu se tratar de algo que não possui valor.

Prosseguiu-se a leitura até o final do capítulo. Em seguida, o participante resumiu oralmente o capítulo 18. O capítulo 19 foi lido por outro aluno que ao término do capítulo resumiu-o oralmente.Posteriormente, outro aluno leu o capítulo 20 e também o resumiu, oralmente, ao final da leitura.

Em seguida(segunda fase), foi registrado na lousa o trecho, bem como a pergunta:“(…) *As pessoas grandes não acreditarão, é claro. Elas julgam ocupar muito*

espaço. Imaginam-se tão importantes quanto os baobás. Peçam-lhes então que façam as contas (...)”. (pág. 59)

A quem se referem os termos destacados?

Após as respostas, explicou-se aos alunos a importância dos elementos anafóricos diretos para evitar a repetição e fazer o texto progredir.

Na terceira fase, os alunos responderam às atividades do guia de leitura.

Na quarta fase, houve a correção.

Décima etapa

A atividade em torno desse capítulo recai sobre os aspectos composicionais da narrativa, tais como: situação inicial, nó, re-ação, desenlace e avaliação.

Plano de aula 10:

Objetivos:

Compreender o texto;

Observar os aspectos composicionais da narrativa.

Tempo: duas aulas de 45 minutos

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura do capítulo 21	Livro	25 min
2(oral)	Explicitação dos aspectos composicionais da narrativa: situação inicial, nó, re-ação, desenlace e avaliação	Projektor	20 min
2 (escrita)	Resolução das atividades propostas no guia de leitura (questões objetivas, subjetivas e de sublinhar) (vide folhas de atividades 9)	Guia de leitura	35 min
3 (escrita)	Guia de leitura	Guia de leitura	10 min

Quadro 12: Plano de aula 10: aspectos composicionais da narrativa. (autoria própria)

Na primeira fase, um participante iniciou a leitura do capítulo 21. Em seguida, fez um resumo oral do texto lido. Posteriormente, com o propósito de observar o que os alunos compreenderam do texto, algumas perguntas foram propostas:

O que significa “cativar”? Que grande descoberta o príncipezinho fez com relação à sua flor? Por que a raposa afirma que amará o barulho do vento no trigo? Observem a frase: “A linguagem é uma fonte de mal-entendidos”. Vocês concordam? Vocês já foram mal

interpretados? Conte-nos. O que a raposa quis dizer com “descobrirei o preço da felicidade”? Qual é o significado da palavra “ritual”? Que segredo a raposa contou para o príncipezinho?

Na segunda fase, projetei na lousa os aspectos composicionais da narrativa: situação inicial, nó, re-ação, desenlace e avaliação (cf, ADAM 2008)

Na terceira fase, os alunos foram orientados à resolução do guia de leitura.

Subsequentemente, ocorreu a correção dessas atividades.

Décima primeira etapa.

Nessa atividade estão inseridos conteúdos relativos à compreensão dos textos lidos e à paragrafação como elemento organizacional das ideias no texto.

Plano de aula 11:

Objetivos:

Ler criticamente;

Observar como as ideias se organizam no texto.

Tempo: duas aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura silenciosa dos capítulos 22 a 24 e comentário dos mesmos.	Livro	35 min
2 (oral)	Explicitação sobre paragrafação	Lousa	20 min
3(escrita)	Resolução de questões propostas no guia de leitura (vide folhas de atividade 10)	Guia de leitura	35 min

Quadro 13: Plano de aula 11-Paragrafação (autoria própria)

Na primeira fase, os participantes foram orientados para a leitura silenciosa, bem como para destacarem trechos dos capítulos que considerassem interessantes. Terminada a leitura, procedeu-se aos comentários dos trechos apontados por eles.

Após os comentários, foi projetado na lousa o capítulo 24(2ª fase):

“(…)como o príncipezinho adormecesse, tomei-o nos braços e prossegui a caminhada. Estava emocionado e tinha a impressão de carregar um frágil tesouro. Parecia-me mesmo

não haver na terra nada mais frágil. Observava, à luz da Lua, aquele rosto pálido, seus olhos fechados, suas mechas de cabelo que se agitavam com o vento. E pensava: “O que eu vejo não passa de uma casca. O mais importante é invisível...”

Como seus lábios entreabertos esboçavam um sorriso, pensei ainda: “O que tanto me comove nesse príncipe adormecido é sua fidelidade a uma flor; é a imagem de uma rosa que brilha nele como a chama de uma lâmparina, mesmo quando ele dorme...” E eu então o sentia ainda mais frágil. É preciso proteger a chama com cuidado: um simples sopro pode apagá-la!

E, continuando a caminhada, eu descobri o poço, ao raiar do dia”. (Pág.78)

Em seguida, explorou-se o conteúdo paragrafação mediante as respostas às perguntas: Que informação está contida no primeiro parágrafo? Essa informação continua no segundo parágrafo? E no terceiro?

Essas proposições tornam-se relevantes, pois os alunos observarão que os parágrafos se caracterizam por conter os tópicos discursivos dos textos.

Respondidas as perguntas, os alunos foram orientados para a realização da atividade no guia de leitura.

Resolvidas as atividades, procedeu-se a sua correção.

Décima segunda etapa.

A atividade em torno desse capítulo enfoca os aspectos composicionais relevantes ao gênero novela, telenovela e fábula.

Plano de aula 12:

Objetivos:

Ler criticamente;

Adquirir conhecimentos composicionais pertinentes à situação de produção do gênero novela.

Tempo: duas aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Leitura silenciosa dos capítulos 25 a 27	Livro	25 min
2 (oral)	Explicitação da estrutura composicional da novela, telenovela e fábula.	Projetor	20 min
3 (escrita)	Resposta ao guia de leitura (vide folhas de atividade 11)	Guia de leitura	35 min
4(oral)	Correção das atividades do guia de leitura	Guia de leitura	10 min

Quadro 14: Plano de aula 12- Aspectos composicionais pertinentes à situação de produção do gênero novela. (autoria própria)

Na primeira fase, os alunos foram orientados a fazerem a leitura silenciosa dos capítulos e a destacarem passagens que lhes chamaram a atenção a fim de tecermos comentários sobre elas.

Posteriormente (segunda fase) com o propósito de explicitar as diferenças entre os gêneros novela, telenovela e fábula é que se projetou na lousa uma tabela contendo características de três gêneros textuais: novela, fábula e telenovela. Os dois últimos gêneros foram escolhidos para serem ministrados nessa etapa pois a obra O Pequeno príncipe compartilha algumas características presentes nas fábulas, a saber: animais que falam e uma avaliação ao final dos capítulos.

Na terceira fase, os participantes responderam às questões propostas no guia de leitura.

Em seguida (4ª fase) realizou-se a correção dessas questões.

Módulo de escrita-Aplicando os conhecimentos no papel.

Neste módulo planejou-se 3 aulas com enfoque à retextualização dos capítulos suplementares.

Décima terceira etapa.

O propósito dessa atividade aponta para a reflexão concernente à adequação de suas primeiras versões escritas à estrutura composicional.

Plano de aula 13:**Objetivo:**

Refletir sobre aspectos composicionais.

Tempo: duas aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Revisão dos aspectos composicionais da narrativa	Projektor	15 min
2 (oral)	Entrega das produções iniciais	Exemplares das primeiras versões	10 min
3 (escrita)	Cópia pelos alunos da tabela dos aspectos composicionais	Caderno e caneta	20 min
4(escrita)	Resposta dos alunos acerca dos aspectos composicionais relevantes na elaboração do capítulo suplementar	Caderno e caneta	20 min
5 (escrita)	Socialização das respostas	Caderno e caneta	25 min

Quadro 15: Plano de aula 13- Revisão dos aspectos composicionais da narrativa (autoria própria).

A fim de levar os alunos a revisarem o conteúdo temático e os aspectos composicionais e as características próprias presentes nas passagens que tratam das viagens do Principezinho aos sete planetas, foi proposta a tabela abaixo:

Onde aconteceu a história?	
Quando aconteceu a história?	
Descreva o personagem que você criou para dialogar com o pequeno príncipe.	
O que o personagem representa na história?	
Sua história apresenta uma situação inicial?	
Há um nó, isto é, uma perturbação enfrentada pelo personagem?	
Que atitudes o personagem tomou para solucionar essa perturbação?	

Qual é o desfecho para este nó?	
Que comentário o Pequeno Príncipe faz ao final do encontro com o personagem criado por você?	

Quadro 16: Tabela sobre a adequação da situação de produção. (autoria própria)

Na segunda fase, os alunos copiaram em seus cadernos a tabela e posteriormente (3ª fase) foi-lhes entregue as primeiras versões de seus capítulos suplementares a fim de que eles observassem se seus textos atenderam as questões propostas na tabela.

Por fim,(4ª etapa), os alunos preencheram a tabela e socializaram suas respostas.

Décima quarta etapa.

A atividade proposta nesta etapa recai sobre os aspectos linguísticos importantes à adequação da situação de produção: os sinais de pontuação.

Plano de aula 14:

Objetivos:

Refletir sobre a produção inicial;

Revisar aspectos linguísticos concernentes à novela e à situação de produção;

Compreender o uso dos sinais de pontuação para o sentido do texto;

Reescrever a primeira versão.

Tempo: duas aulas de 45 minutos.

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Entrega da segunda versão	Textos dos alunos	05 min
2(oral)	Explicitação dos sinais de pontuação frequentes no gênero estudado	Projektor	10 min
3 (escrita)	Cópia pelos alunos do conteúdo “sinais de pontuação”	Caderno e caneta	20 min
3 (oral)	Revisão colaborativa relativa aos sinais de pontuação por meio de uma produção escrita dos alunos.	Projektor	10 min
4 (escrita)	Reescrita	Caderno e caneta	55 min

--	--	--	--

Quadro 17: Recursos linguísticos: sinais de pontuação. (autoria própria)

Com o propósito de oferecer informações para que os alunos eliminem marcas da oralidade em suas produções, foram apresentados os sinais de pontuação pertinentes ao gênero novela: ponto final, vírgula, travessão, três pontos e exclamação e aspas.

Ponto final(.): é utilizado para finalizar uma frase declarativa.

Ex: O príncipe estava agora pálido de cólera.

Dois pontos(:): introduz a fala das personagens.

Ex: E o príncipezinho prosseguiu:

-teu planeta é tão pequeno que podes, com três passos contorná-lo. (pág.52)

Exclamação (!): é utilizada após uma interjeição ou para indicar um sentimento

Ex: -oh! Não foi na terra (pág.68)

-Não acredito! As flores são fracas!(pág.28)

Travessão (-): indica a fala da personagem.

Ex: - Tu falas como as pessoas grandes. (pág.28)

Aspas (“ ”) : marca a fala ou pensamento de alguém:

Ex: e o dia todo repete como tu: “eu sou um homem sério” (pág.29)

“é divertido” pensou o príncipezinho.

Vírgula (,): emprega-se a vírgula para separar termos em uma enumeração, uma sequência de ações e expressões de tempo e lugar no início do parágrafo.

Ex: tudo está preparado: a roldana, o balde e a corda.(pág. 80)

Quando eu era pequeno, as luzes da árvore de natal

Reticências: indicam uma pausa

Ex: teus baobás parecem repolhos...

Para análise e reflexão sobre o uso da pontuação, a atividade se fundamentou em um trecho da produção escrita de um aluno, em que todos os sinais de pontuação foram eliminados para serem reescritos adequadamente.

Décima quinta etapa.

A atividade a seguir aborda aspectos linguísticos, como ortografia e acentuação das palavras e os sinais de pontuação, com vistas à adequação à situação de produção dos capítulos suplementares à obra *O Pequeno Príncipe*.

Plano de aula 15:

Objetivos:

Refletir sobre aspectos pertinentes à novela e à situação de produção;

Digitar a versão final dos capítulos suplementares;

Tempo: 2 aulas de 45 minutos

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1 (oral)	Entrega da segunda versão	Textos impressos	10 min
2 (escrita)	Digitação da versão final	Computador	80 min

Quadro 18: Preparando a versão final. (autoria própria)

Primeiramente, foi entregue a segunda versão produzida por eles para que observassem o que ainda era necessário para adequá-la à situação de produção conforme orientado. No entanto, os alunos apresentaram resistência à essa atividade, ao que decidi levá-los ao laboratório de informática para que digitassem a versão final na ferramenta *Word*, o que os motivou. Além de motivá-los, esse recurso auxiliou os escreventes nas questões de acentuação, concordância, ortografia e pontuação, uma vez que destacava os desvios cometidos por eles e apontava as correções.

Avaliação.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), a avaliação pode ser do tipo somativo que leva em conta os critérios definidos em sala de aula a partir do que foi estudado a respeito da obra nos módulos de leitura e escrita dos capítulos suplementares.

Como critérios para a avaliação das produções dos alunos, adotamos os seguintes tópicos, com base em Bakhtin (2011):

- Conteúdo temático: uma produção que trate de uma narrativa com ensinamento moral.
- Construção composicional: organização do texto relacionada a sequência narrativa e suas bases constituintes, a saber: situação inicial, nó, desenlace e desfecho.
- Estilo: um texto adequado à situação de produção contemplando os recursos linguísticos, lexicais e sintáticos abordados durante o projeto.

Módulo de divulgação – Efetivando os capítulos suplementares

Este módulo compreende 1 plano de aula, no qual organizamos os materiais e dividimos a turma em grupos para facilitar o trabalho e promover a publicação da coletânea dos capítulos suplementares por meio da Feira de Conhecimentos da escola.

Décima sexta etapa

A atividade desenvolvida nessa etapa, diz respeito à preparação para a exposição do projeto de leitura e escrita.

Plano de aula 16:

Objetivo:

Preparar material para a exposição do projeto de leitura e escrita;

Trabalhar em grupo.

Tempo: duas aulas de 45 minutos

FASE	PROCEDIMENTO	RECURSOS	DURAÇÃO
1(oral)	Orientação para a preparação da sala para exposição	Tubetes, pequenas flores artificiais, adesivos de imitação de cristais, mesas, lápis grafite, de hidrocor, pinceis, tintas guaches e de tecido e telas para pintura.	15 min
2(oral)	Divisão da turma em grupos e entrega dos materiais	Tubetes, pequenas flores artificiais, adesivos de imitação de cristais, mesas, lápis grafite, de hidrocor, pinceis, tintas guaches e de tecido e telas para pintura.	75 min

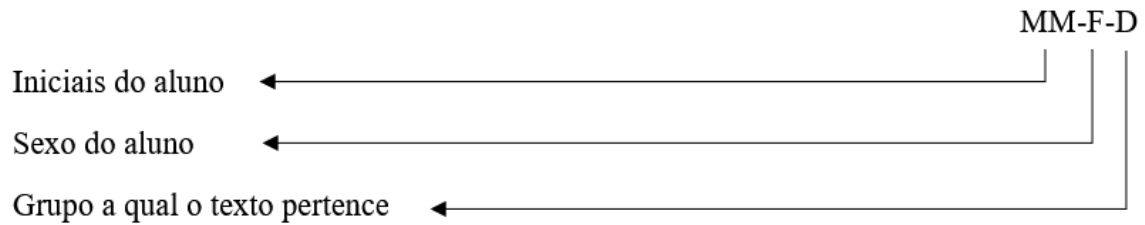
Quadro 19: Plano de aula 16-Preparando a exposição. (autoria própria)

Na primeira fase, anunciamos aos alunos que produziríamos pinturas em telas com as personagens criadas por eles para os capítulos suplementares e confeccionaríamos as lembrancinhas da rosa em uma redoma, cuja inspiração partiu do trecho do livro “À noite me colocarás sob uma redoma de vidro” (pág.32). Para tanto, dividimos a turma em quatro grupos de quatro pessoas e entregamos as telas, os lápis grafites para reproduzir os desenhos, a coleção de hidrocor, os pinceis, as tintas guache e de tecido para a pintura dos personagens , distribuimos também os tubetes, os adesivos que imitam cristais e as flores artificiais para a feitura das lembrancinhas.

Ressaltamos que integraram-se nessa atividade alguns alunos que não participaram do projeto do início ao fim, visto que manifestaram interesse em colaborar. A atuação deles foi intensa e comprometida. Mostraram-se disponíveis para auxiliar os colegas em suas dificuldades e intenção para ler o livro em casa.

4 DIGITAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Depois de coletados, os dados foram digitalizados mantendo-se a ortografia e pontuação originais, inclusive com todos os desvios à norma padrão cometidos. Cada texto digitado recebeu um código alfa-númerico, o qual aponta para algumas informações.



Esquema 3: Esquema de identificação do aluno no *Corpus*

As primeiras letras do código identificam o aluno. A terceira letra indica o sexo do aluno. Já a quarta, aponta para o grupo em que o texto está inserido. No exemplo, a letra “D” indica que o texto faz parte do Diagnóstico.

5 ANÁLISE DA JUNÇÃO

Introdução

Nesta análise, apresentaremos gráficos, cujos dados estão em números normalizados, e juntogramas a fim de quantificar e comparar as relações semânticas(adição, espaço, tempo, causa, finalidade e contra-causa) e os graus de integridade sintática (advérbios juntivos “II”, coordenação“III”, subordinação “IV”, grupos preposicionais “VI” e preposições simples “VII”) nas produções textuais referentes à escrita do Diagnóstico (D), da Primeira Versão(PV) e da Versão Final(VF) dos alunos.

O *corpus* é composto por 33 textos e todos eles foram submetidos às ferramentas *Tradisc*, desenvolvidos por Kabatek e colaboradores, para o tratamento estatístico de dados.

A análise dos dados está organizada da seguinte forma: 5.1. Análise global das relações semânticas e dos graus de integração sintática; 5.2. Análise das Relações semânticas no Diagnóstico, na Primeira Versão e na Versão Final dos alunos participantes, 5.3. Análise dos graus de integração sintática no Diagnóstico, na Primeira Versão e na Versão Final dos alunos e 5.4. Juntogramas do Diagnóstico, da Primeira Versão e da Versão Final.

5.1. Análise global das relações semânticas e dos graus de integração sintática nos diferentes grupos

O gráfico abaixo representa as ocorrências das relações semânticas nas produções textuais do Diagnóstico, da Primeira Versão e da Versão Final em relação ao total de palavras no *corpus*.

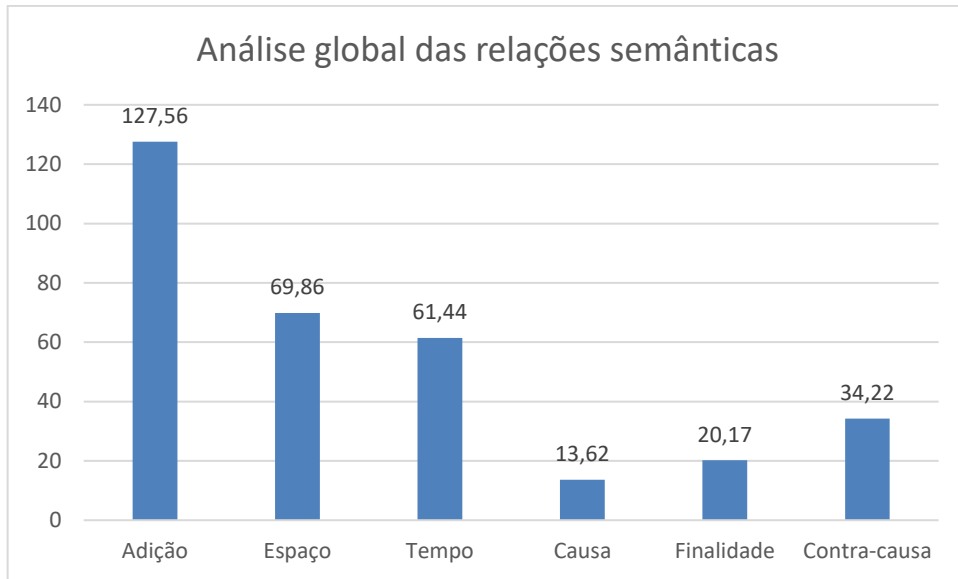


Gráfico 1: Análise global das relações semânticas em relação ao total de palavras no corpus (autoria própria)

Dentre 6,395 palavras-texto, encontram-se 127,56 ocorrências de adição, seguida de espaço (69,86), tempo (61,44), contra-causa (34,22), finalidade (20,17) e causa (13,62).

O diagrama seguinte, revela a frequência dos graus de integração sintática (II);(III); (IV);(VI) e (VII) em relação à massa textual no *corpus* dos grupos Diagnóstico, Primeira Versão e Versão Final.

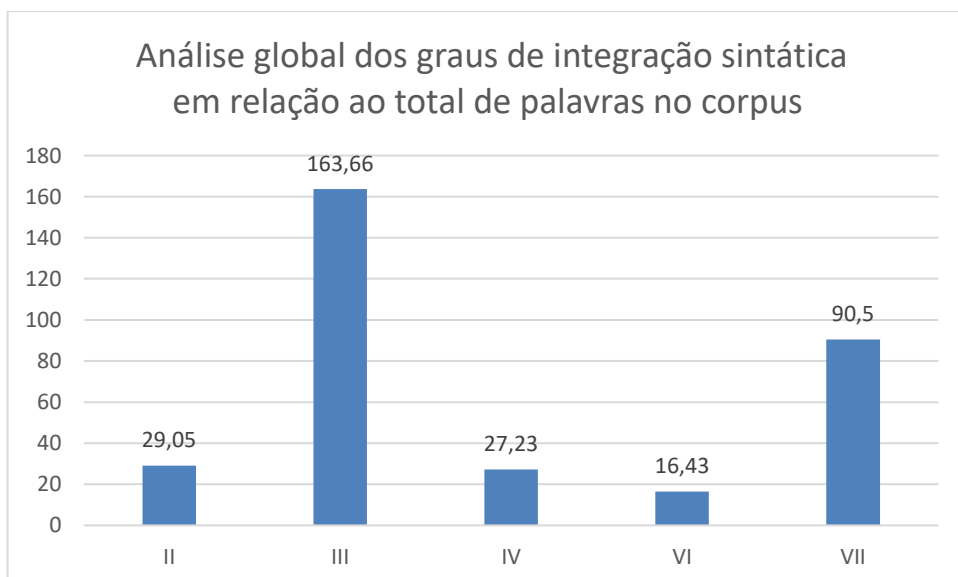


Gráfico 2: Análise global dos graus de integração sintática em relação ao total de palavras no corpus (autoria própria)

Percebe-se que o uso da técnica III obteve superioridade numérica (163,66) em relação ao VII (90,5), ao II (29,5), ao IV (27,23) e ao VI (16,43)

A frequência do III é muito superior aos demais juntores, somando 163,66 a frequência do VII alcançou 90,5, a do II totalizou 29,05 a do IV somou 27,23 e a do VI atingiu 16,43.

5.2. Análise das Relações semânticas no Diagnóstico, na Primeira Versão e na Versão Final dos alunos

O gráfico a seguir traz a frequência com que cada relação semântica foi constatada no *corpus* relativo ao Diagnóstico dos participantes:

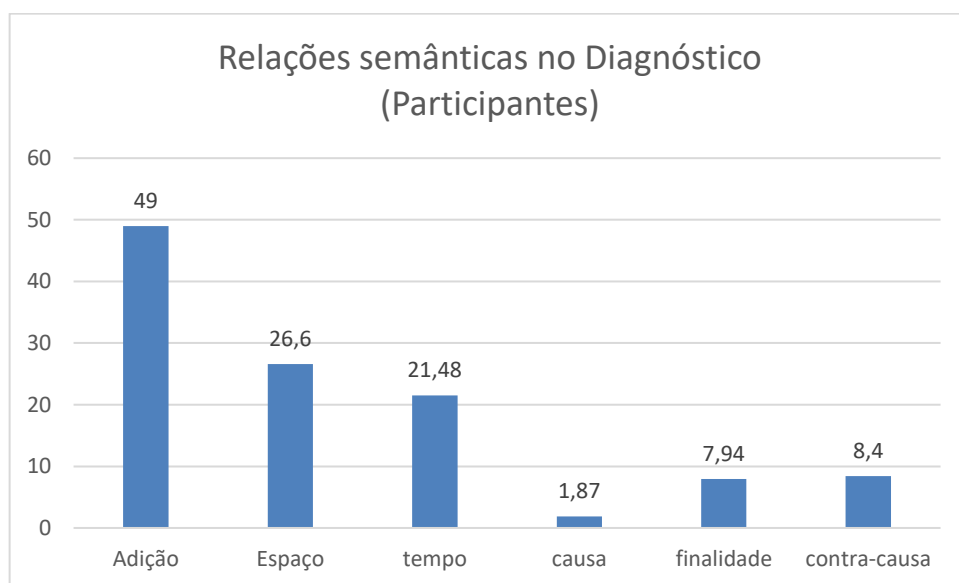


Gráfico 3-Relações semânticas no Diagnóstico (autoria própria)

Observa-se que os juntores mais utilizados pelo grupo dos participantes são aqueles que apontam para a relação semântica de adição, de espaço e de tempo, enquanto as relações de contra-causa, finalidade e causa representam um número bem inferior.

A alta preferência pela adição revela a apropriação, por parte do aluno, do modelo de apresentação e de descrição das personagens comuns à situação inicial de uma narrativa, e que também estão presentes em todos os capítulos que tratam das sete viagens do Pequeno Príncipe em que há sempre uma descrição física ou de personalidade da personagem por meio do juntor *e*. Tal apropriação pode ser vista em:

- (1) “(...) ela se vestia com trages da mais rica seda e usava um manto que era feito por fios de ouro, tinha muitas jóias e usava colares e anéis maravilhosos entam o pequeno príncipe se aproximou.” [GS-F-D]

- (2) “O oitavo Planeta é chamado de terra e la na terra tem um rapaz chamado gustavo e o gustavo trabalha com o palhaço e ele era muito engraçado (...)” [ED-M-D]

Em (1) e (2), têm-se a situação inicial dos textos dos participantes em que a adição é marcada pela presença do juntor *e* cuja função refere-se à soma de novas informações voltadas para a descrição da personagem. No primeiro exemplo percebe-se que aos trajes ricos da companhia do Pequeno Príncipe são agregados acessórios que fazem parte do mesmo campo semântico: manto de fios de ouro, muitas joias, além de anéis e colares maravilhosos. No segundo exemplo, a adição reside nas inserções de novos dados acerca de quem habita o planeta Terra (Gustavo), sua profissão (palhaço) e um traço de sua personalidade (engraçado). O gráfico também revela o uso significativo das relações semânticas de espaço e tempo. No que se refere ao espaço, é provável que a escolha dos alunos por esse tipo de relação esteja ligada a um dos aspectos composicionais típicos do tipo de texto produzido: a narração que envolve, dentre outras coisas, o espaço:

- (3) “O pequeno principi estava andando pelo espaço quando avistou um planeta um pouco estranha(...)” [HM-M-D]
- (4) “Vamos visitar outro Planeta e assim eles foram ao outro Planeta. E la no outro Planeta conheceram outro habitante(...)” [MF-F-D]

Nas ocorrências (3) e (4), a relação espacial é representada pelo uso dos jutores preposicionais *pelo*, *ao* e *no*. Nos dois exemplos, os jutores espaciais indicam o lugar onde os personagens estavam: no espaço e no outro planeta.

O uso da relação semântica temporal justifica-se por se tratar de um elemento relevante à narrativa, o tempo.

- (5) “(...) quando o homem chego na terra ele chamol as seus amigos Para a terra e os amigos chego.” [AL-M-D]
- (6) “(...) Quando anoiteceu, eles entraram para dentro de casa, e a mulher foi fazer um jantar especial, para o pequeno príncipe, enquanto isso o pequeno príncipe estava conversando com o homem na sala.” [NC-F-D]

Em (5), o uso juntivo de *quando* permite uma leitura de ordem dos eventos, primeiro o homem chegou e depois seus amigos chegaram. Essa mesma ordem está presente no exemplo (6): primeiro anoiteceu e em seguida as personagens entraram em casa. No que diz respeito ao *enquanto* percebe-se uma relação temporal simultânea dos eventos, tal relação fica clara ao substituir este juntor por *ao mesmo tempo*.

Destacamos também a frequência de uso das relações semânticas de contra-causa. Sua utilização normalmente acontece em contextos em que há um contraste entre o positivo e o negativo ou vice-versa ou uma contra posição em uma direção diferente, conforme ilustram os exemplos:

(7)“Ele não entendi demorou 1 hora para eu entendes o que estava acontecendo **mas** ele finalmente me explicou tudo(...).” [GG-M-D]

(8)“Quando ele partiu de sua sétima viagem, decidiu continuar a viagem **só que** voltando para sua casa.” [GS-F-D]

No exemplo (7), o juntor *mas* inicia uma oração que marca o contraste entre o negativo (Ele não entendi demorou 1 hora para eu entendes o que estava acontecendo) e o positivo (**mas** ele finalmente me explicou). Já no exemplo (8), o *só que* introduz uma oração que aponta para uma direção diferente à direção expressa na oração principal.

Outra relação semântica que também foi lembrada, mas com uma frequência menor de uso que as relações de sentido analisadas anteriormente, foi a relação de finalidade. Seu emprego está relacionado à afirmação de intenções e utilidade de sentimentos.

(9)“La no oitavo planeta todos que passava já **pra** visitar tem que exutar uma das minhas belas musicas(...).” [DA-F-D]

(10) “ – Min da esse prazer admira-me a ti mesmo!

-Sim sim eu te admiro – disse o pequeno príncipe – mas **para que** serve isso?” [SM-F-D]

Em (9), o juntor *pra* representa a intenção da viagem ao oitavo planeta, a saber, visitá-lo. Em (10), o *para que* foi empregado a fim de questionar a utilidade da admiração do Pequeno Príncipe pelo personagem Admirador.

A relação semântica menos presente nos textos diz respeito à causa, cuja ocorrência remete, em termos gerais, ao motivo, à razão:

(11)“O pequeno príncipe ficou bem chateado com o jeito que ele falou e foi embora mas ele não entendeu **porque** o rapaz ficou tão bravo.” [JJ-M-D]

Em (11), o Pequeno Príncipe não compreendeu o motivo pelo qual o Rapaz ficara chateado.

O gráfico abaixo traz dados da análise das relações semânticas na Primeira Versão dos textos produzidos pelos alunos participantes.

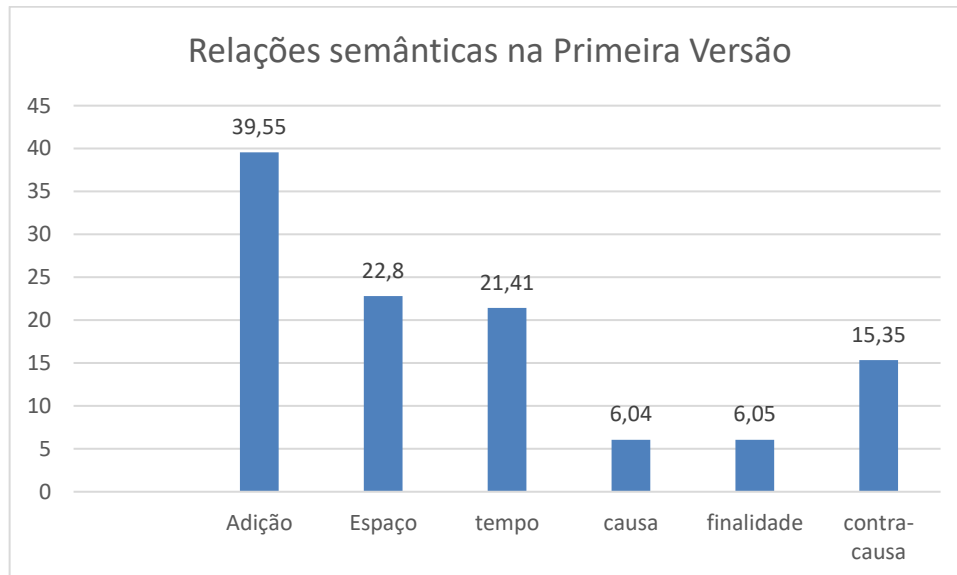


Gráfico 4-Relações semânticas na Primeira Versão (autoria própria)

Identificamos no gráfico uma alta preferência pela relação semântica de adição, seguida pela relação de espaço, de tempo de contra-causa, de finalidade e de causa.

Ao compararmos estes dados com os dados do Diagnóstico, observamos que na Primeira Versão houve uma diminuição das ocorrências aditivas, espaciais, temporais e finais e um aumento nas relações de causa e de contra-causa. Percebe-se com esse fato, que os alunos passaram a enfatizar menos as sequências de ações no espaço e no tempo para evidenciar mais eventos relacionados a explicações e aos obstáculos enfrentados pelos personagens.

Enquanto a relação aditiva somava 49 ocorrências nas produções do Diagnóstico, na Primeira versão, sua frequência caiu para 39,55 e seus usos continuaram se referindo a adição de informações sobre os personagens e o espaço, bem como à sequenciação das ações da narrativa, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(12) “- como é seu planeta?

- É muito bom porque tem vucão tem rosas e tem flor.” [AL-M-PV]

(13) “O oitavo planeta era habitado por um rapaz que usava um terno branco, um sapato social e era bem alto e forte.” [JJ-M-PV]

(14) “(...) eu adorei cantar com você e poder visitar esse belo planeta (...)” [DA-F-PV]

A relação espacial também decresceu nesta versão, no Diagnóstico ela somava 26,6 ocorrências, ao passo que aqui, sua frequência atingiu 22,8. Quanto aos seus usos, permaneceram indicando deslocamento espacial, como mostram os exemplos:

(15) “– o gustavo estava voltando **pra** casa mais no caminhu para casa dele é se de parou com principezinho (...)” [ED-M-PV]

(16) “Emquanto voltava **para** casa avistou uma mulher (...)” [GS-F-PV]

Na relação temporal houve um pequeno decréscimo em comparação com o Diagnóstico. Nesta versão a ocorrência com essa acepção foi de 21,41 enquanto naquela a frequência atingiu 21,48. Quanto ao seu emprego, essa relação manteve a noção de encadeamento dos eventos ou simultaneidade temporal:

(17) “**Quando** ele chegou lá viu que aquele planeta era mil vezes melhor (...)” [HM-M-PV]

(18) “**Enquanto** a mulher preparava o jantar o principezinho perguntou ao homem.” [NC-F-PV]

No que se refere à finalidade, os dados revelam uma pequena queda em relação ao Diagnóstico. Neste, a ocorrência atingiu 7,94 enquanto naquele a frequência foi de 6,05. Seus usos continuaram indicando para intenções de ações das personagens:

(19) “(...) então eu pagar **para** você vafaer essa cirurgia. [ED-M-PV]

(20) “E eles convidaram o principezinho **para** brincar (...)” [NC-F-PV]

Ao contrário das relações citadas acima, a relação causal obteve uma frequência de uso superior nesta versão. Os números no Diagnóstico apontam para a frequência 1,87 de juntores utilizados com esse sentido, ao passo que na Primeira Versão, as ocorrências com essa acepção totalizaram 6,04. Pôde-se observar que essa relação semântica foi empregada para destacar uma justificativa ou explicação, tal qual seu uso no Diagnóstico:

(21) “então ela se magouou porque pensou que o pequeno príncipe não tinha gostado da sua voz então o pequeno príncipe disse qui não era **por causa disso** (...)” [SM-F-PV]

(22) “- porque estais tristes? i ele falou:

- **porque**, tenho nenhum amigo! [GG-M-PV]

A contra-causa foi a relação semântica com o maior aumento de ocorrências na Primeira Versão. Os dados revelaram que os participantes utilizaram 15,35 juntores com esta acepção, enquanto no Diagnóstico houve 8,4 ocorrências. Seu uso remete à quebra de expectativa e contraste entre as orações:

(23) “Muito talentoso Que sabia vários passos, e cantava muito benhe **só que** ele secintia muito só e resolveu chama O Pequeno Príncipe.” [MF-F-PV]

(24) “ele se sintiu no paraíso **mas** a felisidade dele não durou por muito tempo (...)” [HM-M-PV]

O gráfico 3 mostra a frequência das relações semânticas na Versão Final dos Participantes.

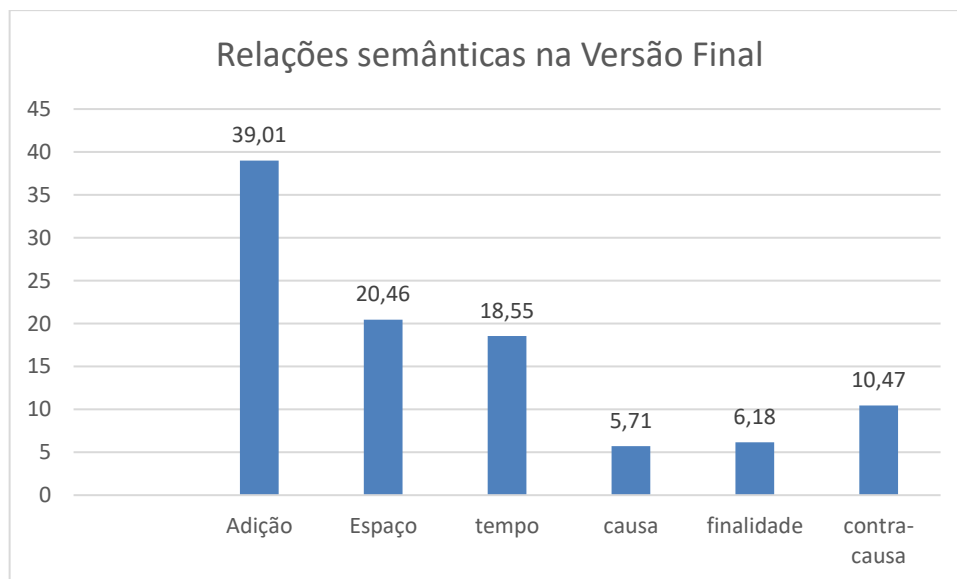


Gráfico 5- Relações semânticas na Versão Final (autoria própria)

Nota-se que a ocorrência de adição, de espaço, de tempo, de contra-causa e de causa diminuiram nesta versão, à medida que a relação final aumentou. Esse fato decorre da necessidade de se informar o propósito, a finalidade das ações dos personagens em detrimento de destacar o encadeamento das ações no espaço e no tempo, bem como de enfatizar as razões para determinados comportamentos dos personagens e as intenções para tais atitudes.

Observa-se também que, apesar de sofrerem um decréscimo ao longo das reescritas, as relações semânticas de adição, de espaço e de tempo -prototípicas da narração- permanecem superiores às relações de causa, de finalidade e de contra-causa. A explicação para isso reside no fato de que em todas as produções escritas, os alunos buscaram adequar seus textos à proposta de produção, que envolvia a escrita de uma narrativa.

No que diz respeito à adição, as ocorrências caíram de 39,55 na Primeira Versão para 39,01 nesta versão. O conjunção mais empregado para expressar esse sentido foi o *e* que estabeleceu um sequenciamento das ações no texto, bem como introduziu novas informações acerca das características das personagens:

(25) “O pequeno príncipezinho chegou perto dele e perguntou:

-Quem você é (...)” [RR-F-VF]

(26) “No oitavo Planeta O Pequeno príncipe conheceu um cavalo ele era muito elegante,era muito alvinho, e era cheroso (...)” [AL-M-VF]

Outra relação semântica que também sofreu um decréscimo foi o espaço. Nesta versão, os escreventes optaram por 20,46 junctores com este sentido ao passo que na Primeira Versão, os dados apontam para a ocorrência de 22,8 junctores espaciais. Na Versão Final, o conjunção mais empregado para expressar essa relação foi o *para* ou *pra* indicando deslocamento espacial ou propondo um convite para determinado lugar.

(27) “Certo dia, o príncipezinho viajou para o planeta saturno(...)” [NC-F-VF]

(28) “(...) você não gostaria de vir pra terra comigo?” [JJ-M-VF]

A aceção temporal obteve aqui um declínio. Enquanto na Primeira Versão as ocorrências totalizaram 21,41, na Versão Final, as frequências baixaram para 18,55. A realização dessa relação semântica se deu, nesta versão, preferencialmente, por meio dos junctores *então* e *quando* que estabeleceram o sentido de tempo posterior e tempo simultâneo dos eventos, respectivamente.

(29) “Então o pequeno príncipe foi pra casa.” [ED-M-VF]

(30) “- sim! é você está bem olha que quando estava chegando ouvir uma bela voz cantando uma ótima música (...)” [DA-F-VF]

A baixa numérica em termos de frequência, também pôde ser observada na relação de contra-causa. Na Primeira Versão, os números revelaram 15,35 ocorrências, enquanto que nesta versão, os alunos empregaram 10,47 juntores com esse sentido. Sua utilização pode ser observada na introdução da *complicação* da história, conforme ilustra o exemplo (31), bem como aparece em outras partes do texto com o propósito de indicar um contraste do tipo afirmativo e negativo entre as orações, como mostra o exemplo (26).

(31) “- Já sei tu seras meu empregado, te pagarei toda vez que terminares o trabalho. Disse a rica.

- **Mas** eu não quero ser empregado. Falou o príncipezinho.” [GS-F-VF]

(32) “-Você e feliz?-Sem dúvidas...

Mas não sou igual as outras pessoas.” [GG-M-VF]

Já na relação de finalidade, houve um pequeno aumento. Na primeira Versão, os participantes escolheram 6,05 expressões de finalidade, ao passo que na Versão Final essas expressões totalizaram 6,18 ocorrências. Seu uso está relacionado às intenções das ações dos personagens envolvidos na narrativa, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(33) “por um parte foi até bom ele ter matado assim ele conseguiu comida **para** comer a noite.” [HM-M-VF]

(34) “-Eu te chamei **para** eu te ensinar uma bela dança.” [MF-F-VF]

Por fim, a causa obteve 5,71 ocorrências, número pouco inferior às frequências causais da Primeira Versão que totalizaram 6,04 ocorrências. A codificação dessa relação realizou-se, principalmente, por meio do jutor **porque**, o qual aponta, em geral, para um tipo de explicação ou justificativa.

(35) “O rapaz respondeu e **porque** esse planeta e o única lembrança dos meus pais.” [JJ-M-VF]

(36) “- **Porque** gosto de soltar piadas para fazer amigos disse o palhaço.” [SM-F-VF]

Em (36), o personagem, rapaz, explica o motivo da sua tristeza. Já em (30), o Palhaço justifica a razão de gostar de fazer piadas.

5.3. Análise dos graus de integração sintática no Diagnóstico, na Primeira Versão e na Versão Final dos alunos participantes

Os gráficos abaixo revelam a recorrência dos usos dos juntores constatados no *corpus* do Diagnóstico, da Primeira Versão e da Versão Final no grupo dos alunos Participantes, levando em consideração os níveis de integração sintática, tais como advérbios juntivos (II), conjunções coordenativas (III), conjunções subordinativas (IV), grupos preposicionais (VI) e preposições simples (VII).

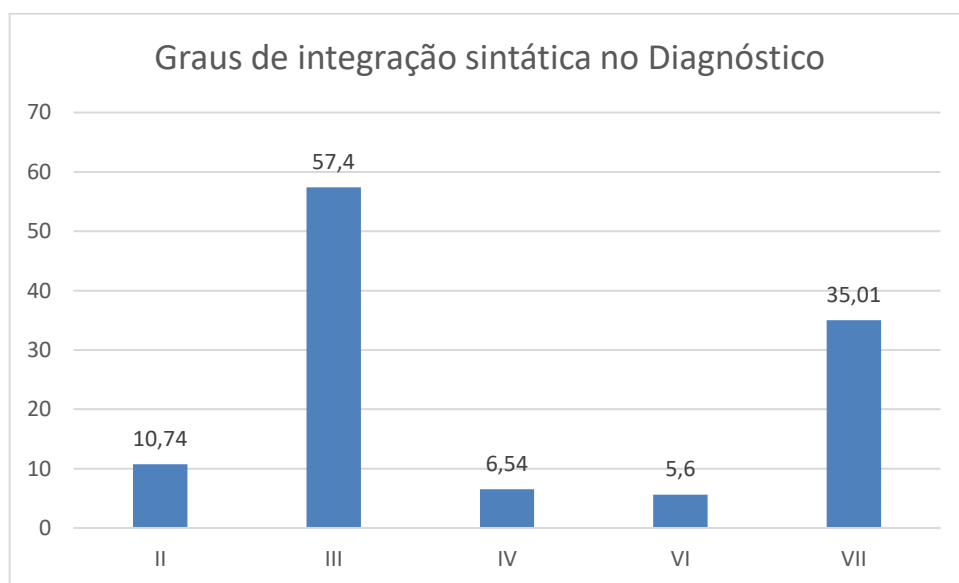


Gráfico 6- Graus de integração sintática no Diagnóstico (autoria própria)

Observa-se que o recurso III foi a relação sintática mais empregada pelos alunos. Em posição intermediária encontra-se o VII, seguido de II, de IV e de VI. Verificadas essas frequências, analisaremos alguns dos juntores que expressam tais funções.

A juntividade com a função III foi marcada principalmente pelo uso do *e* com sentido aditivo e do *mas* como contra-causa. Vejamos os exemplos:

(37)“(...) nigem ficava perto dele ele era abandonado **e** triste (...)” [AL-M-D]

(38)“Os cantores são de fatos muitos estranhos” **mas** de fato são legais.” [DA-F-D]

Em (37), o juntor *e* tem o papel de adicionar a informação (triste) ao sujeito da segunda oração (ele). Segundo Neves (2011), o caráter neutro desse juntor, comparado à outros juntores, é o que permite a codificação por essa relação semântica, pois a possibilidade de alteração da ordem das orações articuladas redonda no mínimo prejuízo de sentido.

Já em (38), o *mas* destaca a diferença de sentido entre as expressões “estranhos” e “legais” e sua utilização pode ser observada, ocasionalmente, na introdução da *complicação* da história.

As relações sintáticas VII foram representadas com maior frequência pelos jutores *para* com acepção de espaço e de finalidade, pelo *no(a)* com acepção de espaço e pelo *durante* indicando tempo.

(39) “Entam ele se despediu e continuou sua viagem de volta **para** casa (...)” [GS-F-D]

(40) “(...) o pequeno Príncipe chamo **para** andar e o gustavo aceitou ele andaram de cavalo e no meio do caminho eles convesaram sobre a milia de gustavo. [ED-M-D].

(41) “Então o casal perguntou se ele gostaria de morar **na** casa de casal, e ele respondeu, que aceitava morar com eles (...)” [NC-F-D].

(42) “prinsepe chega **no** planeta esclama e muito bonito, fla o imitador.” [GG-M-D]

(43) “**Durante** os 30 dias ele foi esplora com seu novo amigo(...)” [HM-M-D].

Em (39),(41) e (42), os usos do *para*, de *na* e de *no*, estão relacionados à localização geográfica, a casa e o planeta, respectivamente. Em (40), o *para* refere-se à intenção de um convite (andar) do Pequeno Príncipe em relação ao Gustavo. Já em (43), o *durante* estabelece os limites do tempo, a saber, 30 dias.

O recurso sintático II que obteve maior presença no corpus do diagnóstico foram o *aí* e o *então* com sentido temporal.

(44) “**ai** ele parou o seu fuguete e decel do fuguete **ai** ele pegou a sua ropa e sail andano (...)” [AL-M-D]

(45) “**Entam** ele se despediu e continuou sua viagem de volta para casa(...)” [GS-F-D]

No exemplo (44), o jutor *aí* estabelece uma sequência de ações (parou e pegou), enquanto no exemplo (45), o *entam*, funciona como sequenciador temporal e introduz o *desfecho* da narrativa apontando para a partida do Pequeno Príncipe para seu planeta.

Outra relação sintática também presente no corpus do diagnóstico foi a IV, expressa, na maior parte dos casos, pelos jutores temporais *quando* e *enquanto*, pelo jutor causal *porque* e pelo jutor final *para que*.

(46) “O oitavo planeta era habitado por um rapaz que gosta de **quando** pessoas vem em seu planeta.” [JJ-M-D]

(47) “**Emquanto** voltava para seu planeta pequeno, avistou um planeta com uma pessoa(...)” [GS-F-D]

(48) “**Porque** para os MCs, os outros mcs são seus fãis.” [SM-F-D]

(49) “- Sim sim eu te admiro – disse o pequeno príncipe – mas **para que** serve isso? [SM-F-D]

Em (46), o conjutor *quando* indica um tempo eventual e sua aparição ocorreu na *situação inicial* da narrativa. Em (47), o **enquanto** refere-se a um tempo simultâneo, podendo ser correlacionado por *ao mesmo tempo em que*. Em (48), o *porque* remete à explicação. Já em (49), o conjutor **para que** solicita uma justificativa.

A relação sintática menos frequente é a VI, cuja maior ocorrência foi representada pelo conjutor *depois do*.

(50) “(...) **depois do** café o pequeno Príncipe chamou Para andar e o Gustavo aceitou(...)” [ED-M-D].

No exemplo acima, o conjutor *depois do* indica tempo posterior: primeiro eles tomaram café e logo depois foram caminhar.

Analisaremos em seguida os graus de integração sintática (II, III,IV,VI,VII) recorrentes na Primeira Versão dos alunos participantes.

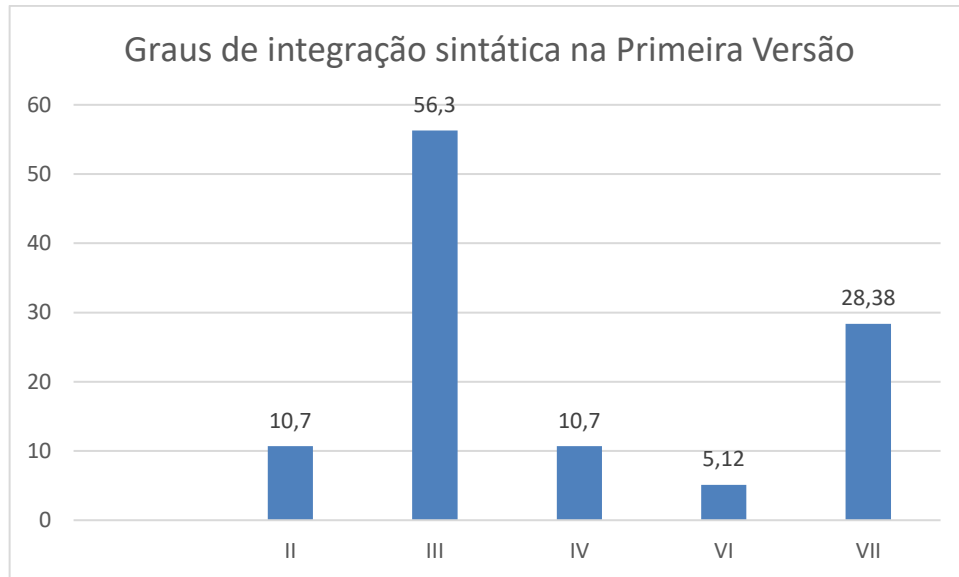


Gráfico 7-Graus de integração sintática na Primeira Versão (autoria própria)

Percebe-se que a ocorrência do III foi muito superior à do VII, à do II, à do IV e à do VI.

No que se refere ao III, nota-se uma pequena diminuição de uso nesta versão que contabilizou 56,3 ocorrências, enquanto no Diagnóstico, os alunos empregaram 57,4 juntores com essa função, que, por sua vez, foi desempenhada principalmente pelos juntores *e* e pelo *mas* que mantiveram as mesmas funções encontradas no Diagnóstico, a saber, o *e* como sequenciador de ações na narrativa e elemento marcador de adição de novas informações sobre os personagens e os espaços e o *mas* como agente que ressalta o contraste entre sintagmas nominais e as orações e situa-se como eventual integrante da *complicação*.

(51) “(...)caixa caiu na minha cabeça vicou 5 minutos da minha cabeça eleque minha mãe chegou **e** tirou a caixa(...)” [ED-M-PV]

(52) “O oitavo planeta era habitado por um rapaz que usava um terno branco, um sapato social **e** era bem alto **e** forte.” [JJ-M-PV]

(53) “-Como é seu planeta?

-É muito bom porque tem vucão tem rosas **e** tem flor.” [AL-M-PV]

(54) “(...) ele e um doente com a cara defomada **mais** ele era simpático **mais** as pessoas tem medo dele (...)” [ED-M-PV]

(55) “- **mais**... - : eu não gosto do ritmo de música assim... -Eu gosto mas de uma zoadá. Ah... - Eu não sei cantar esse ritmo.” [DA-F-PV].

No exemplo (51), o juntor *e* estabelece uma sequência de ações: primeiro a mãe chegou e depois ela tirou a caixa de abelhas. No tocante ao exemplo (52), o *e* adiciona informações sobre o personagem (o rapaz) ao dizer que ele “bem alto” e “forte”.

Em (54), o *mas* marca o contraste entre os sintagmas nominais “defomada” e “simpático” e “simpático” com a oração “as pessoas tem medo dele”. Em (55), pode-se perceber sua localização na porção textual da *complicação*.

A segunda relação sintática mais frequente na Primeira Versão diz respeito ao VII que somou 28,38 ocorrências, ao passo que no Diagnóstico essa mesma função sintática obteve 35,01 aparições no texto. Os jutores que mais representaram essa categoria, nesta versão, continuaram sendo o *para* com acepção de espaço e de finalidade e o *no* com acepção de espaço.

(56) “- estou Bem. – Pra onde esta indo. Estou indo **para** casa.” [AL-M-PV]

(57) “todos que passava ia **pra** visitar tem que escutar uma das minhas belas musicas(...)”
[DA-F-PV]

(58) “ele se sintiu **no** paraíso(...)” [HM-M-PV]

Nas ilustrações (56) e (58), o juntor *para* e *no* foram empregados para referirem-se à uma localização no espaço: a casa e o paraíso, respectivamente. Por sua vez, no exemplo (49), o *para* introduz a intenção de uma visita ao planeta.

O II também sofreu redução numérica. Aqui, as ocorrências totalizaram 10,7, enquanto as recorrências deles somaram no Diagnóstico, 10,47. Os maiores representantes dessa categoria na Primeira Versão foram os jutores *então* (7) e *ai* (4).

(59) “E ele vê no alto de uma pedra uma casinha. **Então** ele subiu até o alto da pedra (...)”
[NC-F-PV]

(60) “- vai batendo tuas mãos em algum lugar para fazer um ritmo o mc. **Ai** o pequeno principe bateu as mão i fez um som muito lindo.” [SM-F-PV]

Em ambos os exemplos, os jutores *então* e *ai* marcam uma sequenciação de ações no tempo. Em (59), o *então* introduz a noção de tempo posterior: primeiro o personagem viu uma casinha e depois decidiu ir até lá. Em (60), o *ai* inicia uma ação posterior ao pedido da MC, a saber, bater as mãos uma na outra.

Ao contrário do II, o IV obteve um aumento. Ao passo que no Diagnóstico esta relação sintática totalizou 6,54, nesta Versão temos 10,7 ocorrências. Os principais operadores desta categoria ,na Primeira Versão, foram o *quando* (9), o *enquanto* (3) com sentidos temporais e o *porque* (4) com acepção causal.

(61) “**Quando** ele partiu de sua sétima viagem decidiu continuar de volta a seu planeta.” [GS-F-PV]

(62) “**emquanto** eles conversavam deu um vento muito forte com areias eles procuraram um canto para se esconder.” [AL-M-PV]

(63) “**porque** eu tenho medo que aconteça o pior comigo.” [JJ-M-PV]

Na ilustração (61), o juntor *quando* se localiza na *situação inicial* e indica tempo posterior, ou seja, depois que o Pequeno Príncipe realizou sua sétima viagem, foi que ele decidiu voltar ao seu planeta. No exemplo (62), o juntor *enquanto* situa-se na *complicação* e indica tempo simultâneo, isto é, ao mesmo tempo em que os personagens conversavam, surgiu um forte vento com areias. Já no exemplo (63) o juntor *porque* introduz a razão do medo do personagem.

Por fim, a relação sintática VI foi a menos frequente pelos alunos aqui. Contudo, ao compararmos as ocorrências dessa relação sintática nesta Versão com as frequências do Diagnóstico, constatamos um aumento. No Diagnóstico, o total de juntores operando como VI foi de 5,12 e na Primeira Versão, 5,6. Os juntores que mais apareceram na função VI foram *depois do* (1) e sua variante *depois de* (1) expressando tempo.

(64) “**depois de** uma longa conversa o elegante perguntou-sou muito elegante não é? [RR-F-PV]

(65) “**Depois de** um certo tempo o pequeno príncipe voltou para casa (...)” [AL-M-PV]

O gráfico a seguir, revela as frequências dos graus de integração sintática na Versão Final dos Participantes.

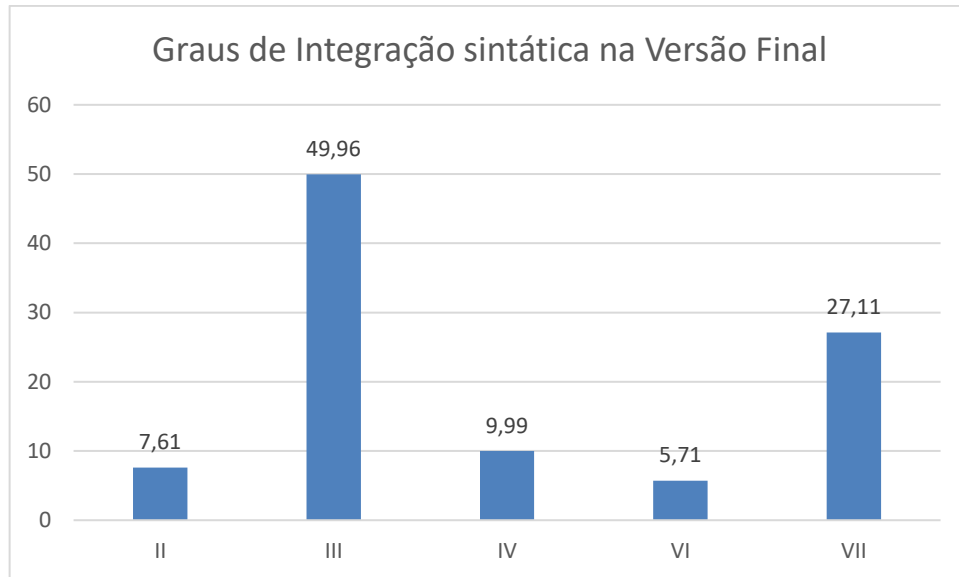


Gráfico 8- Graus de Integração sintática na Versão Final (autoria própria)

Os dados do gráfico revelam uma alta prevalência da relação III, em detrimento das outras, a saber: a VII, a IV, a II e a VI, respectivamente.

O recurso III desta versão, alcançou 49,96 ocorrências. Entretanto, constatamos que aqui, esses números foram menores que os da Primeira Versão cuja frequência atingiu 56,3. Esse fato pode ser explicado pela necessidade de não mais evidenciar as sequências de ações na narrativa, bem como de não revelar os percalços experienciados pelos personagens.

A representação dessa função sintática se deu, por meio dos juntores *e* indicando sequência de ações e adição de novas informações e do *mas* (20), utilizado, conforme ilustram os exemplos, para introduzir a *complicação* e para sinalizar, em outras porções do texto uma quebra de expectativa entre as orações.

(66) “Eles começaram a dançar e o pequeno príncipe aprendeu que não devemos julgar as coisas antes de experimentar.” [MF-FVF]

(67) “O elegante é o príncipezinho.” [RR-F-VF]

(68) “-quer ser meu conselheiro? Você pode trabalhar maim!mas o príncipezinho partiu viagem.” [GG-M-VF].

(69) “(...) e quando o príncipezinho chegou ao planeta ele começou á andar, e não encontrou ninguém, e ficou um pouco triste, mas continuou andando.” [NC-F-VF]

Em (66),o juntor *e* estabelece a sequência de ações: primeiro eles dançaram, depois o Pequeno Príncipe aprendeu a não julgar nada sem antes conhecer. Em (67), o *e* introduz um personagem à história- o príncipezinho.

No exemplo (68), o juntor *mas* situa-se, eventualmente, no *desfecho* da história e introduz a quebra de expectativa ao convite para que o Pequeno Príncipe aceitasse o cargo de conselheiro. Já no exemplo (69), espera-se que o fato de o príncipezinho não ter encontrado ninguém no planeta gerasse um desânimo que o fizesse desistir da procura, o que não ocorreu.

A relação sintática VII, foi a segunda mais lembrada pelos escreventes nesta fase de escrita, totalizando 27,11 ocorrências, enquanto na Primeira Versão, os números chegaram a 28,38. A explicação para tal redução reside no fato de que os participantes preferiram não contextualizar o tempo nem o espaço na narrativa.

Assim como ocorreu nas versões anteriores, os jutores com maior representatividade aqui foram o *para* (13) com relação de espaço e *para* (10) indicando finalidade e *no* (6) com acepção espacial.

(70) “Estou indo **para** casa.” [AL-M-VF]

(71) “(...) eles convidaram o príncipezinho **para** brincar (...)” [NC-F-VF]

(72) “O pequeno príncipe já estava **no** oitavo planeta (...)” [SM-F-VF]

Pode-se observar que no exemplo (70), o juntor *para* refere-se à casa. No que diz respeito ao exemplo (71), o juntor *para* revela o motivo do convite feito ao príncipezinho: brincar. E no exemplo (72), o juntor *no* remete à localização geográfica planeta.

No que se refere a relação IV, constatamos uma redução, que pode ser explicada pela escolha em não evidenciar tanto o contexto temporal nem em prestar esclarecimentos.

Os dados para esta função sintática na última versão registraram 9,99 ocorrências, ao passo que na Primeira Versão, registrou-se 10,7 aparições. Os maiores representantes dessa categoria foram os jutores *quando*, *enquanto* e *porque* indicando acepções de tempo e causa, respectivamente.

(73) “- sim! é você está bem olha que **quando** estava chegando ouvir uma bela voz cantando uma ótima música(...)” [DA-F-VF]

(74) “**Enquanto** os dois conversaram um Bufalo se aproximava derrubando muitas árvores (...)” [HM-M-VF]

(75) “-**Porque** gosto de soltar piadas para fazer amigos (...)” [SM-F-VF]

Em (73), o *quando* aparece na *situação inicial* e aponta para a noção de tempo simultâneo, isto é, ao mesmo tempo em que o Pequeno Príncipe estava chegando, ele ouviu uma bela voz. Em (74), o juntor *enquanto* possui duas aplicações: introduz a *complicação* da narrativa e codifica a noção de tempo simultâneo, ou seja, ao mesmo tempo em que os dois

personagens conversavam, um búfalo apareceu derrubando muitas árvores. No que se refere ao exemplo (75), o *porque* introduz o motivo do gosto por contar piadas.

Os dados do gráfico apontaram também que a relação II sofreu um pequeno decréscimo. Aqui, o número de ocorrências foi de 7,61. Já na Primeira Versão, essa função sintática obteve 10,7 aparições. Tal redução justifica-se pela opção em não destacar as circunstâncias ligadas ao tempo.

Os juntores mais empregados para representar essa categoria foram o *então* (6) e o *enfim* (2) com o sentido de tempo.

(76) “**Então** vou embora adeus. Falou o principezinho.” [GS-F-VF]

(77) “É **enfim** eles resolveram canta (...)” [DA-F-VF]

Já a relação VI, obteve um leve aumento. Enquanto na Primeira Versão, os dados apontaram para 5,12 ocorrências, nessa última versão, os participantes optaram por 5,71 juntores com essa função. Podemos inferir que o aumento desta técnica está ligado à opção dos participantes em revelar informações mais precisas.

Os juntores com maior frequência nessa função foram o *depois de* e sua variante, o *depois do* com sentido de tempo decorrido.

(78) ““**De pois de** alguns dias o Gustavo estava bem com outro rosto.” [ED-M-VF]

(79) “**Depois do** aventureiro mata o búfalo o principezinho agradeceu por sauva a vida dele (...)” [HM-M-VF]

5.4. *Juntogramas* referentes ao Diagnóstico, Primeira Versão e Versão final

A seguir, expomos as produções do Diagnóstico, da Primeira Versão e da Versão Final por meio de *juntogramas*, gráficos bidimensionais, que trazem, no eixo superior as relações semânticas, cruzadas, no eixo inferior, com os graus de integração sintática.

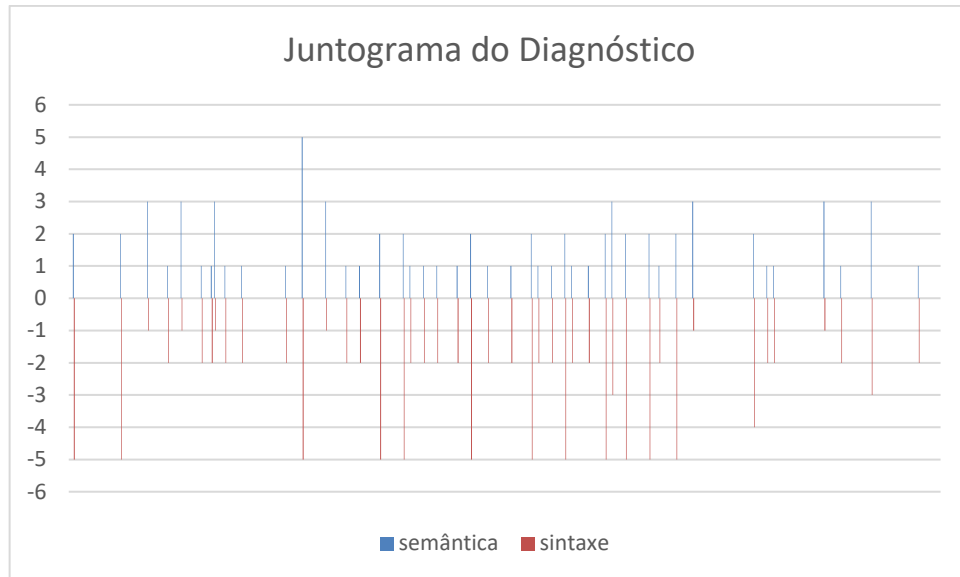


Gráfico 9-Juntograma do Diagnóstico (autoria própria)

Semântica: 1:adição; 2:espaço;3:tempo;4:causa;5:finalidade;6:contra-causa. Sintaxe: -1:II; -2:III; -3:IV; -4:VI e -5:VII

As preferências das relações semânticas de adição, seguida de espaço e tempo e a predominância das relações sintáticas III, VII e II no Diagnóstico, ficam particularmente claras no juntograma acima, que representa uma “espinha dorsal” dos textos com a posição exata dos juntores, seus tipos e frequências.

O juntograma a seguir, representa os dados obtidos na Primeira Versão:

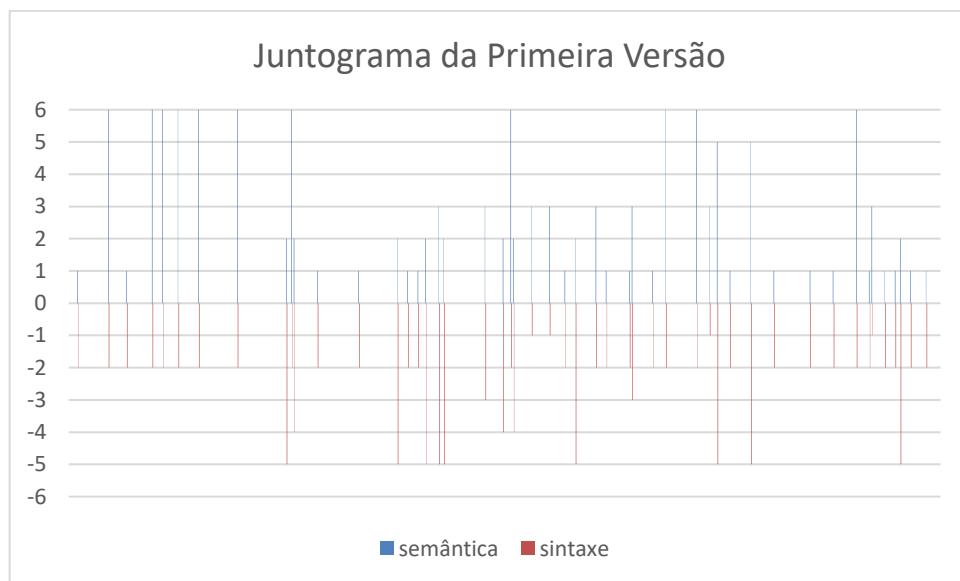


Gráfico 10- Juntograma da Primeira Versão (autoria própria)

Semântica: 1:adição; 2:espaço;3:tempo;4:causa;5:finalidade;6:contra-causa. Sintaxe: -1:II; -2:III; -3:IV; -4:VI e -5:VII

Nota-se que as relações semânticas de adição têm a primazia, seguida de espaço, de tempo, de contra-causa, de finalidade e de causa. Quanto aos recursos sintáticos mais frequentes, destaca-se, sobretudo, o III. Em posição intermediária, ocorre o VII, em seguida o II, o IV e o VI.

O juntograma a seguir representa os dados relativos à posição, à frequência e tipos de juntores na Versão Final.

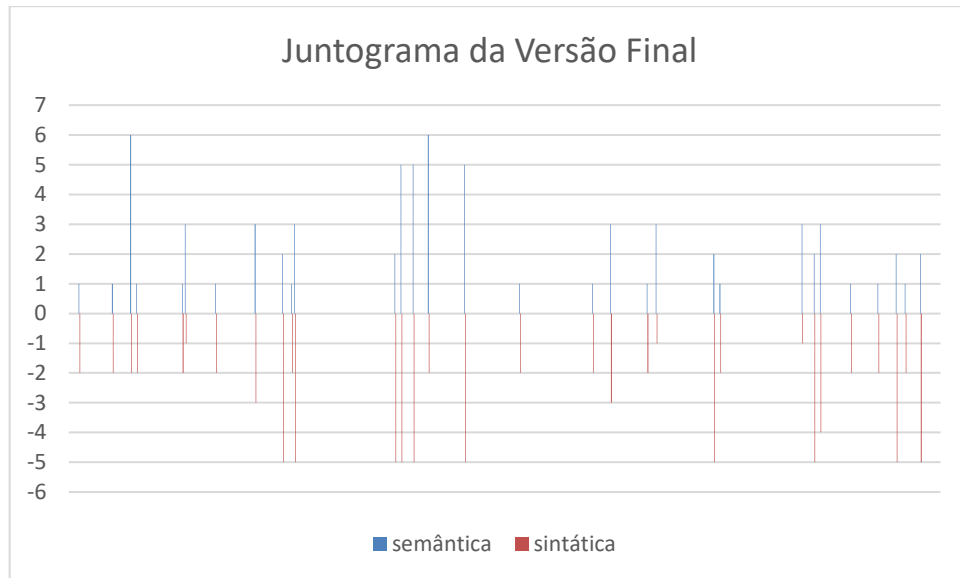


Gráfico 11- Juntograma da Versão Final (autoria própria)

Semântica: 1:adição; 2:espaço;3:tempo;4:causa;5:finalidade;6:contra-causa. Sintaxe: -1:II; -2:III; -3:IV; -4:VI e -5:VII

Percebe-se que a relação semântica com maior ocorrência é a adição, seguida de espaço, tempo, contra-causa, finalidade e causa. Quanto à relação sintática, há predominância do III, seguido de VII, de II, de IV e de VI.

5.6. Resumo dos resultados.

Em suma, os resultados gerais desta análise permitem-nos fazer as seguintes considerações:

- I. No Diagnóstico, na Primeira Versão e na Versão Final, observou-se uma preferência nítida pelas expressões de adição, seguida de espaço, de tempo, de contra-causa, de finalidade e de causa e no que diz respeito aos recursos sintáticos, os participantes optaram pelo uso, sobretudo, da coordenação, seguida de preposições simples, advérbios juntivos, subordinação e grupos preposicionais.

- II. Os juntores mais empregados nas produções textuais analisadas foram o *mas* e o *e*, funcionando como coordenação, o *para* e o *no* com papel de preposições simples, o *ai* e o *então* representando os advérbios juntivos, o *quando* e o *enquanto* como subordinação e o *depois do(de)* com função de grupo preposicional.
- III. Notou-se também que apesar da predominância, nos três grupos de participantes, das relações semânticas de adição, espaço e tempo, e dos graus de integração sintática que expressaram tais sentidos, como a coordenação, as preposições simples e os advérbios juntivos, suas aparições foram decrescendo ao longo das reescritas, pois os alunos evidenciaram menos as enumerações dos eventos, bem como as contextualizações do espaço e do tempo da narrativa.
- IV. Na versão Final, todas as relações semânticas sofreram uma redução, exceto a finalidade representada pelo grupo preposicional. Esse aumento justifica-se pela necessidade de os alunos expressarem mais precisão em certas relações.

As motivações para essas preferências podem estar relacionadas ao espaço que as produções textuais dos alunos ocupam no contínuo de oralidade e escrituralidade proposto por KOCH & OESTERREICHER (1990). Tais produções são influenciadas pela oralidade, ainda que sejam veiculadas graficamente.

Conforme KOCH & OESTERREICHER (1986), há, nos gêneros textuais da proximidade comunicativa (da oralidade concepcional), como é o caso dessas produções textuais, predominância de construções paratáticas, ao passo que nos gêneros da distância comunicativa (escrituralidade concepcional), que apresentam maior elaboração linguística, há uma predominância de construções hipotáticas.

Nossos resultados, portanto, confirmam a predominância da coordenação como técnica de junção em gênero de imediatez comunicativa em que o item *e* é o juntor preferencial da expressão de adição na oralidade. Por outro lado, os mesmos resultados confirmam a hipótese de KABATEK (2006) de uma correlação entre técnicas de junção e modelos textuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução dessa pesquisa apresentamos a seguinte questão: como propiciar a aquisição e aprendizagem da escrituralidade, especificamente, dos recursos linguísticos e tradicionalidades do gênero romance infanto-juvenil, na 7ª série do Ensino Fundamental?

Com o objetivo de responder à essa questão, apresentamos um projeto de leitura e de produção textual com a obra *O Pequeno Príncipe* pautada no contínuo dos gêneros de Koch/Oesterreicher (1990) e por meio de uma sequência didática que engloba os processos de retextualização (Marcuschi 2010) para analisar em que medida a leitura da obra *O Pequeno Príncipe* contribuiu para o avanço das produções textuais em direção à escrituralidade.

Como objetivo geral pretendemos propiciar a aquisição e aprendizagem da escrituralidade, especificamente, das variedades linguísticas e tradicionalidades da narrativa literária, a exemplo da obra *O Pequeno Príncipe* de Saint Exupéry.

Os objetivos específicos visavam possibilitar o reconhecimento de variedades e tradicionalidades da narrativa literária por meio de atividades de leitura e retextualização da obra *O Pequeno Príncipe* e propiciar a utilização de tais conhecimentos na execução das atividades e referidas e na produção dum capítulo suplementar.

Os objetivos de ensino visavam, de maneira geral, propiciar a aquisição e aprendizagem da escrituralidade, especificamente, das variedades linguísticas e tradicionalidades da narrativa literária, a exemplo da obra *O Pequeno Príncipe* de Saint Exupéry; e seus objetivos específicos de ensino apontavam para o reconhecimento, por parte do aluno, das variedades e tradicionalidades da narrativa literária mediadas pelas atividades de leitura e retextualização da obra *O Pequeno Príncipe*, bem como para o uso de tais conhecimentos na execução das atividades e referidas e na produção dum capítulo suplementar.

Por sua vez, os objetivos de análise pretenderam responder à questão de pesquisa: Houve um impacto da intervenção, com o deslocamento das produções dos alunos em direção à escrituralidade?

A partir desta questão de análise, surgiu a hipótese: os mecanismos de junção podem contribuir para a identificação de TDs na coletânea dos capítulos suplementares à obra *O Pequeno Príncipe*? (Kabatek 2006)

Desta hipótese desdobrou-se o objetivo geral que consistiu em verificar o impacto da intervenção para o deslocamento das produções dos alunos em direção à escrituralidade por meio da análise da junção.

No que concerne aos objetivos específicos de análise, visavam identificar e classificar os recursos de junção nos grupos do corpus segundo relação semântica e grau de integração sintática, bem como analisar a distribuição dos esquemas de junção pelo corpus tanto quantitativa quanto qualitativamente, isto é, com relação a sua frequência e ao tipo de relação semântica, também identificar continuidades e descontinuidades na distribuição quantitativa e qualitativa dos esquemas de junção pelos cortes diacrônicos; identificar deslocamentos dos textos no contínuo de proximidade e distância comunicativa e interpretar os resultados com relação à aquisição e aprendizagem da escrituralidade.

A fim de atender a esses propósitos, elaboramos um projeto de leitura e escrita com a obra *O Pequeno Príncipe* por meio de uma sequência didática. A respeito da escolha por essa obra deu-se em razão de sua configuração fortemente marcada pela oralidade, o que contribuiria para uma reflexão por parte dos alunos, acerca da relação entre as modalidades fala e escrita, e a partir disso, utilizar a configuração linguística adequada à situação pública de produção de textos apresentada na intervenção.

Quanto à verificação do avanço das produções, selecionamos o *corpus* constituído de onze produções realizadas no Diagnóstico, onze na Primeira Versão e outras onze na Versão Final. Ressaltamos que as produções do Diagnóstico foram elaboradas antes da leitura da obra, ao passo que as produções referentes à Primeira Versão e à Versão Final ocorreram após a leitura completa do livro. A partir de uma análise comparativa destes grupos, chegamos a conclusões importantes a respeito do avanço em direção à escrituralidade. Para observar o deslocamento dos textos, elegemos os mecanismos de junção como identificador de TDs que atravessaram os textos dos alunos.

Nos textos do Diagnóstico observamos um emprego expressivo da relação semântica de adição (49 em números normalizados), seguida de espaço (26,6 números normalizados), de tempo (21,48 em números normalizados), de contra-causa (8,4 em números normalizados), de finalidade (7,94 em números normalizados) e de causa (1,87 em números normalizados). Tais números refletiram uma influência forte da oralidade, tendo em vista a alta preferência pela adição. Os números revelaram também, que os alunos optaram pelo emprego de tradicionalidades características da narrativa, considerando-se que as relações de espaço e tempo também obtiveram uma frequência significativa neste grupo.

Nas produções textuais da Primeira Versão, os dados revelaram um decréscimo no uso de quatro relações semânticas: a adição (39,55 em números normalizados), o espaço (22,8 em números normalizados), o tempo (21,41 em números normalizados), e a finalidade (6,05 em números normalizados) ao passo que houve um aumento de ocorrências para a contra-causa(

15,35 em números normalizados) e para a causa (6,04 em números normalizados). Verificamos que houve uma diminuição das ocorrências nas quatro relações semânticas citadas, entretanto as relações de adição, de espaço e de tempo ainda obtiveram as maiores aparições nos textos dos alunos. A razão para isso é a característica do próprio gênero que por ser narrativo, relaciona-se com a adição, o espaço e o tempo. A redução para a finalidade justifica-se pelo desinteresse de expressar algumas intenções das ações dos protagonistas. Outra razão para a redução das frequências reside no contato dos escreventes com a obra nas atividades de leitura apresentadas na intervenção. Já o aumento das ocorrências de contra-causa e causa explicam-se pela necessidade de destacar as dificuldades atravessadas pelos personagens, bem como evidenciar justificativas e explicações para determinadas ações dos protagonistas.

No que se refere aos textos da Versão Final, observamos uma queda nas frequências de adição (39,01), de espaço (20,46), de tempo (18,55), de contra-causa (10,47) e de causa (5,71) e um aumento de ocorrência para a finalidade (6,18). Como motivos para tal aumento está na necessidade de destacar mais as intenções dos personagens nesta versão em detrimento de evidenciar uma sequência de eventos através da adição, de contextualizar o espaço e o tempo, de revelar os obstáculos enfrentados pelos protagonistas por meio do uso da contra-causa e de expressar justificativas para determinadas atitudes dos personagens reveladas pelos usos da causa.

No que diz respeito as relações de integração sintática no Diagnóstico, observamos uma preferência pelas técnicas “III” (57,4) representadas, na maioria das vezes, pelos juntores *e* (adição) e *mas* (contra-causa); seguida de “VII”(35,01) representadas, sobretudo, pelos meios linguísticos *para* (espaço e finalidade) *no(a)* (espaço) e *durante* (tempo); de “II”(10,74) com os juntores *aí* e *então* (tempo); de “IV” (6,54) marcada, principalmente, pelo uso de *quando*(tempo) e *enquanto* (tempo) e do *para que* (finalidade) e de “VI” (5,6), representado, especialmente por *depois do* (tempo). Os dados apontam para o emprego maciço de juntores que codificam sentidos relativos as tradicionalidades da narrativa, a saber, adição, tempo e espaço.

Quanto aos recursos sintáticos da Primeira Versão, verificamos uma redução nas técnicas “III” (56,3), representadas, sobretudo, pelo *e* (adição) e pelo *mas* (contra-causa); nas técnicas “VII” (28,38), marcados, principalmente pelo *para* (espaço e finalidade) e *no* (espaço); e na relação sintáticas “II” empregada, especialmente, com os juntores *então* (tempo) e *aí* (tempo). Já no recurso sintático “IV”, empregado na maioria das vezes com os meios linguísticos *quando* (tempo) e *enquanto* (tempo); e no “VI” representado

principalmente pelo juntor *depois do (de)*, houve um aumento, neste o número de ocorrências totalizou 10,7 e naquele 5,12. A redução registrada dos recursos sintáticos “III”, “VII” e “II” revelaram que os participantes passaram a narrar menos, isto é, utilizaram com menor frequência os jutores que iniciam o encadeamento de eventos na narrativa, a exemplo do *e*; reduziram o uso de jutores que marcam a contextualização espacial e temporal, como o *para*, o *no(a)*, o *então* e o *aí*. Entretanto, passaram a argumentar mais e a revelar informações precisas acerca do tempo da narrativa por meio dos nexos coesivos “IV” e “VI” representados pelos jutores *quando*, *enquanto* e *depois do(de)*.

Já na Versão Final, os dados revelaram um decréscimo quanto aos usos das funções sintáticas “III” (49,96) marcada, especialmente pelos jutores *e* (adição) e *mas* (contra-causa); “VII” (27,11) empregada preferencialmente com os meios linguísticos *para* (espaço e tempo); e *no* (espaço); “IV” (9,99) representada, sobretudo pelos jutores *quando* (tempo) e *enquanto* (tempo) e “II” (7,61) empregado, na maioria das vezes com os “itens” *então* e *enfim*. Ao passo que o “VI” obteve um número maior de ocorrências, 5,71. A queda de frequência nos graus de integração sintática “III”, “VII”, “IV” e “II” pode ser explicada pela escolha dos escreventes em não evidenciar questões como: as sequências de ações, marcadas pelo juntor *e*; os percalços enfrentados pelos personagens, introduzidos pelo juntor *mas*; as descrições do espaço e do tempo representadas pelos jutores *para*, *então*, *enfim*, *quando* e *enquanto* e as intenções dos personagens, por meio do uso de *para*. Já o aumento do recurso sintático “VI”, simboliza que os alunos pretenderam destacar, com maior precisão, as informações relativas ao tempo, utilizando preferencialmente o juntor *depois do*.

Diante dos resultados obtidos, é possível notar um avanço da oralidade, caracterizada pelo uso das técnicas sintáticas II e III e das relações semânticas de adição, de espaço e de tempo, para a escrituralidade, marcada pelos recursos sintáticos “IV”, “VI” e “VII”.

Portanto, concluímos que o modelo de TD (Coseriu 1955/56, Koch 1997; Koch/Oesterreicher 1990 e Kabatek 2006,); o tratamento das relações entre a fala e a escrita inseridas no contínuo da oralidade e escrituralidade (Koch/ Oesterreicher 1990); os mecanismos de junção (Raible, 1992, Kabatek 2006 e Castilho da Costa 2015); as atividades de retextualização (Marcuschi 2010) e o projeto de leitura e produção de textos elaborados neste trabalho contribuíram para a aprendizagem e aquisição da escrituralidade, dos recursos linguísticos e tradicionalidades.

Convém ressaltar que a leitura da obra extrapolou os limites da sala do 7º ano, pois os participantes deste projeto comentaram sobre as atividades realizadas em sua sala e influenciaram alunos de outras turmas a lerem o livro, logo a relevância da aplicação dessa

proposta de intervenção não se restringiu à turma citada, mas a todas as turmas do ensino fundamental II.

Por fim, esperamos, com esta intervenção, apresentar uma possibilidade para o tratamento didático das relações entre fala e escrita, da aplicação dos modelos de TD no ensino, bem como do emprego dos mecanismos de junção como recursos que propiciam a aprendizagem e aquisição da escrituralidade.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos/Jean-Michel-Adam; revisão técnica Luís Passeggi, João Gomes da Silva Neto.-São Paulo: Cortez,2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.
- BAKHTIN. Mikhail. Os gêneros do discurso.Estética da criação verbal.São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CASTILHO DA COSTA, Alessandra. Tradições discursivas e Linguística do Texto. UFRN *in* Linguística Textual e pragmática: uma interface possível/ organização de Rivaldo Capistrano Júnior, Maria da Penha Pereira Lins, Vanda Maria Elias. - São Paulo: Labrador,2017.
- _____.Níveis de integração sintática da junção:A expressão de contra-causa em cartas de Câmara Cascudo. Revista da ABRALIN, v.14, n.3, p. 53-84, jul./dez. 2015.
- COSERIU, Eugenio. Lingüística del texto. Introducción a la hermenéutica del sentido (édition et annotation d’Oscar Loureda Lamas). Madrid: Arco/Libros, 2007.
- GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. 27. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010.
- JOLIBERT, Josette (org.). Formando Crianças Produtoras de Textos. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994.
- KABATEK. J. Sobre a historicidade de textos. Trad. José da Silva Simões. São Paulo: *Revista Linha d’água* nº 17,2005.
- _____. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO et al. (Org.) Para a história do português brasileiro. Salvador: EDUFBA, tomo II, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. Ler e escrever: estratégias de produção textual/ Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2.ed, 3ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2015.
- KOCH ,Peter; OESTERREICHER, Wulf. Lengua hablada en la Romania. Español, Francés, Italiano (Biblioteca Románica Hispánica. Estudios y Ensaio; 448). Madrid: Gredos, 2007.
- LAJOLO,Marisa. Meus alunos não gostam de ler...O que eu faço?-Linguagem e letramento em foco-linguagem nas séries iniciais. Cefiel/IEL/UNICAMP,2005.
- LOPES-ROSSI, M. A.G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos.In:KARWOSKI,A ;GAYDECZKA,B;BRITO,K.S.(Org.).**Gêneros textuais** :reflexões e ensino. Rio de Janeiro :Lucerna,2006.
- LONGHIN,Sanderléia Roberta. Tradições discursivas: Conceito, história e aquisição/Sanderléia Roberta Longhin.- São Paulo: Cortez,2014.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*-1ª ed.-Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*/Luiz Antônio Marcuschi-10. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33571>>. Acesso em 04/04/2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*/Maria Helena de Moura Neves. -2.ed.-São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/apenas-3-das-escolas-do-rn-conseguem-patamar-minimo-de-qualidade-no-ideb.ghtml>> Acesso em abril de 2018.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*./Antoine de Saint Exupéry: com aquarelas do autor; tradução de Dom Marcos Barbosa. -51.ed-Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritores na escola*. Campinas/SP, Mercado das Letras, 2004.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*/ Isabel Solé; trad. Cláudia Schilling-6.ed.-Porto Alegre: Artmed, 1998.

Atividades adaptadas de:

<https://www.google.com.br/search?q=el+principito+ejercicios&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwif-MqY0erTAhUGhJAKHX15DX8Q_AUICigB&biw=1366&bih=662#tbn=isch&q=+ejercicios+el+principito&imgref=fkhhbqp8rkwEoyM> Acesso em março de 2017.

LANCASTER SCHOOL. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7EejLdfY9QoJ:www.lancasterschools.org/cms/lib/NY19000266/Centricity/Domain/236/Le%2520Petit%2520Prince%2520Final%2520Project.doc+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: março de 2017.

MIRÓ, Estrella Robres. *El principito / Le petit prince*. In: **PALABRAS AZULES**. [18 fev. 2014]. Disponível em: <http://azules24.rssing.com/chan-22797556/all_p10.html>. Acesso em: 13 mar. 2017.

NOVELINKS. *Problematic situation for The Little Prince by Antoine de Saint Exupery*. [s.l.: s.n.: 201-?]. Disponível em:

<<http://novelinks.org/uploads/Novels/TheLittlePrince/Problematic%20Situation.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ROSENWALD, Gabriela. **Der Kleine Prinz**: Literaturseiten. Kerpen: Khol-Verlag, 2015.

STORYBOARD THAT: The Little Prince Theme. [s.l.]: Clever Prototypes/LCC, 09 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.storyboardthat.com/storyboards/elizabethpedro/the-little-prince---theme>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ANEXO B- SLIDES DOS PLANOS DE AULA.

Plano de aula 1-

Situação de comunicação:

Produção individual de um capítulo suplementar, com ilustração, à obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupéry.

Módulo de leitura: leitura do livro *O Pequeno Príncipe*.

Produção inicial: Produzir um capítulo cujo tema refira-se a uma viagem do Pequeno Príncipe a um planeta qualquer.

Instruções para a produção:

Leitura do capítulo 11;

Seu capítulo deve conter, no mínimo, três parágrafos;

O planeta a ser criado deve ter ao menos 1(um) habitante com quem o Pequeno Príncipe deve estabelecer um diálogo;

O Pequeno príncipe deve refletir sobre esse encontro e tirar uma lição dele.

Plano de aula 5-

“Logo aprendi a conhecer melhor aquela flor. Sempre houvera no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, ornadas de uma só fileira de pétalas, e que não ocupavam espaço nem incomodavam ninguém. Apareciam pela manhã, na relva, e à tarde já murchavam. Mas aquela brotara um dia de uma semente trazida não se sabe de onde, e o príncipezinho resolvera vigiar de perto o pequeno broto, que era tão diferente dos outros. Podia ser uma nova espécie de baobá.”(p.30.)

Plano de aula 6-

A **DESCRIÇÃO** é um tipo de texto em que se faz um "retrato verbal" – por meio de palavras escritas ou faladas - de pessoas, objetos, animais, cenas ou ambientes.

TIPOS DE DESCRIÇÃO

DESCRIÇÃO OBJETIVA

Trata de revelar características concretas sobre ambientes ou pessoas.

Exemplo:

"O rei sentava-se vestido de púrpura e arminho, num trono muito simples, embora majestoso."

DESCRIÇÃO SUBJETIVA

Refere-se a impressões particulares do observador.

Exemplo: Tu és um bicho engraçado-disse ele. – Fino como um dedo... (p.60)

Uma flor de três pétalas, uma florzinha insignificante... (p.62)

Plano de aula 7-

TIPOS DE DISCURSO

"AO TRANSMITIR PENSAMENTO OU FALA EXPRESSOS POR PERSONAGEM REAL OU IMAGINÁRIA, O NARRADOR PODE SERVIR-SE DO DISCURSO DIRETO OU DO INDIRETO, E, ÀS VEZES, DE UM MISTO DE AMBOS- O CHAMADO DISCURSO INDIRETO LIVRE" (GARCIA,95. P.129)

DISCURSO DIRETO- O NARRADOR REPRODUZ TEXTUALMENTE A FALA DAS PERSONAGENS:

- Que é um geógrafo? – perguntou o príncipezinho.

DISCURSO INDIRETO- O NARRADOR MEDIA A VOZ/ PENSAMENTO DA PERSONAGEM:

O príncipezinho perguntou o que é um geógrafo.

DISCURSO INDIRETO LIVRE- O NARRADOR TRANSMITE A VOZ DO NARRADOR E DA PERSONAGEM JUNTAS:

No planeta, os dias do geógrafo eram sempre iguais. Colhia informações dos exploradores e as anotava em seu livro. Ainda não registrei os dados do último explorador que me visitou.

Plano de aula 10-

Aspectos composicionais da narrativa

Situação inicial: Apresentação do lugar e tempo para os personagens atuarem.

Nó (desencadeador): Evento perturbador.

Re-ação: Ações tomadas para a resolução da perturbação.

Desenlace: Resolução da situação perturbadora.

Avaliação: Comentário acerca da trama.

Plano de aula 11-

"(...)como o príncipezinho adormecesse, tomei-o nos braços e prossegui a caminhada. Estava emocionado e tinha a impressão de carregar um frágil tesouro. Parecia-me mesmo não haver na terra nada mais frágil. Observava, à luz da Lua, aquele rosto pálido, seus olhos fechados, suas mechas de cabelo que se agitavam com o vento. E pensava: "O que eu vejo não passa de uma casca. O mais importante é invisível..."

Como seus lábios entreabertos esboçavam um sorriso, pensei ainda: "O que tanto me comove nesse príncipe adormecido é sua fidelidade a uma flor; é a imagem de uma rosa que brilha nele como a chama de uma lamparina, mesmo quando ele dorme..." E eu então o sentia ainda mais frágil. É preciso proteger a chama com cuidado: um simples sopro pode apagá-la!

E, continuando a caminhada, eu descobri o poço, ao raiar do dia".
(Pág.78)

Plano de aula 12-

GÊNEROS	NARRADOR	ESPAÇO	TEMPO	PERSONAGENS	TIPOS DE DISCURSO	MORAL DA HISTÓRIA	SUPORTE
NOVELA	ONISCIENTE, PARTICIPANTE	MÚLTIPLOS	PSICOLÓGICO OU CRONOLÓGICO	MÚLTIPLOS E GERALMENTE SÃO PESSOAS	DIRETO E/OU INDIRETO E/OU INDIRETO LIVRE	GERALMENTE NÃO APRESENTA	LIVROS
TELENOVELA	ONISCIENTE, PARTICIPANTE OU OBSERVADOR	MÚLTIPLOS	PSICOLÓGICO OU CRONOLÓGICO	MÚLTIPLOS E GERALMENTE SÃO PESSOA	DIRETO E/OU INDIRETO E/OU INDIRETO LIVRE	GERALMENTE NÃO APRESENTA	TV
FÁBULA	GERALMENTE É OBSERVADOR	POUCOS	PSICOLÓGICO OU CRONOLÓGICO	GERALMENTE ANIMAIS QUE REPRESENTAM TIPOS HUMANOS, TAIS COMO: VAIDOSO, EGOÍSTA, ETC.	DIRETO E/OU INDIRETO	GERALMENTE APRESENTA	LIVROS

ANEXO C- ATIVIDADES

Plano de aula 12-

O ELEGANTE É O PRINCIPEZINHO

EM UM OITAVO PLANETA MORAVA UM HOMEM MUITO ELEGANTE___ ELE DISSE__ OLHA UM VISITANTE EM MEU PLANETA__

O PEQUENO PRÍNCIPE CHEGOU PERTO DELE E PERGUNTOU___
__ QUEM VOCÊ É__

O ELEGANTE REPONDEU__
__ SOU O DONO DESSE PLANETA TODO__

E O PRINCIPEZINHO PERGUNTOU__
__ CADÊ O PESSOAL DAQUI __

O ELEGANTE RESPONDEU___
SÓ SOU EU__

O PRINCIPEZINHO FALOU__
__ AH__ É__ PENSEI QUE TINHA MUITA GENTE AQUI__

DEPOIS DE UMA LONGA CONVERSA__ O ELEGANTE PERGUNTOU__
SOU MUITO ELEGANTE__ NÃO É__

O PEQUENO PRÍNCIPE RESPONDEU__
__ OS ADULTOS SÃO MUITO TEIMOSOS___

ANEXO D– GUIA DE LEITURA D’O PEQUENO PRÍNCIPE



Escola Estadual Demétrio Urbano

Meu guia de leitura d’ *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry



Turma: 7º ano

Professora: Maria Graça Manoela Pessoa dos Santos

Aluno(a): _____

Folha de Atividades 1

Capítulos 1 a 3 d’ *O pequeno Príncipe* (páginas 9 a 18)

- Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles⁴.

Capítulo 1-
Capítulo 2-
Capítulo 3-

⁴ (ROSENWALD, 2015, p.8, tradução e adaptação nossa).

1. Quem é o narrador d' *O pequeno príncipe*?
 - ☒ Alguém que observa os dois
 - ☒ O autor do livro, que é piloto de avião
 - ☒ O pequeno príncipe

2. O capítulo 3 apresenta uma conversa entre o aviador e o pequeno príncipe. Sublinhe em azul todos os trechos em que o pequeno príncipe fala e, em vermelho, todos os trechos em que o aviador fala.

3. O que significa o desenho a seguir segundo o pequeno príncipe?



- ☒ Um chapéu marrom
 - ☒ Um elefante dentro de uma jiboia
 - ☒ Uma barra de chocolate derretida
 - ☒ Uma lesma
4. O que o desenho acima significa para você?

5. O aviador diz que “As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar a toda hora explicando” (p. 10). Por que o aviador fica decepcionado com adultos quando mostra o desenho da jiboia digerindo um elefante e eles dizem que é um chapéu? O que ele pensa sobre os adultos?

6. De acordo com o significado de cada palavra, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Promissora

(3) Relance

(2) Distinguir

(4) Bridge

(5) Golfe

(6) Digerir

(7) Arizona

(8) Pane

(9) Saara

(10)Náufrago

() Que promete

()Falha no funcionamento do motor

() Jogo de bola com um taco

() Jogo com cartas de baralho

()Vítima de acidente nas águas

()Estabelecer diferenças

()Realizar a digestão

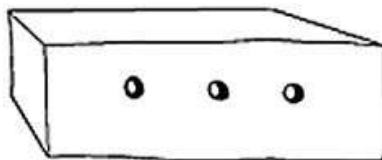
()Olhar rápido

()Estado dos Estados Unidos

() Deserto da África

7. Que motivo levou o piloto a parar no deserto do Saara?

8. Qual a reação do pequeno príncipe ao receber o desenho abaixo? Explique por quê.



9. Preencha a tabela abaixo com informações sobre o pequeno príncipe:

Como é o lugar onde o pequeno príncipe mora?	
Do que ele precisa?	
De onde ele veio?	

Folha de Atividades 2


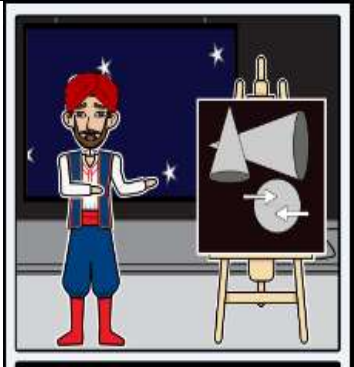

Capítulos 4 e 5 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 18 a 25)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

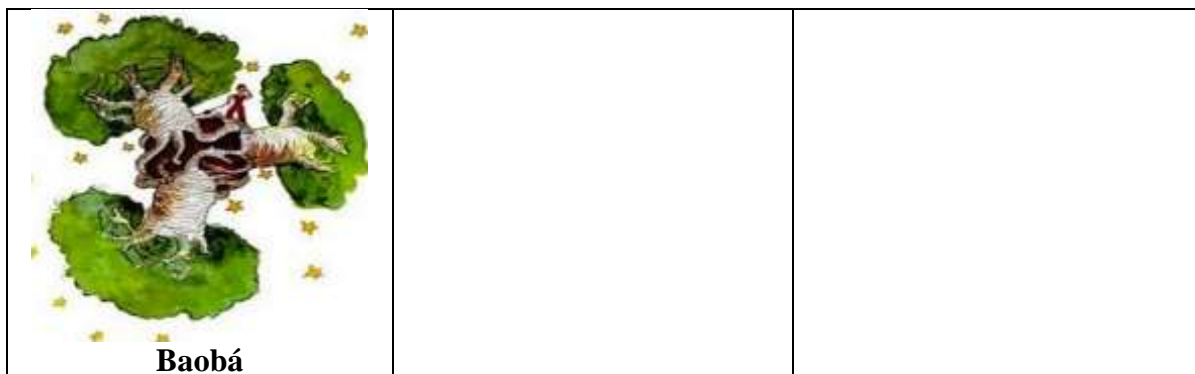
Capítulo 4-

Capítulo 5-

2. Nos capítulos lidos, o narrador revela que adultos e crianças pensam de formas diferentes. Preencha a tabela abaixo com trechos do livro que comprovem como cada um deles interpretou os desenhos a seguir⁵:

	Crianças	Adultos
 <p>Jiboia engolindo um elefante</p>		
 <p>Personagem turco</p>		
 <p>Casa</p>		

⁵ (STORYBOARD THAT, 2017, adaptação nossa).



3. Leia o trecho:

“Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que precisava de um amigo” (página 20).

Para você o que é preciso para ter um amigo⁶?

4. Você considera importante ter amigos? Por quê?

5. No capítulo 4, o narrador faz uma crítica às pessoas grandes. Que crítica é essa?

6. Qual era o “drama dos baobás”?

- a) O carneiro poderia comê-los
- b) Eles poderiam rachar o planeta do pequeno príncipe
- c) Havia pouco espaço no planeta do príncipezinho para eles se desenvolverem

7. Elabore um resumo para os capítulos 4 e 5.

Capítulo 4
Título : _____

⁶ (ROSENWALD, 2015, p.15, tradução e adaptação nossa).

Capítulo 5
Título: _____

Folha de Atividades 3
Capítulos 6 e 7 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 26 a 30)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

Capítulo 6-
Capítulo 7-

- 1. Qual era a razão da preocupação do pequeno príncipe com o carneiro que havia ganhado?**
- a) Comer a Rosa
 - b) Destruir os vulcões extintos

- c) Fugir do planeta
- d) Comer o baobá

2. O que o Príncipezinho gostava de fazer quando estava triste? E você, o que gosta de fazer quando se sente assim?

3. Que segredo do Pequeno Príncipe foi revelado no sétimo capítulo?

4. Há no capítulo 6, traços autobiográficos do autor. Cite-os.

5. Leia a situação a seguir e prepare-se para debater com os seus colegas a resposta⁷.

Imagine que você está sozinho pilotando o seu avião. Repentinamente, o motor apresenta problemas e isto o obriga a realizar um pouso de emergência no deserto do Saara. Ao tentar pedir ajuda, via rádio, à torre de comando, você não consegue porque o rádio também quebrou e não há como consertá-lo. À sua disposição há ferramentas para consertar o avião, água e comida para, no máximo, uma semana- mesmo tempo que levará para corrigir o defeito do motor. De acordo com seus cálculos, a cidade mais próxima está a 200 quilômetros de distância. O que você fará? Irá à cidade pedir ajuda ou tentará consertar o avião? Explique sua resposta.

⁷ (NOVELINKS, 2017, tradução e adaptação nossa).

Folha de Atividades 4
Capítulos 8 e 9 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 30 a 36)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

Capítulo 8-
Capítulo 9-

1. A flor do Pequeno Príncipe revela uma personalidade. Qual?

2. O que a flor representa para o Príncipezinho?

3. Leia:

“Creio que ele aproveitou de uma migração de pássaros selvagens para fugir. Na manhã da viagem, pôs o planeta em ordem. Revolveu cuidadosamente seus vulcões. Ele possuía dois vulcões em atividade. E isso era muito cômodo para esquentar o café da manhã. Possuía também um vulcão extinto. Mas, como ele dizia: “nunca se sabe!”, revolveu também o extinto. Se são bem revolvidos, os vulcões queimam lentamente, constantemente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como fagulhas de lareira. Aqui na Terra, somos muito pequenos para revolver os vulcões. Por isso é que eles nos causam tanto dano.” (pág.34)

- a) Circule todos os verbos que estão no pretérito⁸.

⁸(JOLIBERT,1994, p, 150)

b) Distribua-os na tabela a seguir:

Mais-que-perfeito	Imperfeito	Pretérito perfeito do indicativo

c) Junto com um colega, elabore regras para o uso desses tempos.

Folha de Atividades 5
Capítulos 10 e 11 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 36 a 44)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

Capítulo 10-

Capítulo 11-

1. No primeiro planeta que aterrissa, o Pequeno Príncipe encontra com o Rei. Descreva-o.

2. Explique o que você entende por:

É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros.

3. Que características tornam alguém vaidoso? Assinale as opções adequadas⁹.

- Egoísta
- Valoriza a aparência
- Compassivo

- Bom ouvinte
- Admirável
- Quer ser admirado

⁹ (ROSENWALD, 2015, p.17, tradução e adaptação nossa).

4. Preencha os espaços a seguir com a palavra ou expressão adequadas:

“-Ora! Vejamos! – respondeu-me, como se tratasse de algo óbvio. E foi-me preciso um _____ esforço para decifrar sozinho esse problema. De fato, no planeta do pequeno príncipe havia, como em todos os outros planetas, ervas _____ e _____. Consequentemente, sementes _____, de ervas _____; e sementes _____, de ervas _____. Mas as sementes são _____. Elas dormem nas entranhas da terra até que uma cisme de despertar. Então ela se espreguiça e lança, timidamente, para o sol, um _____ galinho.”

5. Ligue as palavras à esquerda aos seus significados à direita.

Arminho	Fazer a mesma coisa
Razoável	Simplesmente
Hesitar	Demonstrar dúvida (incerteza)
Embaixador	Saudar
Aclamar	Aceitável
Modestamente	Representante de uma nação
Monotonia	Animal de pele valiosa

6. Vá até a página 18 e preencha a tabela com as informações sobre os personagens Rei e Vaidoso.

Folha de Atividades 6
Capítulos 12 a 14 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 44 a 52)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

Capítulo 12-
Capítulo 13-
Capítulo 14-

1. Por que O Pequeno Príncipe se entristeceu ao visitar o terceiro planeta?

2. O tema que melhor se encaixa ao capítulo 13 é:

- a) Amizade
- b) Viagem
- c) Ambição
- d) Economia

3. O empresário afirmou que era dono das estrelas porque foi o primeiro a ter essa ideia. Você acredita que ele tem razão? Justifique sua resposta.

4. De acordo com o pequeno príncipe, qual é a razão em possuir as coisas?

5. Por que o acendedor de lampiões tem de acender e apagar a lanterna tão rapidamente?

- a) Porque ele gosta
- b) Porque o tempo está sempre mudando
- c) Porque o planeta está girando mais rápido
- d) Porque o clima está sempre mudando

6. Diga a razão pela qual o pequeno príncipe acreditava que o acendedor de lampiões era o único com quem poderia ter feito amizade.

7. O narrador dos capítulos lidos participa da história ou apenas conta-a? Justifique com trechos dos capítulos.

Capítulos	Trechos
12	
13	
14	

- 8. Vá até a página 18 e preencha a tabela com as informações sobre os personagens bêbado, empresário e o acendedor de lampião.**

Folha de Atividades 7
Capítulos 15 e 16 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 53 a 58)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

Capítulo 15-
Capítulo 16-

2. O que é um geógrafo¹⁰?
- a) Um bom homem de negócios
 - b) Um linguista
 - c) Alguém familiarizado com a biologia
 - d) Um especialista que sabe onde se encontram os mares , os rios, as montanhas, as cidades.
3. Parece haver algo que não faz sentido sobre cada pessoa que o pequeno príncipe encontra. O que não faz sentido sobre o geógrafo?

4. Adeque o trecho abaixo ao discurso direto. Para tanto, utilize os sinais de pontuação próprios desse discurso.

“O sexto planeta era dez vezes maior. Era habitado por um velho que escrevia livros enormes.

Ora vejam! Eis um explorador! exclamou ele, logo que avistou o pequeno príncipe. O principezinho sentou-se à mesa, meio ofegante. Já viajara tanto!

De onde vens? perguntou-lhe o velho.

Que livro é esse? indagou-lhe o pequeno príncipe.

Que faz o senhor aqui?

Sou geógrafo respondeu o velho.

Que é um geógrafo? perguntou o principezinho.

É um especialista que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos.

Isso é bem interessante disse o pequeno príncipe.

Eis, afinal, uma verdadeira profissão!




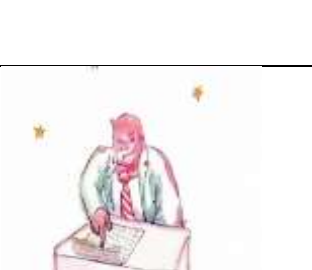
E lançou um olhar, ao seu redor, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão grandioso.”

5. Transcreva o trecho acima para o discurso indireto.



¹⁰ (ROSENWALD, 2015, p.21, tradução e adaptação nossa).

- 6. Vá até a próxima página e preencha a tabela com as informações sobre os personagens geógrafo e o piloto.**
- 7. Elabore seis perguntas, três para o capítulo 15 e outras três para o capítulo 16. Em seguida, entregue-as para um colega da sala para que ele as responda.**

- Após a leitura dos capítulos que tratam da viagem do pequeno príncipe aos planetas, preencha o quadro com o que se pede¹¹.

Planeta	Personagem	O que representa no capítulo?	Comprovação da representação com trechos do capítulo	Descrição do planeta	Lição aprendida pelo pequeno Príncipe no encontro com o personagem
1					
2					
3					
4					

¹¹ (MIRÓ, [2014], adaptação nossa).

5					
6					
7 (Planeta Terra)	(Desenhe o piloto)				

Folha de Atividades 8
Capítulos 17 a 20 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 59 a 66)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

Capítulo 17-
Capítulo 18-
Capítulo 19-
Capítulo 20-

2. O pequeno príncipe julgou que a serpente não era tão forte por que ela era fina como um dedo, ou seja, ele a julgou pela sua aparência. É correto julgar alguém pela aparência? Explique.

3. O que a serpente quis dizer com:

“Eu posso levar-te mais longe que um navio”

4. Leia o trecho:

“- Onde estão os homens?

A flor, um dia, vira passar uma caravana:

- Os homens? Eu creio que existem seis ou sete. Vi-os faz muito tempo. Mas não se pode nunca saber onde se encontram. O vento os leva. Eles não têm raízes. Eles não gostam das raízes.”

- A quem se referem os termos sublinhados?

- A expressão “eles não têm raízes” empregada no trecho indica:
 - a) Os homens não têm a mesma natureza das flores, logo, não possuem raízes.
 - b) Os homens se mudam porque nunca estão satisfeitos em permanecer em um lugar apenas.
 - c) Os homens se mudam porque gostam de aventuras.
 - d) Os homens se mudam porque têm curiosidade em conhecer outros lugares.
5. O tema presente no capítulo 19 é:
- a) Amor
 - b) Solidão
 - c) Amizade
 - d) Morte

6. Assinale a frase que melhor reflete o tema tratado no capítulo 19.

- a) O príncipezinho escalou uma grande montanha.
- b) O vulcão extinto servia-lhe de tamborete.
- c) Verei todo o planeta e todos os homens.
- d) Quem és tu ...quem és tu...quem és tu - respondeu o eco.

7. Explique porque o pequeno príncipe se sentiu infeliz ao encontrar um jardim cheio de rosas¹².

8. Leia :

“Ela teria se envergonhado”, pensou ele, “se visse isto... Começaria a tossir, simularia morrer para escapar ao ridículo. E eu seria obrigado a fingir que cuidava dela; porque senão, só para me humilhar, ela seria bem capaz de morrer de verdade...”(pág.64).

O que esse trecho revela sobre a personalidade da rosa?

9. Encontre no caça palavras os adjetivos que se referem à rosa: bela, vaidosa, frágil , dissimulada e sensível.¹³

BVJHFJUHVN MVKJFJKKJKKBKDKKNIV
 ENEKIENCNHB AKHRPQILAMCNÇNHJDLMIN
 LJVKDJJSENSIVELNKÇÇNNVJFFNJNFJJA AJF
 JJJJFHHHLDBVBDHHJJJPJVPALJFJRFRAGI
 LLJFIJURUHUHUGTJHIADFNLFKFPÇACXZ
 NCBCFFFBHKSYYLIINVLTWUTJÇWPOXNV
 MDIRNJSHYUTSSNVJTUHYUUPQAZMCNNVH
 YUTOEPWPSNVJFJGUGUNNB JNKLOPAÇJCG
 SFXZNSIMUIFOMJUFHUHHDISSIMUNVLAUO
 UAMUYOKJPQOIEURYRTÇLKJGFDAMNBVU
 XXÇPQUEYYFMVBCVFSGDYUJGJIPDKLPLFI
 UTHHNLLDYGSGYGGFCCNJGJAPRITUVN
 MNBVCXZPOIUYYRREWEEWQDPÇLKJHHGFD
 DSSAASQTEYRYRUIIRIKALFÇGPGIUHFHGR
 FTTRJSJFNLUORUVBDBBFUHUHUSHRUÇAC
 MVBVBCACTOPAVAI DOSAMJGJUHG UHUH
 UKSJISUJP

¹² (ROSENWALD, 2015, p.25, tradução e adaptação nossa).

¹³ (ROSENWALD, 2015, p.23, tradução e adaptação nossa).

Folha de Atividades 9
Capítulo 21 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 66 a 74)

1. O capítulo lido não possui título. Preencha o espaço abaixo com um título adequado para ele.

Capítulo 21-

1. Quem são as personagens principais deste capítulo? Descreva-as.

2. Onde e quando ocorreu a história?

3. Qual é o estado inicial da história? E o final?

4. Qual é o clímax deste capítulo?

- a) A compreensão pelo príncipezinho de que foi cativado pelos caçadores
- b) A compreensão pelo príncipezinho de que foi cativado pela rosa
- c) A compreensão pelo príncipezinho de que foi cativado pela raposa
- d) A compreensão pelo príncipezinho de que foi cativado pelo piloto

5. A raposa desejava do príncipezinho

- a) Ajuda para escapar.
- b) Aulas de desenho.
- c) A criação de laços com ele.
- d) Companhia para procurar galinhas

6. Como a raposa descreve sua vida?

7. Por que a raposa queria ser cativada pelo príncipezinho?

8. Explique o significado de:

Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

Leia o trecho para responder às questões 8, 9 e 10.

“(…) Mas, se tu me cativas, minha vida será como cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. Os teus me chamarão para fora da toca, como se fossem música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim não vale nada. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos dourados. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará com que eu me lembre de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...”(pág. 68 e 69)

9. A expressão sublinhada foi empregada com o sentido de:

- a) Alegria
- b) Calor
- c) Dia
- d) Aventura

10. Sublinhe no livro e no capítulo 21 outras expressões que foram empregadas no sentido figurado.

11. Escreva o que você entendeu desse trecho.

12. Por que a rosa do pequeno príncipe tornou-se única no mundo? Comprove com trechos do texto.

13. Quais lições o pequeno príncipe aprendeu neste capítulo?

Folha de Atividades 10
Capítulo 22 a 24 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 74 a 79)

1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.

Capítulo 22-
Capítulo 23-
Capítulo 24-

2. Todas as personagens que interagem com o pequeno príncipe, têm um valor simbólico na história. O que simboliza o manobreiro?
- A solidão humana
 - O valor da amizade
 - A insatisfação dos homens
 - A falta de imaginação.
3. A frase que melhor representa o manobreiro é:
- “Eu separo passageiros em blocos de mil”.
 - “Despacho os trens que os carregam, ora para a direita, ora para a esquerda”.
 - “Nunca estamos contentes onde estamos”.
 - “Não correm atrás de nada”.
4. O vendedor de pílulas representa:
- A ganância humana por dinheiro
 - Economia de tempo visando aproveitá-lo com a família
 - O vício em remédios
 - A insatisfação com o tempo que os homens possuem
5. O pequeno príncipe e o vendedor de pílulas têm pontos de vista diferentes no que diz respeito a aproveitar o tempo. Com qual dos dois personagens você concorda? Por quê?

6. Como você aproveita o seu tempo?

7. Reescreva o texto abaixo organizando-o em parágrafos.

-Bom dia- disse o pequeno príncipe. -Bom dia disse o vendedor. Era um vendedor de pílulas especiais que saciavam a sede.Toma-se uma por semana e não é mais preciso beber-Por que vendes isso?-perguntou o príncipezinho. É uma grande economia de tempo-disse o vendedor.-os peritos calcularam. A gente ganha cinquenta e três minutos por semana.E o que se faz com esses cinquenta e três minutos?-O que a gente quiser... “Eu”, pensou o pequeno príncipe, “se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, iria caminhando calmamente em direção a uma fonte...”

8. O piloto aprendeu uma grande lição ao caminhar com o pequeno príncipe em busca de uma fonte de água no deserto. Que lição foi essa?

Folha de Atividades 11

Capítulo 25 a 27 d' *O Pequeno Príncipe* (páginas 80 a 93)

- 1. Os capítulos lidos não possuem títulos. Preencha os espaços abaixo com um título adequado para cada um deles.**

Capítulo 25-
Capítulo 26-
Capítulo 27-

- 1. Como o piloto se sentiu ao perceber que o pequeno príncipe estava prestes a partir¹⁴?**
- a) Aliviado
 - b) Feliz
 - c) Nervoso
 - d) Triste

- 2. O piloto observa o príncipezinho conversando com alguém, mas não sabe quem ou o que é, pois não consegue ouvir sua voz. Por que o piloto não conseguiu ouvir a voz do personagem que dialogava com seu amigo?**

- 3. Como o pequeno príncipe retornou ao seu planeta? Quem o ajudou a retornar?**

- 4. O que simboliza a serpente?**

- a) Amizade
- b) Esperteza
- c) Morte
- d) Tristeza

¹⁴ (ROSENWALD, 2015, p.30, tradução e adaptação nossa).

5. Por que o narrador decidiu colorir a ilustração da página 92 e resolveu não colorir a ilustração da página 93?

6. Levando-se em consideração toda a leitura do livro, responda:

a) Quem são as personagens principais da história? Como elas são?

b) Onde e quando ocorreu a história?

c) Qual é o estado inicial e o final da história?

d) Por que podemos definir essa obra como uma novela com características de fábula?

7. Desenhe no quadro abaixo a situação inicial, a complicação, o clímax e o desfecho do livro O Pequeno Príncipe.

Situação inicial	Complicação	Clímax	Desfecho

ANEXO E- DIAGNÓSTICO DOS TEXTOS DOS ALUNOS

[AL-M-D]

Viagem a um Planeta de ET

Era uma vez um O mem que Via java para um Planeta que tinha milhares de até a i ele parou o seu fuguete e decel do fuguete ai ele pegou a sua ropa e sail anda no e ai ele pego e encontro milhares de até e ele ficou muito a sustado sete até olhou para o homem que chego e os até chamo varias para pega homem o homem saio coreno a e o até pego o homem e levo o homem e saio o rastano o homem em um corda.

O homem ficou caido nochão e o até pego e abrio a cabeça e tirol o cerebro do homem e botou outro cerebro na cabeça do o homem e fecho a cabeça com a maquina e botara um mão de até no homem e os Pes trocero e mando o homem para terra e ao homem paço senta e noventa dia para chego na terra quando o homem chego na terra ele chamol as seus a migos Para a terra e os amigos chego.

Veio Para terra Vinte navi espacial a e a pare cel um até da cabesona era o até mais feio de todos esi até nigem ficava peto dele ele era abandonado e triste e o até a chou um bebé até ele criol o bebe o bebe crecel muito a e o até na ceu bomsinho e o até cuidado do até triste Pai dele quando o até sinhô chamo o até de Pai o Pai fico muito feliz e compro varias coisas Para o até.

[DA-F-D]

O pequeno principe é o Cantor

O oitavo planeta era Habitado por um Cantor. - veio um admirador me visitar-me! - oi pequeno Principe veio ouvir minha bela voz principzinho ahah! La no oitavo planeta todos que passava já pra visitar tem que exutar uma das minhas belas musicas você que ouvir. O pequeno principe exclamou Claro! bla bla bla quando o cantou terminou de cantar fez uma pergunta o pequeno principe respondei Claro que sim adorei e porisso quero que cante outra. Como é o nome dessa música perguntou o pequeno principe ansioso. O Cantor respondeu.

se chama uma aventura atoar.

que legal o nome da sua musica! Adorei! vamos logo começa a cantar. ansioso o pequeno principe falava. bla bla bla ei ei ei gostou principzinho da minha bela música. sim! exclamou

o pequeno príncipe. Tchau belo cantor adorei suas músicas depois vou para te visitar! é o cantor disse tchau até mas.

O principzinho voltando o caminho da sua viagem disse pra si mesmo Os cantores são de fatos muitos estranhos” mas de fato são legais.

[ED-M-D]

O oitavo Planeta e os dois amigos

O oitavo Planeta é chamado de terra e lá na terra tem um rapaz chamado Gustavo e o Gustavo trabalha com o palhaço e ele era muito engraçado e o Pequeno Príncipe chamou ele para conversar com ele e fazê-lo rir e fazia (ilegível) e o príncipe chamou o Gustavo para dormir no caso de então o Gustavo aceitou.

- Um dia depois o Pequeno Príncipe alvoreceu um café da manhã e o Gustavo aceitou e eles tomou um café e depois do café o pequeno Príncipe chamou para andar e o Gustavo aceitou e eles andaram de cavalo e no meio do caminho eles conversaram sobre a mãe de Gustavo mas a família de Gustavo morreu no acidente de carro.

Mas era tarde então eles decidiram voltar mas o pequeno Príncipe despediu de Gustavo. Porque o Gustavo decidiu seguir seu caminho o Gustavo disse adeus ao Pequeno Príncipe ele agradeceu pelo café da manhã e vai embora.

E o Pequeno Príncipe pensou existem pessoas mais e pessoas boas e eu tive a sorte de conhecer uma pessoa boa.

[GG-M-D]

O pequeno príncipe é o imitador

O oitavo planeta era habitado por um imitador ele exclamou tenho visita – será um amigo como eu sou.

- Vou esperar – o pequeno – príncipe chega no planeta exclama e muito bonito, fala o imitador.
- Perguntou o príncipe você é intrangeiro.
- Não entendi – ele não entendi demorou 1 hora para eu entender o que estava acontecendo mas ele finalmente me explicou tudo: eu sou um imitador, exclamou, ele explicou tudo que é ser imitador.
- Ingrassado pessoas assim gostaria de conhecer muito mais.
- É assim foi a minha história com o imitador.

[HM-M-D]

quem e você?

O pequeno principi estava andando pela espaço quanda aVistou um planeta um pouco estranha e ele foi Ver se tinha auguem abitante na quele planeta e tinha uma pessoa com um capus e uma capa o pequeno principi chegou um pouca mais sofreu um pequena corte e aquela pessoa se revelou para ele e os dois ficaram amigos e disse que a nome dele era Eros e tinha 17 anos de idade.

Eros levou o pequeno principi para a casa para trata da corte e o pequeno principi ficol com a boca enfechada por trinta dia durante esses dias.

Durante os 30 dias ele foi esplora com seu noVo amigo viu toda a Vegetação do planeta ele prendeu a fazer fogo com pedra e fazer barco com madeira e folhas aprendeu a tudo que se pode e não pode comer no meio da floresta e antes de ir embora o pequeno principi chamol para ir com ele mas ele não quis ir embora do seu planeta.

mesmo sem conher direito e possível ser bom amigos

[JJ-M-D]

O rapaz e o seu Planeta e o pequeno principe

O oitavo planeta era habito por um rapaz que gosta de quando pessoas vem em seu planeta.

- ah! ah! até que fim alguém veio visitar o meu planeta faz mas de 20 anos que ninguém visitar o meu planeta disse o rapaz.

O pequeno príncipe perguntou existe só você por aqui? respondeu o rapaz Sim eu moro nesse planeta a mais de 50 anos disse o rapaz.

O Rapaz perguntou como você ser chama? Eu me chamo pequeno principe.

O pequeno principe perguntou você tem como me ajuda? respondeu o rapaz como e que você ser atreve me pedir ajudar falou bem bravo o rapaz.

O pequeno principe ficou bem chateado com o jeito que ele falou e foi embora mas ele não entendeu porque o rapaz ficou tão bravo.

O pequeno principe continuo a sua viagem falou eu mas nunca venho em nem um planeta.

[MF-F-D]

Ó PEQUENO PRINCIPE e DANCARINO E O MAGINADOR.

O oitavo Planeta era habitado Por um dançarino e O Pequeno príncipe foi convidado Para e no Planeta que morava O dançarino. Chegando lar ele foi convidado Para uma bela dança e o dançarino ensinou uma bela dança Para O Pequeno príncipe gosto muito.

E desde da quele dia O Pequeno Pricipe e no segundo dia que ele foi la eles disse.

- Vamos visitar outro Planeta e assim eles foram ao outro Planeta. Ela no outro Planeta conheceram outro habitante que era uma grande imaginador de imagens e assim eles imaginara muitas coisas com O pequeno Príncipe foi em bora e ele sempre ia la visitar eles seus melhores amigos e.

Os amigos grande de fato e muito estranhas”, Pensou ele continuando sua viagem tranquilamente e assim eles aprendeu a gosta de dança e de e maginar.

[NC-F-D]

Uma viagem ao planeta saturno

O Oitavo planeta era habitado por um casal muito elegante e a família desse casal morava em outro planeta.

Em um certo dia eles estavam passeando por saturno, e se depararam com um pequeno príncipe, e convidaram para irem para sua casa, e o pequeno príncipe foi para casa do casal, e quando os três chegaram la. Eles se sentaram no sofá para conversar.

E o pequeno príncipe perguntou pela família do casal, e eles responderam entristecidos que todos da sua família moravam em outro planeta, e perguntaram, o que o pequeno príncipe estava fazendo em saturno e ele respondeu que tinha ido conhecer o planeta, e talvez merece lá.

Então o casal perguntou se ele gostaria de morar na casa de casal, e ele respondeu, que aceitava morar com eles, e então eles saíram para brincar, e os três brincaram até anoitecer. Quando anoiteceu, eles entraram para dentro de casa, e a mulher foi fazer um jantar especial, para o pequeno príncipe, enquanto isso o pequeno príncipe estava conversando com o homem na sala.

E logo depois eles foram jantar e o pequeno príncipe pensou. “De fato viajar para saturno é muito legal”.....

[RR-F-D]

O elegante é o principzinho

Em um oitavo Planeta Morava um Homem muito elegante. Ele disse olha um visitante em meu planeta disse o elegante! O pequeno principzinho, Chegou perto dele e perguntou! Quem você é? O elegante respondeu sou o dono desse planeta todo e o principzinho perguntou ! Cadê o pessoal daqui o elegante respondeu;
Só sou eu O príncipezinho falou ah é pensei que tinha muita gente aqui! depois de uma longa conversa O elegante perguntou sou muito elegante não é?
O pequeno principzinho respondeu os adultos são muitos teimosos, é continuou a viagem dele.]

[SM-F-D]

O Planeta da MC!!

O pequeno príncipe já estava no oitavo planeta é lá era habitado por uma MC.
- Opa Opa um jovem aprendiz vem min visitar-me exclamou o MC, mal avistara o pequeno príncipe . Porque para os MCs, os outros mcs são seus fãs.
- Boa noite-
disse o pequeno príncipe. – tuas músicas tem um som engraçado.
- É para animar as pessoas - exclamou a mc.
- Para animar quando me elogiarem-me. Mas infelizmente, não passa muitos visitantes por aqui.
Ah – é?
disse o pequeno príncipe compreendendo um pouquinho.
- Vai batendo suas mãos e algum lugar para fazer um ritmo disse a mc.
O pequeno príncipe bateu as mãos e fez um som lindo.
A mc agradeceu modestamente saudando sua voz linda como forma de agradecimento a o príncipe.
“Ah, essa viagem é a mais legal de todas as outras. É recomendo a bater palmas de novo. É a MC tornou a agradecer, saudando a sua voz que era tão linda, Mas depois de um tempo o pequeno príncipe cansou-se com as mãos de tanto bater aquele som:

- É para souter um falsete aqui é preciso?

- perguntou o pequeno príncipe.

apenas souter um grito super forte.

É verdade que tu min admira? Perguntou ao pequeno príncipe

- Sim ou não?

- “Admirar” significa que você gosta das coisas que fasso.

- Min da esse prazer admira-me a ti mesmo!

- Sim sim eu te admiro – disse o pequeno príncipe – mas paraque serve isso?

E o pricipzinho foi embora.

“ Os MCs dão o seu melhor para ganhar admiradores pensou ele, é seguil sua viagem.

ANEXO F- PRIMEIRA VERSÃO DOS TEXTOS DOS ALUNOS.

[AL-M-PV]

O PEQUENO PRINCIPE E O CAVALO

No oitavo planeta o Pequeno Príncipe conheceu um cavalo ele era muito elegante, era muito alvinho, e era cheroso

Falo o cavalo

- Bom dia! Como vai você? Para onde tá indo?

- estou Bem. – Pra onde está indo. Estou indo para casa.

- como é seu planeta?

- É muito bom porque tem vucão tem rosas e tem flor.

- O então é muito bom mesmo?

- Como você é elegante.

- O brigado. – disse o cavalo.

- você mora por perto? – disse o pequeno príncipe.

- Eu moro muito distante daqui!

- Por que você usa esse cachecol?

- Por eu ganhei da minha mãe!

- A que legal!

em quanto eles conversavam deu um vento muito forte com areias eles procuraram um canto para se esconder. Ficarão com versando lá até o vento para.

[DA-F-PV]

O pequeno príncipe é o cantor

O oitavo Planeta habitado por um cantor. – um admirador me visitar-me: - oi pequeno príncipe!- veio ouvir minha bela voz príncipezinho ah ah!- lá no oitavo planeta todos que passava ia pra visitar tem que escutar uma das minhas belas músicas você que ouvir.

O pequeno príncipe exclamou – claro! bla bla bla quando o cantor terminou de cantar fez uma pergunta o pequeno príncipe. Você gostou? – claro que sim adorei. – mais... - : eu não gosto do ritmo de música assim... –Eu gosto mas de uma zoadá. Ah... – mas

Eu não sei cantar esse ritmo.

- vamos eu vou tentar te ajudar. O príncipezinho falou: - eu não sei cantar mas vou tenta. - vamos. bla bla blaaa...

Você gostou! Sim claro é muito bom esse ritmo. disse o cantor. – vamos cantar mas. – sim. – o pequeno príncipe disse.

- ah eu tenho que ir ma seu adorei cantar com você é poder visitar esse belo planeta é conhecer pessoa legal como ti tchau... - tchau pequeno príncipe disse o cantor.

O príncipezinho voltando sua viagem disse de fatos as cantores são de fatos muitos estranhos mas são muitos legais!

depois de um certo tempo o pequeno príncipe voutou para casa e pensou em como é tão legal comversar,com os animais.

[ED-M-PV]

O oitavo planeta e os dois amigos

- o oitavo planeta era abitado pela os humanos mas hoje vamos falar sobre o Gustavo e quanto ele e um doente com a cara defomada mais ele era simpático mais as pessoas tem medo deles mas um dia algumas pessoas jogaram pedra nele mais foi ai que ele gritou com raiva: porque vocês não me deixa em pais. Mais as três pessoas que tava jogando predra em Gustavo voram embora com medo. – o gustavo estava voltando pracasa mais no caminhu para casa dele é se de parou com príncipezinho e o príncipezinho perguntou: Qual e o seu nome? O Gustavo respondeu: meu nome e Gustavo? E o seu?: a medesculpa pelos os meus modos meu nome e pequeno prinzinpe vamos praminha casa conversar e o Gustavo aceitou e eles voram para a casa do príncipe al chegar a casa do principe o principe perguntou: por que você tem um cara devomada?: Gustavo respondeu quando eu era criança eu estava brincando perto de um avore mais no topo da avore tinha uma caixa de abelhas ai outras crianças tava com uma baladeira ai eles arcertaram caixas de abeilhas e a caixa caiu na minha cabesa vicou 5 minutos da minha cabesa eleque minha mãe chegou e tirou a caixa ela mi levou e medico e quando cheguei la a minha cara tava enchada e voi isso que acomteceu.: Mais voce não pensou em tratar o seu rosto!:Éclaro que sim mais eu não tenho dinheiro.: Émtão eu pagar para você vafaer essa cirugia. E o Gustavo disse: é serio você vai para mi vafer a cirugia eu agradeço muito. – E eles voram pro o ospital vafer a cirugia demorou uma hora para termina e o príncipezinho esperou termina si pasaram uma hora e ogustavo ja tinha acabado de termina a cirugia mais ele precisa de repouso. E no outro dia ele já estava bem e eles saíram dela e voram pracasa do príncipezinho e o gustavo a gradeceu novamente. E eles viraram amigos para sempre.

[GS-F-PV]

Uma Rica com Jóias maravilhosas

Quando ele partiu de sua sétima viagem decidiu continuar de volta a seu pequeno planeta.

Em quanto voltava para casa avistou uma mulher em um planeta não muito grande. Em fim ele se aproximou e falou:

- Ho! Suas jóias são muito lindas.- Disse o principzinho maravilhado.

Ela usava vestes da mais rica seda, um manto feito de fios de ouro, colares e anéis e jóias maravilhosas.

Em tam a rica falou:

- Muito obrigada. – Exclamou a rica se exibindo.

- Mas como conseguistes estas jóias?

- Perguntou o pequeno príncipe.

-Sou muito rica , mas posso comprar quantas eu quiser. – Disse a rica.

- Mas se tu és tam rica porque tu não tens uma mansão, empregados para te servir? Perguntou o principzinho.

-Tu tens razão.- Disse a rica ainda acrescentando:

- Mas quem será o meu empregado? Já sei tu seras, te pagarei toda vez que terminares o trabalho.

- falou a rica.

- Mas eu não quero ser teu empregado.

- Eu só queria ter um amigo.- Disse a rica com ar de tristeza.

- Senhor uma solução porque não viajas comigo podes fazer amigos durante a a viagem.- Disse o pequeno príncipe tentando ajudar.

- Mas abandonar minhas jóias não prefiro ficar aqui.

-Falou a rica.

E o principzinho foi embora pensando: “ A riqueza não traz muita felicidade e as pessoas são muito estranhas.”

[GG-M-PV]

O pequeno prinsepe é o imitador

- no itavo planeta,um imitador. ele fala: tenho visita: o prinsepezinho
- teu planeta e grande: e completou: o que fazes aqui? Sou um imitador! ele se vestia de roupas coloridas: iera muito engrasado! e o prinsepezinho proseguiu, tem algo a fazer? ile me perguntou a mesma coisa”
- que fazes aqui? e o prinsepezinho, perguntou!
- porque repetes, as mesmas coisas, que eu digo? i ele falou: “não sou igual as outras pessoas... i ele olhou para mim” com aqueles,olhos lacrimejantes!.. e prosegui:
- você, e como, uma luz pra mim”. e o prinsepezinho perguntou:
- porque estais tristes? i ele falou:
- porque, tenho nenhum amigo! E você foi a única,pessoa... que vai como luz.. para mim. e o prinsepezinho prossegui:
- e muito dificil”... fazes amizade assim e prinsepezinho seguiu viagem!”.

[HM-M-PV]

Um Novo Amigo

Apos o Pequeno Principe sai do planeta da sétima planeta ele visitou um planeta verde e foi ver se tinha algum abitante.

Quando ele chegou la viu que aquele planeta ira mil vezes melhor que o dele pos tinha um ar puro ele se sintiu no paraíso mas a felisidade dele não durou por muito tempo ele foi atacado por um tipo de animal que ele não conhecia ele teve muita sorte não ter sido devorado grassas a um tipo de aventureiro. O aventureiro disse ao principzinho que aquele animal era conhecida como búfalo e ele não era tão mortal ma faz um grande estrago.

Quando o principzinho estava correndo do bufalo ele penssou como o universo seria sem os animais. O aventureiro se revelou para o principzinho e disse

- Eu nunca conheci ninguem nem tive amigos mas você foi a única pessoa que me ouvil apos 15 anos.
- O príncipe respondel:
- Eu também nunca em toda minha vida tive um amigo de amizade verdadeira. Você quer ser meu amigo para sempre?

E os dois celeram a amizade e o príncipezinho saiu do planeta feliz pois tinha feito uma nova amizade.

Uma boa amizade se aparece do nada

[JJ-M-PV]

O pequeno príncipe e o rapaz.

O oitavo planeta era habitado por um rapaz que usava um terno branco, um sapato social e era bem alto e forte.

- Ah! Ah! Até que fim alguém veio visitar o meu planeta disse o rapaz.
- O pequeno príncipe perguntou? Existe só você neste planeta? – O rapaz respondeu: sim eu moro nesse planeta a mais de 20 anos disse o rapaz.
- O príncipezinho perguntou porque você não resolve em sair desse planeta? respondeu o rapaz: porque eu moro sozinho nesse planeta.
- O pequeno príncipe perguntou e porque você não vai comigo para terra? – o rapaz respondeu: porque eu tenho medo de que aconteça o pior comigo.
- O pequeno príncipe disse não tenha medo eu estou aqui para ajudar.
- O rapaz disse eu irei ficar no meu planeta mesmo.
- O pequeno príncipe foi sincero e disse que mais nunca insistiria em que as pessoas saíssem de seu planeta.

[MF-F-PV]

O dançarino e o imaginador e o Pequeno P.

O oitavo planeta era habitado por um dançarino que era. Muito talentoso que sabia vários passos, e cantava muito bem só que ele sentia muito só e resolveu chamar O Pequeno Príncipe.

- Oi! respondeu o dançarino.
- Porque tu me chamaste disse o pequeno príncipe
- eu! Te chamei para eu te ensinar a dança
- O! Pequeno Príncipe disse eu não gosto de dança.
- O! Pequeno P. disse vamos vamos.

Entam eles começaram a dança e o Pequeno P. aprendeu. Que nenhi sempre de vemos juga antes de fase as coisas entam ele gosto muito

[NC-F-PV]

Uma viagem ao planeta saturno.

O oitavo planeta era habitado por uma casal muito elegante, e a família desse casal morava em outro planeta.

Certo dia o príncipezinho viajou para o planeta saturno, e quando o príncipezinho chegou ao planeta ele começou á andar, e não encontrou ninguém, e ficou um pouco triste, mas continuou andando. E ele vê no alto de uma pedra uma casinha.

Então, ele subiu até o alto da pedra, e quando ele chega lá, ele encontra um casal, e fala:

- oi – disse ele ao casal.

-oi – respondeu o casal.

E eles perguntaram ao príncipezinho:

- O que você está fazendo aqui? ; Perguntou o casal.

- Estou viajando por saturno! : Respondeu o príncipezinho.

E eles convidaram o príncipezinho, para brincar e o príncipezinho, e príncipezinho aceitou. Então eles brincaram até o anoitecer.

Enquanto a mulher preparava o jantar o príncipezinho perguntou ao homem:

- Só mora vocês aqui nesse planeta? : Perguntou o príncipezinho ao homem.

-Sim. A nossa família mora em outro planeta: Respondeu o homem.

E logo depois eles foram jantar e o príncipezinho pensou. “ De fato viajar para saturno é muito legal”...

[RR-F-PV]

O elegante é o príncipezinho

Em um oitavo planeta morava um homem muito elegante. – Ele disse: - olha um visitante em meu planeta disse o elegante!

O pequeno príncipezinho chegou perto dele e perguntou

- Quem você é? O elegante - respondeu – sou o dono disse planeta todo e o príncipezinho perguntou- cadê o pessoal daqui? O elegante respondeu!

- Sô sou eu. O príncipezinho – falou

- Ah é pensei que tinha muita gente aqui: depois de uma longa conversa o elegante perguntou – sou muito elegante não é?

O pequeno príncipezinho – respondeu- os adultos são muitos teimosos, é continuou a viagem dele.

[SM-F-PV]

O planeta da MC!!

O pequeno príncipe já estava no oitavo planeta é lá era habitado por uma mc.

- Opa Opa um jovem apreendis vem mim visita: Exclamou o MCS, os outros MCS seus seus fãs. – Boa noite – disse o pequeno príncipe – tuas músicas tem um som engraçado. – É para animar as pessoas falou o MC.

- Para animar quando mim elogiar mas infelizmente não posso muitos visitantes por aqui: há, é? Disse o pequeno príncipe compreendendo um pouquinho.- vai batendo tuas mãos em algum lugar para fazer um ritmo o mc. Ai pequeno príncipe bateu as mão i fez um um som muito lindo. A mc agradeceu modestamente mas a mc fez muito barulho e ficou com um pequena dor de ouvido. Há está viagem foi a melhor de todas. A mc tornou a agradecer, soubendo sua voz.

, mas depois o príncipe cansou de tanto bater palma,mas a mc não queria parar,então ela se magoou porque pensou que o pequeno príncipe não tinha gostado da sua voz então o pequeno príncipe disse que não era por causa disso,mas sim porque teria cansado.

Mim das este prazer de mim admira,disse a mc

- sim sim te admiro muito mas tenho que ir. E o príncipezinho foi embora.

Lissão: Os mcs dão seu melhor para ganhar admiração.

[DA-F-D]

O pequeno príncipe e o cantor

O outro planeta era habitado por um cantor. - Eu vim aqui quando me visitou - me! - O pequeno príncipe veio ouvir música nela, mas principzinho achou, lá no outro planeta, todos que poderiam já ir visitar um que exibir uma das muitas belas músicas que ele ouvia. O pequeno príncipe exclamou: "Lá lá lá lá lá quando eu canto lemo no de cantor, faz uma pergunta o pequeno príncipe. "Oxi, gostou o pequeno príncipe respondeu claro que sim, adoro e por isso quero que cante outra, como é o nome dessa música. Perguntou o pequeno príncipe ansioso. O cantor respondeu: "Se chama uma aventura amor que legal o nome da sua música! Adoro, vamos logo começa a cantar cantando o pequeno príncipe falou: "Lá lá lá lá lá" e o cantor principzinho da música dela música. "Sim! exclamou o pequeno príncipe. "Ah, lá lá lá lá lá" cantou e depois falou: "Adorei suas músicas depois vou ir para lá visitar!" e o cantor disse: "Tchau, tchau." O principzinho voltando o caminho da sua viagem disse para si mesmo: "Os cantores são de fato muito estranhos, mas de fato são legais."

[ED-M-D]

Il sistema di governo della Repubblica Italiana

Il sistema di governo della Repubblica Italiana è un sistema di governo democratico, basato sui principi di libertà, uguaglianza e solidarietà. È caratterizzato da una struttura di governo che prevede la separazione dei poteri tra il potere legislativo, il potere esecutivo e il potere giudiziario.

Il potere legislativo è esercitato dal Parlamento, composto dalla Camera dei Deputati e dal Senato della Repubblica. Il potere esecutivo è esercitato dal Presidente della Repubblica, dal Consiglio dei Ministri e dai Ministri. Il potere giudiziario è esercitato dal Consiglio Superiore della Magistratura e dai giudici ordinari e straordinari.

Il sistema di governo italiano è basato sul principio di democrazia rappresentativa, secondo il quale i cittadini eleggono i rappresentanti del potere legislativo. Il Presidente della Repubblica è eletto per un periodo di sette anni e può essere rieletto una sola volta.

Il Consiglio dei Ministri è formato da ministri che sono responsabili verso il Parlamento. I ministri sono nominati e dimessi dal Presidente della Repubblica su proposta del Presidente del Consiglio dei Ministri.

Il sistema di governo italiano è caratterizzato da una forte tradizione di democrazia e di partecipazione civica. I cittadini sono chiamati a partecipare attivamente alla vita politica e sociale del paese.

[GS-F-D]

Uma rica com jóias incruvadas

Quando ele partiu de sua sétima viagem, decidiu continuar a viagem por que voltando para casa com quatro voltas para seu planeta pequeno, encontrou um planeta com uma púrpura, ela de vestia com trazes da mãe, rica e de ouro, e usava um manto que era feito por fios de ouro, tinha muitas ilhas e usava calças e omeio magras. Quando ele chegou o pequeno príncipe de aproximou.

- Olá que belas jóias! - disse o pequeno príncipe.

- maravilhosas com todas essas jóias!

- Muito obrigado. Salve a mulher.

- Mas como compraste estas jóias? - perguntou o príncipezinho.

- Eu não sei, comprei pela minha mãe. - Salve a rica, se estiver.

- Então se tu és rica, por que tu não tens um mordomo ou um empregado, como todos os ricos têm? - perguntou o pequeno príncipe.

- Não tens razão. Mas quem diga o meu mordomo já vai. Se disser o meu mordomo, não vou a nada toda vez que terminares todo o trabalho. - Salve a rica.

- Mas eu não quero ter o meu mordomo - disse o pequeno príncipe.

- Eu se quisesse alguém que ficasse comigo - disse com ar de tristeza a rica.

- Sim, uma ideia, porém magras comigo. - disse o príncipezinho.

- Mas não tens que abandonar todas as minhas riquezas.

- Não, não. - disse o príncipezinho.

- Então não irás com este príncipe ficar com as minhas riquezas de que tens comigo.

Então ele se despediu e continuou sua viagem de volta para casa, e continuava pensando como as pessoas grandes são estranhas.

[MF-F-D]

O PEQUENO PRÍNCIPE e DANÇARINHA MÁGICA DO R.

O antigo planeta era habitado por um dançarino e o pequeno príncipe foi convidado para ir na planeta que morava o dançarino. Chegando lá, ele foi convidado para um baile de dança e o dançarino ensinava uma ~~outra~~ dança para o pequeno príncipe gostar muito.

É desde da que ele viu o pequeno príncipe e no segundo dia que ele foi lá ele disse.

- Vamos visitar este outro planeta e assim eles foram ao outro planeta. Lá, no outro planeta eles conheceram outro habitante que ele era um grande imaginador de imagens e assim eles imaginaram muitas coisas. Com o pequeno príncipe foi em volta e ele sempre lá lá visitou eles seus milhares amigos e.

Os amigos grande de fato e muito interessantes; porque ele continuou sua viagem tranquilamente e assim eles aprenderam a gostar de dança e de ~~de~~ imaginar?

[NC-F-D]

Uma viagem ao planeta saturno.

Distância Saturno terra 1,4 bilhões km. Para ir a Saturno é preciso viajar a velocidade da luz.

Em 1979 a espaçonave Pioneer 11 foi a primeira a passar perto de Saturno. Ela descobriu que Saturno tem anéis e que eles são feitos de gelo e rocha.

Em 1981 a espaçonave Voyager 1 chegou perto de Saturno e enviou as primeiras fotos coloridas do planeta e de seus anéis.

Em 1989 a espaçonave Cassini chegou a Saturno e começou a orbitá-lo. Ela está estudando Saturno há mais de 13 anos.

Em 2017 a espaçonave Cassini terminou sua missão e se autodestruziu no planeta Saturno.

Hoje sabemos muito mais sobre Saturno graças às missões espaciais.

FIM!

[RR-F-D]

O elegante e o principzinho

Em um ótimo planeta, Morava um Homem muito elegante. Ele disse para um visitante em seu planeta deseje o elegante! O pequeno principzinho chegou perto dele e perguntou:

Quem você é? O elegante respondeu: sou o dono deste planeta. Toda a principzinho perguntou: onde o pessoal daqui o elegante respondeu:

Eu sou eu. O principzinho falou: ah, é bom sei que tinha muitos gente aqui depois de uma longa conversa o elegante perguntou: sou sou muito elegante não é?

O pequeno principzinho respondeu: os adultos não muito timidez e continuou a viagem dele.

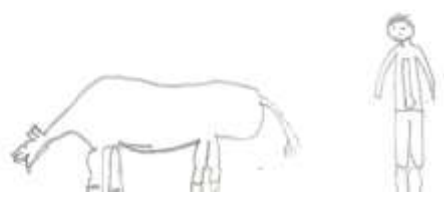
ANEXO F- TEXTOS DA PRIMEIRA VERSÃO DOS ALUNOS

[AL-M-PV]

O Pequeno Príncipe e o Cavalo

no ditado ele diz o Pequeno Príncipe acabou um cavalo
 de um muito bonito e muito divertido, um cavalo
 dele o cavalo
 - Por que ele não vai mais? não pode ir mais?
 - Não pode, - Por que não está mais? - Estava muito bonito
 cara.
 - Como é seu nome?
 - É muito bonito. Porque tem olhos sem rasgos e
 tranquilos.
 - O cavalo é muito bom mesmo?
 - Como não é? É bonito.
 - O brinquedo - olha o cavalo.
 - Vai mais por perto? - Não, ele não se mexe.
 - Eu quero muito de perto dele!
 - Por que não vai um pouco mais?
 - Por que não vai um pouco mais?
 - A que hora?
 Um quarto de hora conversamos dele um pouco muito dele
 com o cavalo e ele conversamos um pouco com os outros.
 depois com o cavalo, ele está o mesmo para
 depois de um tempo todo o Pequeno Príncipe
 queria ver um pouco de conversamos um pouco
 com o cavalo e os outros.

Co. Príncipe



[ED-M-PV]

quest - chistes - humor negro

un chiste es una broma que se cuenta
 para hacer reír a los demás. Es una
 forma de humor que se basa en el
 uso de palabras o situaciones que
 son inesperadas o absurdas. El
 humor negro es un tipo de humor
 que se basa en el uso de palabras
 o situaciones que son ofensivas
 o que tratan temas como la
 muerte, la enfermedad o la
 discapacidad. Este tipo de humor
 es muy controvertido y puede
 ser considerado como una forma
 de discriminación. Sin embargo,
 también puede ser una forma de
 crítica social.



se más tentos de la... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

... (faint handwritten text)

[GS-M-PV]

Uma Rica com jóias maravilhosas

Quando ele partiu de sua sétima viagem decidiu continuar de volta a seu pequeno planeta.

Em quanto voltava para casa avistou uma mulher em um planeta não muito grande. Com fim ele se aproximou e falou:

- He! duas jóias são muito lindas. Disse o principzinho maravilhoso.

Esta mulher vestia do mais rico seda, um manto feito de fios de ouro, colares e anéis e jóias maravilhosas.

Com tom a rica falou:

- Muito obrigado. - Exclamou a rica se voltando.

- Mas como conseguiu estas jóias?

- Perguntou o pequeno príncipe.

- Sou muito rica, posso comprar quantos eu quiser. - Disse a rica.

- Mas se tu és tão rica porque tu não tens uma máquina empregadas para te fazer?

- Perguntou o principzinho.

- Se tens razão. - Disse a rica cuncho acurritando:

- Mas quem seria o meu empregado? - Já sei tu veras, tu só gostas de fazer que te tornares e trabalhar.

- falou a rica.

- Mas eu não quero ser teu empregado.

- Eu só quero ser um amigo. - Disse a rica com ar de tristeza.

- Tenho uma sugestão porque não podes sempre pedir para amigos durante a viagem. - Disse o pequeno príncipe tentando ajudar.

- Mas abandonar minhas jóias não prefiro ficar aqui.

- falou a rica.

o principzinho fez embora pensando "A riqueza não traz muita felicidade e as pessoas são muito estranhas".



[HM-M-PV]

Um Novo Amigo

Agora o Pequeno Príncipe vai se preparar para a viagem de volta para a Terra. Ele sabe que vai encontrar alguém ali. Quando ele chegou ao planeta ele viu que ali havia um jardim com muitas flores. Mas ele não sabia quem era aquele homem. Ele ficou muito triste porque não sabia quem era aquele homem. Ele ficou muito triste porque não sabia quem era aquele homem. Ele ficou muito triste porque não sabia quem era aquele homem.

Quando o príncipe voltou para a Terra ele encontrou um jardim com muitas flores. Mas ele não sabia quem era aquele homem. Ele ficou muito triste porque não sabia quem era aquele homem. Ele ficou muito triste porque não sabia quem era aquele homem.

- Eu nunca conheci ninguém como tu. Quem és tu?
- Sou o príncipe do planeta B-612.
- E tu és um príncipe?
- Sim, sou um príncipe.
- E tu és um príncipe?
- Sim, sou um príncipe.



Eu sou o príncipe do planeta B-612. Eu sou o príncipe do planeta B-612. Eu sou o príncipe do planeta B-612. Eu sou o príncipe do planeta B-612. Eu sou o príncipe do planeta B-612.

Uma boa noite para ti e para todos os que te amam.

[MF-F-PV]

O dançarino e o imaginador do Pequeno P.

Outra Planeta era habitada por um dançarino que era muito talentoso. Ele sabia várias coisas e cantava muito bonito, e que ele praticava muito na residência do Pequeno Príncipe.

- O responsável do dançarino.
- Porque tu me chamas disse o Pequeno Príncipe.
- Eu! te chamei para eu te ensinar a dança.
- O dançarino disse Pequeno Príncipe disse eu não gosto de dança.
- O dançarino disse vamos lá! vai gostar eu prometo.

- O Pequeno Príncipe disse Também vamos.
 Em tom de conversação a dança do Pequeno P. aprendeu. Ele nem sempre de vezes fugiu antes de fazer as coisas em tom de gosto muito.

[RR-F=PV]

O elegante e o principzinho.

Em um novo planeta, morava um homem muito elegante. Ele disse: - Ela não temitante com meu planeta disse o elegante!

O pequeno principzinho chegou perto dele e perguntou:
- Quem você é? O elegante respondeu: - Sou o dono deste planeta todo e o principzinho perguntou: - Onde é o país real daqui? O elegante respondeu:

- É só sou eu. O principzinho falou: - Ah é bonito, eu tinha muito gostava aqui depois de uma longa caminhada. O elegante perguntou: - Não muito elegante não é?

O pequeno principzinho respondeu: - O adulto não muito temer, e continuou a viagem dele.



ANEXO G- TEXTOS DAS VERSÕES FINAIS DOS ALUNOS.

[AL-M-VF]

O pequeno príncipe e o cavalo

No oitavo planeta o pequeno príncipe conheceu um cavalo, ele era muito elegante, era muito alvinho, e era cheiroso. Falou o cavalo:

-Bom dia, como vai você? Para onde está indo?

-Estou bem -Pra onde esta indo.

-Estou indo pra casa.

-Como é seu planeta?

-É muito bom porque tem vulcão tem rosas e tem flor.

-O então é muito bom mesmo?

-Como você é elegante!

-Obrigado-Disse o cavalo.

-Você mora por perto?-Perguntou o pequeno príncipe.

-Eu moro muito distante daqui!

-Porque você usa esse cachecol?

-Porque eu ganhei da minha mãe!

-Ah, que legal!

Enquanto eles conversavam deu um vento muito forte com areias e eles procuraram um canto para se esconder.

Ficaram conversando lá até o vento parar. Depois de um certo tempo, o pequeno príncipe voltou para casa e pensou como é tão legal conversar com os animais.

[DA-F-VF]

O pequeno príncipe e o cantor

O oitavo planeta era habitado por um cantor, ele tinha uma bela voz e era muito legal e inteligente.

-Veio um pequeno e nobre admirador me visitar.

-Oi, pequeno príncipe, tudo bem com você?

-Sim! e você está bem? Olha que quando estava chegando ouvi uma bela voz cantando uma ótima música era você?

-Sim, tenho uma bela voz e gosto de cantar ópera.

-O que é isso?

-Você não sabe o que é isso?

-Não, nunca ouvi falar, mas deve ser legal por que quando eu vinha chegando era uma ótima música.

-Sabe, pequeno príncipe, vou te ensinar a cantar ópera.

-Não eu não sei nem cantar e tenho uma horrível voz, sabe aquela de espantar até mosquito, e pessoas.

-Não, mas quero ensinar a ti.

-vamos!Eu vou cantar com você e verá que minha voz é horrível.

O pequeno príncipe seguiu sua viagem e disse: -os cantores de fatos são estranhos mas tem uma bela voz e quase sempre estão certos quando dizem que faz muito bem cantar.

[ED-M-VF]

O oitavo planeta e os dois amigos

O oitavo planeta era habitado pelo Gustavo e ele tem uma cara deformada amais ele e era muito simpático ele tinha uma roupa simples como uma calça, camisa, um sapato, e num dia conheceu o homem esse homem se chamado Pequeno Príncipe, e o pequeno príncipe perguntou.

-O que houve com seu rosto?

Gustavo respondeu

-Quando eu era criança uma caixa de abelhas caiu na minha cabeça e Ahte hoje tenho esse esse rosto.

O pequeno príncipe disse:

-Nossa! Deve ter sido muito dolorido pra você nesses anos todos.

-Sim, tive muito problema nesses anos eu a te pensei em fazer uma cirurgia no hospital pra fazer alguma coisa para mudar o meu rosto mais eu não tenho dinheiro-valou o Gustavo.

Emtão eu vou pagar pra você fazer essa mudança no seu rosto.

-E serio: falou o Gustavo.

-E sim: falou pequeno príncipe.

-E vai ser hoje que você vai fazer: falou o pequeno príncipe:

-Hoje: falou o Gustavo.

-Mais é claro que sim: Falou Pequeno príncipe.

E eles foram fazer a cirurgia quando eles chegaram lá eles esperaram um pouco para ser a temdindo e o Gustavo vinalmento o Gustavo foi fazer a cirurgia, emquantoisso o pequeno príncipe ficou esperando termina a cirurgia o medico saiu da sala e o pequeno príncipe foi falar com ele.

-Como ele tá: falou o pequeno príncipe

Ele vai ficar bem ele só precisa de um descanso.

-Tá bem.

Então pequeno príncipe foi pra casa.

Depoisde alguns dias o Gustavo estava bem com outro rosto

E o Gustavo agradeceu pelo tudo que ele fez e eles viraram amigos. Gustavo foi pra casa dele e o pequeno príncipe foi pra casa dele pensando “as aparências enganam”.

[GS-F-VF]

Uma rica com joias maravilhosas

Quando ele partiu, de sua sétima viagem decidiu continuar devoltaa seu pequeno planeta.

Emquanto voltava para casa avistou uma mulher em um planeta não muito grande.

Ele foi se aproximando aos poucos e foi percebendo como aquela mulher era. Ela usava vestes da mais rica seda, um manto feito de fios de ouro, colares e anéis feitos de joias maravilhosas.

Emfim ele se aproximou e falou:

- HO! Suas joias são maravilhosas. Disse o Pequeno Príncipe.

- Muito obrigado. Exclamou a rica se exibindo.

- Mas como conseguistes estas jóias? Perguntou o príncipezinho

- Sou muito rica, posso ter quantas jóias eu quiser falou a rica

- Mas se tu és tam rica porque tu não tens uma mansão, empregados para te servir? Perguntou de novo o príncipezinho.

- Tu tens razão. Disse a rica ainda acrescentando:

- Mas quem sera meu empregado? Falou a rica se perguntando.

- Já sei tu seras meu empregado, te pagarei toda vez que terminares o trabalho. Disse a rica.

- Mas ele não quero ser empregado. Falou o príncipezinho.

- Eu só queria ter amigos .Falou a rica com ar de tristeza.

-Tenho uma solução, porque não viajas comigo, podes fazer amigos durante a viagem. Falou o pequeno príncipe tentando ajudar.

- Mas abandonar minhas jóias. Não! Prefiro ficar. Falou a rica com muita altrocidade:

- Então vou embora adeus. Falou o príncipezinho.

E o pequeno Príncipe foi embora pensando: “ A riqueza não traz felicidade e porcausadela as pessoas ficam gananciosas e esquecem do mais importante a felicidade.

[GG-M-VF]

O Pequeno Príncipe e o imitador

O oitavo planeta era coberto de neve e era habitado por um imitador, ele se vestia de roupas coloridas e falava muito engraçado.

-Ah! -tenho visita. falou ele

-gosto muito de receber amigos...

- mas é preciso esperar?

-Hola seja bem vindo ao meu planeta

Eu imagino sempre ter um amigo legal- Falou o imitador.

-Voce e divertido sabia!

- e muito bonito seu planeta:

-eu gosto muito de imitar os outros!

-Você e feliz?-Sem dúvidas...

Mas não sou igual as outras pessoas.

Conheço um planeta perto que podemos viajar!

Mas o príncipinho queria ir embora logo.

-quer ser meu conselheiro? Você pode trabalhar comigo!mas o príncipinho partiu viagem

-e pensou as pessoas assim são estranhas!

[HM-M-VF]

Amizade no planeta estranho

Após o pequeno príncipe sair da sétima ele avistou um planeta diferente ele era verde e grande, quando ele chegou lá ele achou um aventureiro

- Ola! disse o aventureiro

- Oi. respondeu o pequeno príncipe e acrescentou- Quem é você? perguntou o príncipinho

- Eu sou um aventureiro, e você quem é?

- Eu sou um explorador, tem animais no seu planeta?

perguntou o Pequeno Príncipe.

- tem mas eu tento me esconder. Disse o aventureiro

- Por que ? Perguntou o príncipinho

- Porque - eles são selvagens

Enquanto os dois conversaram um Búfalo se aproximava derrubando muitas árvores, no momento em que o aventureiro percebe o búfalo está vindo em sua direção ele empurra o Pequeno Príncipe para longe do conflito infelizmente o aventureiro foi forçado a matar o Búfalo mas por um parte foi até bom ele ter matado assim ele conseguiu comida para comer a noite. Depois do aventureiro mata o búfalo o principzinho agradeceu por salvar a vida dele e foi embora do planeta pensando

O melhor amigo está no canto mas estranho

[JJ-M-VF]

O pequeno príncipe e o rapaz

O oitavo planeta era habitado por um rapaz que usava um terno branco, um sapato social e era bem forte e alto.

- ah! ah! até que fim alguém veio visitar o meu planeta disse o rapaz.
- O pequeno príncipe perguntou: existe só você nesse planeta? O rapaz respondeu: sim eu moro nesse planeta há mais de 20 anos.
- O rapaz perguntou: o que tu fizeste aqui? Eu estou procurando alguém para me ajudar na minha viagem disse o pequeno príncipe.
- O pequeno príncipe perguntou: você não gostaria de vir pra terra comigo? O rapaz respondeu bem triste se for para ajudá-lo eu irei com você.
- O pequeno príncipe perguntou: por que respondeu bem triste? O rapaz respondeu e porque esse planeta é a única lembrança dos meus pais.
- O pequeno príncipe perguntou : você quer ir mesmo comigo? Sim eu irei ajudá-lo
- O pequeno príncipe foi embora com o seu novo amigo e foi pensando foi uma boa ideia ter chamado o rapaz pra ir comigo pra terra.

[MF-F-VF]

O pequeno príncipe e o dançarino

O oitavo planeta era habitado por um dançarino que era muito talentoso, que sabia vários passos e cantava muito bem, só que ele se sentia muito sozinho resolveu chamar o pequeno príncipe.

-Oi! Respondeu o dançarino.

-Por que tu me convidou? -Disse o pequeno príncipe.

-Eu te chamei para eu te ensinar uma bela dança.

-Eu não gosto de dançar.

Dançarino disse:

-Vamos! Você vai gostar. Eu prometo.

O Pequeno príncipe disse:

-Tá bom, vamos.

Eles começaram a dançar e o pequeno príncipe aprendeu que não devemos julgar as coisas antes de experimentar.

[NC-F-VF]

Uma viagem ao planeta saturno

O oitavo planeta era habitado por um casal muito elegante, e a família desse casal morava em outro planeta.

Certodia, o príncipezinho viajou para o planeta saturno, e quando o príncipezinho chegou ao planeta ele começou a andar, e não encontrou ninguém, e ficou um pouco triste, mas continuou andando. E ele continuou andando e vê uma pedra e no alto dessa pedra vê uma casinha.

Então, ele subiu até o alto da pedra, e quando ele chegou lá, ele encontra um casal, e fala:

- Oi! disse ele ao casal.

- Oi! respondeu o casal.

E eles perguntaram ao príncipezinho:

- O que você está fazendo por aqui? perguntou o casal ao príncipezinho.

E eles convidaram o príncipezinho, para brincar e logo ele aceitou. Então brincaram até anoitecer.

Enquanto a mulher preparava o jantar, o príncipezinho perguntou ao homem.

- Só mora vocês aqui nesse planeta? Perguntou o príncipezinho ao homem.

- Sim. Pois a nossa família mora: e mostrou planeta! Respondeu o homem.

E logo depois eles foram jantar, e quando eles terminaram o príncipezinho foi para o quarto de hospeder.

E se deitou na cama e ficou pensando. “ De fato viajar para saturno é muito legal”...

E logo pegou no sono , e no outro dia ele voltou para seu planeta.

[RR-F-VF]

O elegante é o príncipezinho

Em um oitavo planeta morava um homem muito elegante ele disse:

-Olha um visitante em meu planeta! -Falou o elegante.

O pequeno príncipezinho chegou pertodele e perguntou:

-Quem você é o elegante respondeu:

-Sou o dono desse planeta todo, é o príncipezinho perguntou:

-Cadê o pessoal daqui ? O elegante respondeu:

-Só sou eu, O príncipezinho falou:

-Ah é? Pensei que tinha muita gente aqui, Depois de uma longa conversa, o elegante perguntou:

-Sou muito elegante não é?

O pequeno príncipezinho respondeu:

-Você é muito egoísta. O pequeno príncipezinho ficou pensando.

-Esse homem não sabe pensar nos outros, só pensa em si mesmo.

O elegante falou:

-Você quer saber da minha vida demais, mas não sabe nada.

O pequeno príncipezinho falou:

-Não vamos brigar por causa disso , não é?

O elegante respondeu:

-Não vamos brigar não.

O pequeno príncipe falou:

-Os adultos realmente são muitos teimosos, e continuou a viagem.

[SM-F-VF]

O pequeno príncipe e o Palhaço

O pequeno príncipe já estava no oitavo planeta e lá era um planeta pequeno habitado por um palhaço.

- Olha só um pequeno jovem vem min visitar. Exclamou o palhaço. Ele tinha um cabelo vermelho e o rosto bem colorido que era muito alegre.

- Olá! disse o príncipezinho.

-Olá! disse o palhaço muito alegre por ve-lo. O pequeno Príncipe que nunca desistia de um pergunta: Onde está as pessoas do teu planeta ? disse e príncipezinho.

- Não tem Neste planeta só existe eu mesmo disse o palhaço. Estou sozinho nesse planeta ma adoro quando os visitantes vem mim visitar. E novamente o pequeno príncipe que nunca disiste de uma pergunta: Perguntou – Porque gostas quando os visitantes vem lhe vizitar? disse o pequeno príncipe.

- Porque gosto de soltar piadas para fazer amigos Disse o palhaço.

- Então conta uma pra mim: disse o príncipezinho. E o palhaço contou uma piada para o pequeno príncipe.

Os palhaços são seres interessantes para alegrar as pessoas.

ANEXO H- COLETÂNEA DOS CAPÍTULOS SUPLEMENTARES DOS ALUNOS.

O Pequeno Príncipe e o Rapaz

José Jandison

O oitavo planeta era habitado por um rapaz que usava um terno branco, um sapato social e era bem alto.

-Ah, ah! Até que enfim alguém veio visitar o meu planeta- Disse o rapaz.

O pequeno príncipe perguntou:

- Existe só você nesse planeta?

- Sim. Eu moro nesse planeta há mais de vinte anos.

O rapaz perguntou:

- O que tu fazes aqui?

O pequeno príncipe respondeu:

- Eu estou procurando alguém para me ajudar na minha viagem.

-Você não gostaria de ir comigo para a Terra? - Perguntou o príncipezinho.

- Se for para ajudá-lo, eu irei contigo- Disse o rapaz tristemente.

- Por que você respondeu bem triste?

-É porque esse planeta é a única lembrança que tenho dos meus pais.

-Você quer mesmo ir comigo para a Terra?

-Sim. Eu irei ajudá-lo na sua viagem.

O príncipezinho foi embora com seu novo amigo e foi pensando “é sempre bom dar uma chance aos seus novos amigos”.



O Pequeno Príncipe e o Cavalo

Adiler Lucas Targino Alves



No oitavo
príncipezinho
Ele era muito
Disse o cavalo:

planeta, o
conheceu um Cavalo.
elegante e cheiroso.

- Bom dia! Como vai você? Para onde está indo?
- Estou bem. Estou indo para casa.
- Como é seu planeta?
- É muito bom porque tem vulcões e uma rosa.
- Oh! Então é muito bom mesmo!
- Como você é elegante!
- Obrigado-disse o Cavalo.
- Você mora por perto? -Perguntou o príncipezinho.
- Eu moro muito distante daqui!
- Por que você usa esse cachecol?
- Porque eu ganhei da minha mãe.
- Ah, que legal!

Enquanto eles conversavam, deu um vento muito forte com areias, então, eles procuraram um lugar para se esconder. Ficaram conversando lá até o vento parar. Depois de um certo tempo, o pequeno príncipe voltou para casa e pensou “como é legal conversar com os animais”.

O Pequeno Príncipe e o Palhaço

Sidmary Maria

O príncipezinho já estava no oitavo planeta que era habitado por um Palhaço. Este tinha um cabelo vermelho, o rosto bem colorido e era muito alegre.

-Olha só! Um pequeno jovem veio visitar-me! -Exclamou o Palhaço.

-Olá! -Disse o pequeno príncipe.

-Olá! - Respondeu o Palhaço, muito alegre por vê-lo.

O pequeno príncipe que nunca desistia de uma pergunta, perguntou:

-Onde estão as pessoas do teu planeta?

-Não tem. Neste planeta só eu existo. Estou sozinho aqui, mas adoro quando recebo visitas.

E novamente, o pequeno príncipe que nunca desistia de uma pergunta, perguntou:

-Por que gostas quando recebes visitas?

-Porque gosto de contar piadas para fazer novos amigos.

-Então, conta uma piada pra mim.

“Os palhaços são seres interessantes para alegrar as pessoas.”



O Príncipezinho e o Dançarino

Marília Gabriela

O oitavo planeta era habitado por um dançarino que era muito talentoso. Ele sabia vários passos de dança e cantava muito bem. Ocorre que ele se sentia muito sozinho e resolveu chamar o pequeno príncipe.

-Oi! - Disse o dançarino.

-Por que tu me convidaste? -Perguntou o príncipezinho.

-Eu te chamei para te ensinar uma bela dança.

-Eu não gosto de dançar.

-Vamos! Você vai gostar. Eu prometo.

-Tá bom. Vamos.

Eles começaram a dançar e o pequeno príncipe aprendeu que não devemos julgar as coisas antes de experimentá-las.



O Pequeno Príncipe e o jogador Cristiano Ronaldo

José Fernando Pereira

O oitavo planeta era habitado por um jogador que jogava no Real Madrid. Ele chamou o príncipezinho para jogar em um campo de futebol. O pequeno príncipe ficou feliz e disse:

-Eu não sei jogar futebol. Você me ensina a jogar, Cristiano Ronaldo?

-Claro que eu ensino! Você deve ter alguns talentos, pequeno príncipe.

-Jogador, quando nós vamos ao campo?

Ele, orgulhoso do príncipezinho, disse:

-Nós vamos amanhã.

Chegou o dia de ir para o campo e o pequeno príncipe estava muito nervoso porque não sabia jogar e queria aprender. Ao chegarem ao campo, o príncipezinho disse:

-Nossa! Que lugar bacana, jogador.

-É mesmo! Eu treino aqui com o meu treinador e amigos.

Eles começaram a jogar, mas o pequeno príncipe não foi muito bem. Depois de um mês, ele aprendeu a jogar.

Após ter aprendido, o príncipezinho quis ir embora, mas Cristiano Ronaldo não queria que ele fosse.

-Venha comigo. Pode entrar no meu time- Disse o jogador.

-Cristiano Ronaldo, não posso. Agora que aprendi a jogar, tenho de ensinar aos meus amigos.

Então, o pequeno príncipe foi embora pensando que as pessoas grandes podem ser boas e podem ensinar algumas coisas que nós, os pequenos, não sabemos.



Uma viagem ao planeta Saturno

Nathália Conceição



O oitavo planeta era habitado por um casal muito elegante. A família desse casal morava em outro planeta.

Certo dia, o príncipezinho viajou para o planeta Saturno e quando chegou lá, começou a andar, mas não encontrou ninguém. O pequeno príncipe ficou um pouco triste, mas continuou andando e viu uma pedra com uma casinha no alto dela. Então, ele subiu até lá. Ao chegar, encontrou um casal e falou:

-Oi!

-Oi- Respondeu o casal.

-O que você está fazendo por aqui?

-Estou viajando por Saturno-Respondeu o príncipezinho.

Eles convidaram o pequeno príncipe para brincar e este logo aceitou. A brincadeira só terminou quando anoiteceu.

Enquanto a mulher preparava o jantar, o príncipezinho perguntou ao homem:

-Só moram vocês aqui nesse planeta?

-Sim, pois a nossa família mora em outro planeta.

Em seguida, eles foram jantar, e quando terminaram, o príncipezinho foi para o quarto de hóspedes. Deitou-se na cama e pensou “de fato, viajar para Saturno é muito legal.”

E logo pegou no sono....
No outro dia, ele voltou para sua casa.

O Pequeno Príncipe e o Cantor

Débora Adélia

O oitavo planeta era habitado por um cantor. Ele tinha uma bela voz e era muito legal e inteligente.

-Veio um pequeno e nobre admirador me visitar.

-Oi, pequeno príncipe, tudo bem com você?

-Sim! E você está bem? Olha que quando estava chegando ouvi uma bela voz cantando uma ótima música. Era você?

-Sim. Tenho uma bela voz e gosto de cantar Ópera.

-O que é isso?

-Você não sabe o que é isso?

-Não. Nunca ouvi falar, mas deve ser legal por que quando eu vinha chegando, era uma ótima música.

-Sabe, pequeno príncipe, vou te ensinar a cantar Ópera.

-Não! Eu não sei cantar e tenho uma voz horrível. Minha voz espanta mosquitos e pessoas.

-Não, mas quero ensinar a ti.

Então, resolveram cantar e o príncipezinho disse:

-Vamos! Eu vou cantar com você e verá que minha voz é horrível.

Depois de cantarem, o pequeno príncipe seguiu sua viagem pensando “os cantores, de fato, são estranhos mas têm uma bela voz e quase sempre estão certos quando dizem que cantar faz bem.”



Viagem ao planeta desconhecido

João Victor Paulino Diniz



O oitavo planeta era pequeno, com muitas árvores e animais estranhos. Nele habitava um mago. Ele era muito estranho, era baixo, vestia uma capa azul e tinha uma barba muito engraçada.

- Ah! Um humano no meu planeta! Oi, amigo- Disse o mago.

-Olá, mago

-O que veio fazer aqui?

-Vim explorar esse planeta.

-Ah, tá! Vamos, eu irei mostrá-lo.

O mago mostrou ao príncipezinho todo o planeta. Ao voltar para a nave, o visitante percebeu que ela havia quebrado.

-Ah, não! - Disse o pequeno príncipe.

-Como posso te ajudar, humano?

-Você pode me ajudar consertando a minha nave. Senão, como voltarei para casa?

-Não se preocupe, príncipezinho, consertarei para você.

-Muito obrigado!

- Mas há uma condição, me leve com você para o seu planeta.

-Tá. Eu levo. Só me ajude. - Respondeu o pequeno príncipe com preocupação.

Após algumas horas, o mago conseguiu consertar a nave do pequeno príncipe.

-Está pronta- Disse o mago.

-Então, vamos para o meu planeta agora.

Ao chegarem no planeta do príncipezinho, este disse com muita felicidade:

-Chegamos! Agora vamos para minha casa comer.

Enquanto caminhavam até a casa, o príncipezinho pensou que “fazer amigos não é difícil, apenas temos de respeitá-los. ”

O Elegante e o príncipezinho

Rayssa Richelly Trajano Júnior

Em um oitavo planeta morava um homem muito elegante. Ao ver o pequeno príncipe se aproximando, disse:

-Olha! Um visitante em meu planeta!

-Quem é você?

-Sou o dono de todo esse planeta.

-Cadê o pessoal daqui?

- Apenas eu moro aqui.

-Ah, é? Pensei que havia muita gente morando nesse planeta.

Após uma longa conversa, o elegante perguntou:

-Sou muito elegante, não é?

-Você é muito egoísta. Não sabe pensar nos outros, só em si mesmo- disse o príncipezinho.

-Você pensa que sabe muito da minha vida, mas não sabe nada! - Respondeu o elegante.

-Não vamos brigar por causa disso, não é?

-Não.

Pouco tempo depois, o pequeno príncipe foi embora refletindo sobre a teimosia dos adultos.

A Jardineira e o Pequeno Príncipe

Kaik

O oitavo planeta era um lugar cheio de flores e árvores. Ele era habitado por uma Jardineira muito alegre e, por sinal, bonita. O pequeno príncipe, entusiasmado, foi falar com ela:

-Bom dia!

-Bom dia!

-Que fazes aqui em meu planeta? - Perguntou a jardineira.

-Estava passeando por aí e achei o seu planeta muito lindo e resolvi parar por aqui- Respondeu o príncipezinho.

-Ah! Então você conhece jardinagem, não é?

-Não, mas você é alegre, não é mesmo?

-Não. Meu planeta tem pouca água e isso é um problema. Não posso dar água às minhas plantas.

Então o pequeno príncipe pensou “ E se ela tivesse só uma planta? ”

-Você já pensou em ter uma planta para si mesma?

-Não.

-Pois cultive uma e regue-a, assim, você terá uma planta para sempre.

Essa ideia do pequeno príncipe foi útil. Enquanto ela cultivava sua planta, o príncipezinho se preparava para ir embora, então, ela lhe deu uma flor e ele foi para casa alegre...

“Por que as pessoas são tão humildes? ”, repetia para si durante a viagem de volta.

O Pequeno Príncipe e o imitador

Guilherme de Souza Gomes



O oitavo planeta era coberto de neve e era habitado por um imitador. Ele se vestia de roupas coloridas e falava muito engraçado.

-Ah! Tenho visita. Gosto muito de receber amigos, mas é preciso esperar.... Eu imagino sempre ter um amigo leal- Falou o imitador.

-Você é divertido, sabia? E seu planeta é muito bonito. - Disse o príncipezinho

-Eu gosto de imitar os outros.

-Você é feliz?

-Sem dúvidas, mas não sou igual as outras pessoas.... Conheço um planeta perto daqui que poderíamos visitar.

Porém o pequeno príncipe queria ir embora o mais rápido possível e o imitador percebeu isso. Para evitar a partida de seu visitante, o imitador propôs:

-Quer ser meu conselheiro?

-Não, obrigada, preciso voltar para a minha casa.

O príncipezinho seguiu viagem pensando “As pessoas grandes são assim...estranhas”.

Uma rica com joias maravilhosas

Gisely Stafany Silva Henrique

Quando ele partiu de sua sétima viagem, decidiu voltar para seu pequeno planeta.

Enquanto voltava para casa, avistou uma mulher em um planeta não muito grande. Ele foi se aproximando aos poucos e foi percebendo como aquela mulher era. Ela usava vestes da mais rica seda, um manto feito de fios de ouro, colares e anéis feitos de joias maravilhosas.

Enfim, ele se aproximou e falou:

-Oh! Suas joias são maravilhosas- Disse o Pequeno Príncipe.

-Muito obrigado-Exclamou a rica se exibindo.

-Mas como conseguiste estas joias? - Perguntou o príncipezinho.

-Sou muito rica, posso possuir quantas joias eu quiser-Falou a rica.

-Mas se tu es tão rica porque tu não tens uma mansão, empregados para te serve? -Perguntou de novo o Pequeno Príncipe.

-Tu tens razão-Disse a rica.

“Mas quem será o meu empregado? ”, perguntou-se a rica.

-Já sei tu serás meu empregado, e pagarei todas as vezes que terminares o trabalho-Disse a rica.

-Mas eu não quero ser teu empregado-Disse o príncipezinho.

-Eu só queria ter alguém para me fazer companhia, eu me sinto muito solitária-Falou a rica com ar de tristeza.

-Tenho uma solução, porque não viajas comigo, podes fazer amigos durante a viagem-Falou o Pequeno Príncipe tentando ajudar.

-Mas abandonar minhas joias, não! Prefiro ficar-Falou a rica com muita autoridade.

-Então vou embora-Falou o príncipezinho.

E o Pequeno Príncipe se foi pensando “ A riqueza não traz muita felicidade. Por causa dela, as pessoas ficam gananciosas e esquecem do mais importante, a felicidade”.



Amizade no Planeta estranho

Humberto Machado de Souza

Após o pequeno príncipe sair do sétimo planeta, ele avistou um planeta diferente, ele era verde e muito grande. Quando ele chegou lá achou um aventureiro.

-Olá! -Disse o aventureiro.

-Oi! Quem é você? -Perguntou o príncipe.

-Eu sou um aventureiro, e você quem é? -Perguntou o aventureiro.

-Eu sou o pequeno príncipe. Tem animais no seu planeta? -Perguntou príncipezinho.

-Tem, mas eu tento me esconder deles, pois eles são muitos selvagens- Respondeu o aventureiro.

Enquanto os dois conversavam, um rinoceronte se aproximou derrubando muitas árvores.

No momento em que o aventureiro percebeu, ele empurrou o pequeno príncipe para longe do conflito. Infelizmente o aventureiro foi forçado a matar o animal, por uma parte foi até bom, pois ele conseguiu comida para muitos dias. Depois do aventureiro matar o rinoceronte, ele foi ajudar o pequeno príncipe a se levantar, quando príncipezinho se levantou, ele agradeceu ao aventureiro por te salvado a vida dele e foi embora, pensando

“ Os melhores amigos estão no canto mais estranho”



O oitavo planeta e os dois amigos

Eric Diego

O oitavo planeta era habitado pelo Gustavo. Ele tinha a cara deformada, mas era simpático. Ele usava uma roupa simples como uma calça, camisa e um sapato.

Um dia, ele conheceu o pequeno príncipe que lhe perguntou:

-O que houve com seu rosto?

- Quando eu era criança uma caixa de abelhas caiu na minha cabeça, por isso eu tenho esse rosto.

-Nossa! Todos esses anos devem ter sido difíceis para você.

-Sim, tive muitos problemas. Pensei até em fazer alguma coisa para mudar o meu rosto, mas não tinha dinheiro.

-Então, eu pagarei para você realizar essa mudança.

-É sério?

-Sim. E você fará essa mudança hoje.

Eles foram ao hospital para realizar o procedimento cirúrgico. Ao chegarem lá, tiveram de esperar para serem atendidos. Certo tempo depois, Gustavo entrou na sala de cirurgia. Enquanto isso, o príncipezinho esperou o fim do procedimento. Quando o médico saiu da sala, o pequeno príncipe o abordou e perguntou:

-Como ele está?

-Ele ficará bem. Só precisa de um descanso.

-Tudo bem.

O príncipezinho foi para casa em que ele estava hospedado.

Após alguns dias, Gustavo estava bem e com outro rosto. Eles se reencontraram e o menino agradeceu tudo que o pequeno príncipe fez. Eles se tornaram amigos. Gustavo foi para sua casa e o príncipezinho voltou ao seu planeta pensando “as aparências enganam”.